

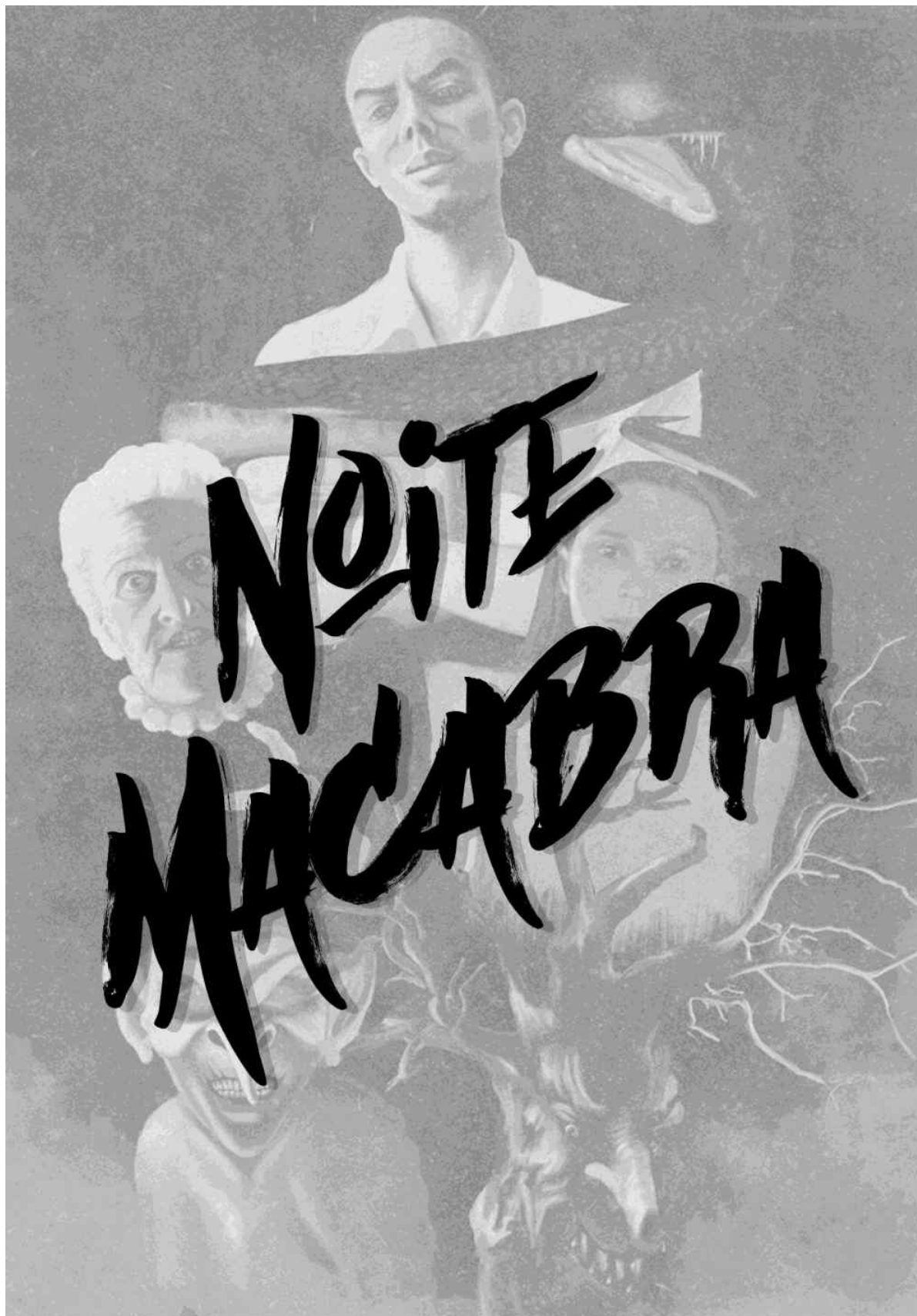
Raul Dias

ORGANIZADOR



NOITE MACABRA





NOITE MACABRA



Copyright © 2018
Todos os direitos reservados.

Organizador
Raul Dias

Coorganização e Diagramação
Robson Gundim

Revisão
Renata Maggessi

Ilustrações
Rafaela Villela

Capa e designer gráfico
Mufasa Cloud

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos autores

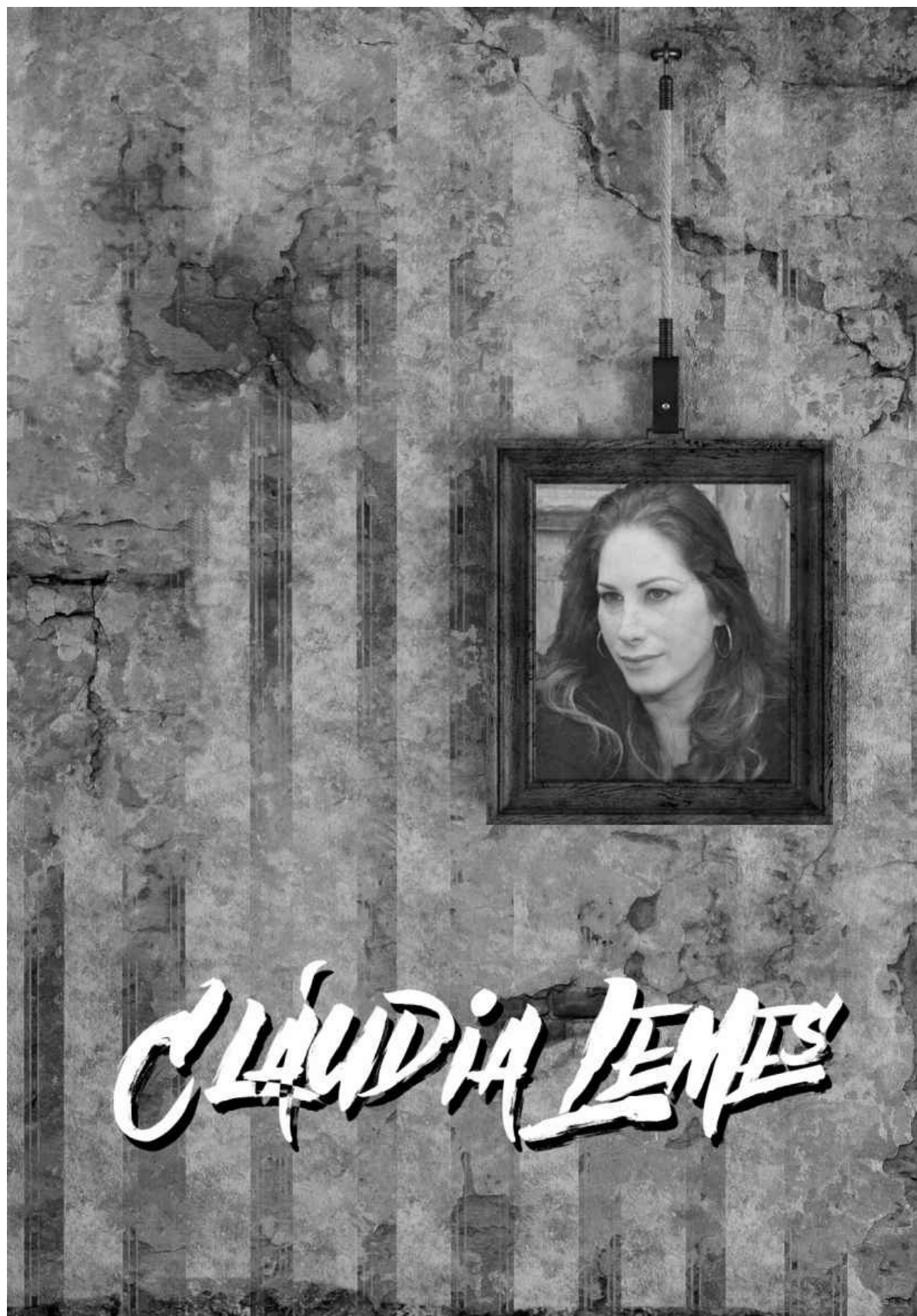
MEMORIAL FUNEBRE



EM MEMÓRIA A TODOS AQUELES QUE JÁ
ESTÃO MORTOS MESMO ESTANDO VIVOS.

*Não sei como isso se deu, mas com o primeiro vislumbre da edificação
Uma sensação de insuportável tristeza invadiu a minha alma.
Eu olhei desde a paisagem simples dos domínios das paredes dissolutas
Até os troncos brancos das arvores em decomposição
Com uma absoluta depressão na minha 'alma.
Havia uma frigidez...
Uma doentia morbidez no coração.*

A QUEDA DA CASA DE USHER – EDGAR ALLAN POE



CLÁUDIA LEMES



PREFÁCIO

Laudó Médico

PACIENTE 00.201

Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

São Paulo - S.P.

Laudos#: 3786

Paciente#: 201 - Cláudia Sobreira Lemes

Responsável: Dra. Alana Schering

Data: 22/12/2018

Anotações:

Essa foi a quinta sessão da paciente comigo, transferida após o incidente com o Dr. José Lima Alves, no qual a paciente, num surto violento, enfiou uma caneta esferográfica no pulmão do meu estimado colega. Ela recebeu sedativos e, numa reunião coordenada pelo Dr. Simões e a diretora Sâmia Nunes, foi decidido que eu cuidaria do caso. Li todas as entrevistas anteriores, desde a data da internação, 1 de novembro de 2018, e as anotações e gravações do Dr. Alves. Faço abaixo um resumo das minhas impressões.

De forma resumida, Cláudia Lemes está sofrendo de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (DSM-5 309.81) causado pela morte violenta e suspeita de seus colegas. Esse diagnóstico se deu pelos seguintes fatores:

01. Lembranças intrusivas e angustiantes, recorrentes e involuntárias do evento traumático.
02. Sonhos angustiantes recorrentes nos quais o conteúdo e/ou o sentimento do sonho estão relacionados ao evento traumático.
03. Reações dissociativas (p.ex. *flashbacks*) nas quais o indivíduo sente ou age como se o evento traumático estivesse ocorrendo novamente, entre outros sintomas constantes e repetitivos. (RETIRADO DO DSM-5)

Nas sessões onde a paciente Cláudia está tranquila, ela fala com afeto sobre os escritores que foram assassinados na mansão na noite de 31/10/2018. O Dr. Alves relatou diversas entrevistas na qual a paciente foi agradável e cooperativa, mas também fez anotações mais recentes sobre as mudanças graduais e inexplicáveis em seu comportamento, entre elas: conversar sozinha, como se com outras pessoas; autoflagelo; períodos catatônicos; enxaqueca; pesadelos intensos e crescente hostilidade contra os funcionários deste instituto, culminando no ataque ao próprio médico, que ela chamou de "demônio".

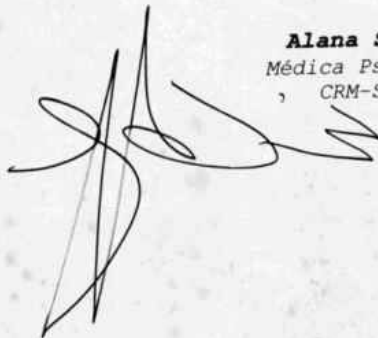
Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

Eu sugiro novos testes cognitivos e proponho, depois de algumas entrevistas com a paciente, métodos alternativos para que fique mais aberta a diálogo. Ela precisa enfrentar o ocorrido. Sugiro que faça breves leituras de seus próprios livros, e depois dos livros dos colegas falecidos, para que possamos avaliar como ela reage a certas palavras e cenários com cunho de suspense e horror. Talvez isso traga lembranças, motive algum tipo de reação lúcida com a qual possamos trabalhar. Minha teoria é a de que a paciente está sofrendo de "**Culpa de Sobrevivente**", síndrome do diagnóstico inicial de Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Devo lembrar de que ela foi convidada ao evento naquela noite, mas desistiu de comparecer na última hora. Ela, no entanto, correu para o lugar quando soube da notícia, e viu os corpos sendo retirados pelos paramédicos, e foi quando o primeiro surto aconteceu.

Desejo empregar meus próprios métodos experimentais, descritos no **ANEXO 36**, que consistem em experiências agradáveis e desagradáveis, feitas na paciente, de forma a observar suas respostas às mesmas perguntas sobre aquela noite. Há descrições detalhadas de cada experiência no anexo em questão.

Conclusão:

Recomendo que seja concedido meu desejo de usar terapias experimentais para tratar a paciente. Incluo o **ANEXO 01** ao **ANEXO 34**, os laudos e anotações originais do falecido Dr. Alves, assim como o **ANEXO 35**, lista de materiais que usarei para a terapia experimental.



Alana Schering
Médica Psiquiatra
, CRM-SP 48.392

Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

Instituto de Psicologia Integrada Hoyt-Simões

ANEXO 35

- Luvas de borracha e avental de plástico
- Algodão
- Cabos elétricos e bateria
- Fotos de cachorrinhos, gatinhos e vaquinhas em paisagens bucólicas
- Uma pasta de plástico tamanho A4
- Fotos de cenas de crime
- Exemplares dos livros escritos pelos colegas mortos
- Exemplares dos seus próprios livros mais violentos
- 03 canetas BIC, do mesmo modelo que ela usou contra o Dr. Alves
- Fotos da mansão
- Fotos dos colegas assassinados
- Aquarela, pincéis em tamanhos diversos e 9 telas 20cm x 30cm
- Música clássica: Chopin e Mahler
- Pinça hemostática curva
- Bisturi de argônio
- Afastador de Volkmann
- Isqueiro

INTRO

EPÍSTOLAS RETIRADAS DO DIÁRIO DO ANFITRIÃO



Toda história tem uma origem, e a minha não seria diferente. Antes que descubram como tudo isso acaba, quero que saibam como tudo começou. Como a pequena aranha que teceu sua teia em silêncio, à espera de sua mosca, quero contar como me tornei o dono desta mansão decrepita e esquecida, que mais se parece com a ilustre casa de Usher. Quero contar como convivi anos com o mal que aqui se esconde e sussurra nomes dia e noite. Quero contar o motivo que nesta noite macabra, noite do diabo, convidei treze amigos do passado a fim de comemorar o Halloween em uma festa memorável, celebrando os velhos tempos. Como eu me tornei o alvo e como eu me tornei o escolhido? Costumo dizer que há maravilhas a serem descobertas que nem toda vã sabedoria humana ou as descobertas fantásticas da ciência são capazes de explicar. E sobre a poderosa religião? Nem tudo ela domina. Dentre um milhão de sentenças, existe apenas uma verdade absoluta, embora ela seja muito ácida, crua e densa: todos nós já estamos mortos.

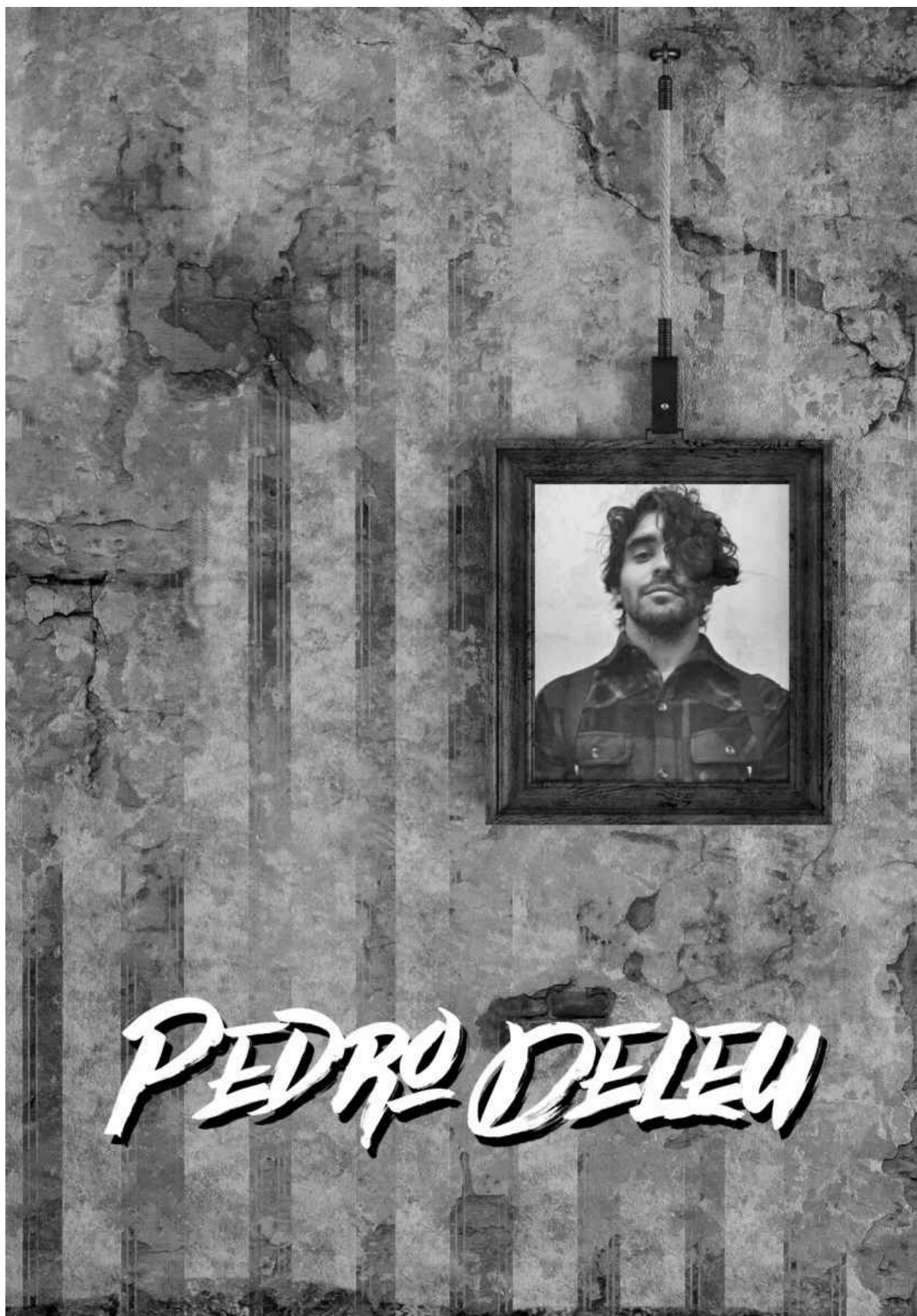
Sim, estamos condenados ao fracasso, assim como a lenha está destinada à queda ao ser condecorada com o mais denso corte do machado. Estamos mortos desde o nascimento, praguejados pelos paradigmas, indiferenças, preconceitos e intolerâncias. Estamos todos fadados a viver nesse inferno cheio de vislumbres, e a caminhar por esse vale de lágrimas. Perdoe-me se fui

muito direto. O mundo está acostumado com tabus e se essa simples verdade lhe causa espanto, devo-lhe afirmar que o problema não está no que eu prego, e sim na realidade ou visão de mundo que lhe foi concebida. Acredite, isso não é um problema meu. Em suma, percebo que é apenas uma questão de aceitação. Um ajuste pequeno a ser configurado. Quer exemplos? Um bebê nasce trazendo sorrisos, mas em fronteiras distantes, vinte meninos se suicidam na China por não serem aceitos aos padrões de perfeição. A loucura ainda beija muitos lábios. O peso do fardo ainda empurra multidões para baixo. Sobreviver não é mais uma opção quando a sanidade se esvai. Esse é o ato mais bravo de coragem. Enquanto os ancestrais se arrastam à espreita tragando todos com sua escuridão, todos nós nos odiamos: *os filhos contra os pais. Os pais contra os filhos. O amigo é rival fingido, e nós também somos um secreto inimigo.*

Na mesa ainda partilhamos os pães, em retrato à santa ceia, enquanto os mais íntimos partilham beijos falsos em memória de um antigo traidor. Ao redor temos doze amigos, vários companheiros, mas o afago ainda continua sendo a véspera do esgarço.

Logo após tudo sofre um santo declínio, e o martírio acaba em expiação para todos os pecados. Estamos mortos e abandonados neste mundo onde jazem as sombras. Os ancestrais antigos se erguem como a besta que sobe do mar. A depressão se alastra, os distúrbios, as tribulações e traições. Tudo nesse mundo é pó do pó.

Nós estamos sós.



PEDRO DELLEN



FÉDE À ESPERANÇA



Aconteceu no Halloween, há muito tempo, quando a cidade ainda estava enfeitando as janelas com abóboras. Algumas pessoas eram ignorantes o bastante para repudiar a festa de origem estrangeira. Ora, mas me pergunto em meu silêncio: como podem ter tanta aversão a uma data, sendo o valentines day um evento de origem estrangeira?!

Talvez seja porque é mais fácil celebrar o amor ao invés do ódio, celebrar a vida ao invés da morte, mas tudo aqui, neste mundo perene, jaz nas mãos do abandono. Eu sabia exatamente onde todas as coisas iriam parar, mas como todos sabem, eu apenas rolo os dados. As escolhas não são minhas. Há muitas lembranças aqui, entre os mundos paralelos e véus.

Leonnita, a velha que perdera a filha, Charlotta, havia se tornado uma mulher insuportavelmente arrogante no decorrer dos anos. Uma velha viúva à mercê da solidão nos escombros de uma mansão velha. Tanto dinheiro acumulado durante a vida, de nada lhe valeu. Talvez tenha sido por isso, sua petulância contra Deus, não aceitava as coisas simplesmente como elas são. Não aceitava o ciclo a ser seguido.

Nascer, crescer, morrer.

Sorrir, ferir, partir.

Mas como disse, há muitas lembranças aqui. Obscuras demais até mesmo

para mim. No entanto, eu sei que alguém precisa cumprir essa missão. Passo meu batom escuro, coloco meu véu negro e me dirijo àquela mansão antiga onde tudo aconteceu. Durante minha transição, até a chegada do local, vou remontando o quebra-cabeça imaginário. Nessas paredes há lembranças demais. Há medo, há dor e há perda. Há também a solidão daqueles que partiram sem uma garantia de um regresso.

Pronto.

Eis que bato à porta, mas uma senhora como eu não precisa de convite. Apenas entro sem alarde e, em segundos, todos os cenários retornam ao passado. Vejo a casa movimentada novamente, as pessoas correndo de um lado a outro, buscando ajuda em um surto de loucura. Adentro o quarto parcialmente iluminado, onde Charlotta cuidadosamente borrifava sobre a pele as últimas gotas de beladona. Ela sabe dos riscos, ela conhece as consequências.

Sua mão passeia pela barriga, ainda tímida. Em breve essa barriga crescerá e ela não poderia mais esconder. Em segundos, sua mãe invade o quarto, chorando aos prantos. Olho no relógio dourado, que pontualmente marca 18 horas. Ambas se abraçam e ali a dor e o medo invadem o ambiente. Seu pai acabara de falecer, depois de uma luta penosa contra o Alzheimer e tantas outras doenças. Que descanse em paz.

Saio descrente pelos cômodos, ainda pensativa sobre o que acabo de ver.

Concluo que tudo é frágil, até mesmo as pétalas tão singelas de uma rosa que desabrocha sobre o criado mudo. Tudo aqui é trivial

Minha visita segue sem ser notada e, ao abrir uma nova porta no fim do corredor, estamos em uma época de ouro, onde as dores do passado são substituídas por outras. Estamos no exato momento em que tudo na vida de Leonitta desandou.

Estamos na noite fatídica em que Charlotta acaba de dar à luz a sua pequena menina. E logo em seguida, vem a falecer. Novamente olho o relógio dourado. Já são 18:00h, a hora das Ave Marias. Que descanse em paz. Ao trancar a porta, ouço o grito estridente da mulher que, em apelo ou desespero, clama por seu Deus. Ela o insulta e o interroga onde Ele está agora, que sua filha foi arrancada de seus braços.

Podre mulher. Deus é Deus. Quem seria ela para questionar tal decisão, Daquele que tem poder sobre tudo? Ele permanece em silêncio nesse instante. Embora ele esteja no mesmo lugar em que permaneceu quando a humanidade

matou o filho dele também.

Meu passeio pela casa já está quase no fim.

Abro mais tantas portas, transito por lembranças de épocas diferentes. Leonitta desabou em seu regresso. Suas doutrinas definharão assim como a sua vida, e a criança, já está crescida e sabida, embora tenha crescido com a culpa pela morte da mãe.

Gostaria de contar a ela que a causa mortis de sua amada falecida foi devido ao envenenamento voluntário com beladona, mas como disse anteriormente, nada posso fazer. Resta-me observar. Resta-me aprender com eles, como as coisas tendem a se findar.

Tanta dor, tanto lamento, aos poucos trazem a mansão às sombras do desconhecido. A alegria aqui foi extinta, e tudo pende a ser o final, mas estou aqui por um motivo... e já faz tantos anos, que preciso agir. Aqui não é lugar para ela estar. Estou decidida a salvá-la. Levá-la dessa tristeza soturna.

Abro a porta branca no andar de baixo e a vejo encolhida em sua cama. Está com roupas de dormir. É loira, bonita e concluo que, apesar de ser tão pequena, esse lugar fede à esperança. Percebo também que permanece assustada. Momentos atrás, a velha avó entrou nesse quarto para surrá-la por seus pecados, para condená-la de ter levado para os abismos da sepultura sua falecida Charlotta.

Entro sem alardes.

Ela me observa enquanto me aproximo.

— Olá... quem é você? — Ela parece doce no primeiro contato.

— Sou uma velha conhecida, minha criança. Eu vim buscá-la. Tirá-la desse lugar. — Devo confessar que essa é a primeira vez que me sinto emocionada.

— A vovó me odeia... e... eu vejo coisas aqui. A todo tempo, eles me assombram. — Ela confessa.

— Ah, minha querida... — Sinto vontade de pegá-la em meus braços, mas não posso fazer. Não agora. Preciso que ela saiba de tudo... e então decida. — Escute, minha criança, você não sabe quem eu sou, mas eu conheço você.

Conheço bastante sobre sua família, a ponto de conhecer também esses seres que a acompanham nessa morada, desde o seu nascimento.

O ambiente aqui está frio. Com as mãos, tento me aquecer. Aqui fede à esperança.

— Perceba, criança, algumas pessoas neste mundo estão destinadas à grandeza, destinadas a viver vidas felizes e gratificantes. Você, receio, não é uma dessas pessoas, está na hora de findar tudo isso, não acha?

Seus olhinhos infantis parecem, enfim, entender, ao brilhar com as lágrimas...

— Senhora... a vovó é má? — Ela me pergunta em sua inocência.

— Sim, a vovó vendeu a alma para eles...

— Quem eles são?

Oh sim, claro, que rude de minha parte, não citar o protocolo completo antes dessa conversa. Percebo nesse momento que preciso dar nomes aos bois.

— Falarei baixinho sobre eles, pois se proferirmos seus nomes em voz alta, eles costumam se aproximar. Um desses seres que andam por aqui, à espreita, se chama Vergonha e ele é o demônio que anda sempre pelo lado esquerdo. A Vergonha que força a vovó dizer que você é uma aberração; que você não é igual às pessoas normais, que você nunca vai se encaixar. A Vergonha é aquela que faz você se sentir mal.

Ela me olha assustada.

— O Medo é outro demônio que habita aqui, por essas paredes dissolutas, andando sempre pelo lado direito da vovó. Ele é o mais velho dos demônios, tão velho quanto a própria vida. O Medo preenche todos os cantos escuros desse lugar, transforma cada estranho, em uma rua escura, em um assassino. O Medo impede que você diga à vovó que a perdoa. Ele diz que é melhor não tentar do que deixar as pessoas verem você falhar. O Medo faz você construir sua própria prisão nesse quarto.

A garotinha finalmente desaba em lágrimas, assustada, quando finalmente se enche de coragem e me interroga.

— Mas quem é a senhora, então? Também é má?

— Quem sou eu? Sou uma velha peregrina que anda por esse mundo, minha menina. As pessoas dizem por aí que sou má, mas eu apenas me igualo a todos os homens e raças. Eu sou muito complexa para me definir assim.

Ela parece ainda não me entender.

— Hope, você já está morta. Precisa partir!

Seus olhos se arregalam e, em súbito, aos poucos, entende as minhas palavras. Ao se levantar, ela caminha ao corredor, abrindo a porta. Finalmente ela vê as coisas como são. Através do espelho de lembranças, ela

assiste do outro lado, o dia em que a vovó a matou sufocada em uma banheira de ácido para, em seguida, se suicidar com o rifle do marido.

Ela assiste a tudo em silêncio.

Ela agora compreende que essa mansão é um purgatório. Que todos aqui não têm descanso e que cada alma consumida aqui pelas sombras se torna parte desse lugar para sempre. A vovó agora é uma alma perturbada em sofrimento, o vovô é um demônio do medo, a mamãe é uma alma penada travestida em galhos secos, que prega ser a melhor amiga imaginária. Com suas mentiras, ela a força a suportar, ela prolonga o seu tormento com uma falsa esperança.

— Hope?! — chamo-a pelo nome, enquanto ela permanece paralisada observando toda as cenas do passado que se repetem como um filme preto e branco.

— Sim...

— Precisamos ir, querida, ou prefere ficar?! Breve um novo homem comprará essa casa. Aqui será um pandemônio para algo secular que irá retornar. Você não irá suportar tanto tempo. Precisa aceitar tudo... e... — não completo a frase.

Ela enxuga as lágrimas e sorri.

Ela fecha a porta e me estende a mão.

Ela finalmente me acolheu como uma amiga. Ali, naquele instante, morria a esperança. Morria todo o anseio de ser aceita em um lugar onde já não lhe pertencia. Morria toda a dor que somente o fim sereno pôde silenciar.

Ao longo do caminho, vou confortando-a, dizendo a ela que existem momentos em que precisamos soltar a corda que machuca as nossas mãos. Abandonar a esperança que jaz morta, mas que ainda não percebemos.

Se sou má? Creio que não. Depende do ângulo que você ou qualquer ser humano me vê.

A única coisa que tenho certeza neste Halloween é que nunca me sensibilizei tanto com outra pessoa, como aconteceu com Hope e sua desgraça infantil.

Sim, ela está bem e está em paz, acreditem.

E o que posso adiantar é que ela finalmente se tornou amiga da velha morte, e juntas seguiram pelos véus transitórios partilhando conversas sobre a vida e seus preceitos. O relógio dourado marcava, pontualmente, 18:00h, quando ela finalmente a acompanhou pelo vale das sombras, e partiu. Parece

loucura, mas sei que é inédito ouvir uma velha história contada pela morte, mas acredite, toda essa parábola tem um motivo... mais tarde talvez entenderás. Enquanto isso, deixo uma pergunta a você, que vive entre os vivos:

Você Está vivo ou está morto? Está morto ou está vivo? Dê seu abraço em quem ama enquanto pondera sua resposta. Afinal, nunca se sabe quem será o próximo a partir as 18:00h do próximo dia.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

I COMO TUDO COMEÇOU



Devo dizer que tenho poucos dias, mas isso não é motivo para alarde ou tristeza. Estou destinado a algo maior, e é claro que muitas pessoas, ao me verem com 72 anos, dirão que sou um velho maluco que está imaginando coisas. Ah, se o tempo ecoasse de volta tais lembranças... Era outono, eu bem me lembro quando ele me fez tal convite. Passei meses como seu convidado. O convite era simples, e nobre. Éramos amigos na época de ouro, quando novos autores ídolos nasciam e eram adorados. As labutas e as rixas, toda a podridão por holofotes e prestígio. Parece que foi ontem. Parece que foi ontem, quando fui um jovem rebelde e hostil. Parece que nem ao menos se passou um dia, ao olhar para essa velha fotografia. Mas a raiva nos separou. A grandeza e o ego inflamaram e, em dois minutos, a amizade de anos queimou como a chama de uma vela negra. Não existiam mais verdades, apenas suposições. Mas vamos aos fatos. Como dizia, estávamos no outono quando as velhas folhas se desprendiam das árvores magistras. Eu me desloquei, então, de minha cidade natal e, a fim de me livrar de minhas paranoias e transtornos psicológicos, arrumei minhas trouxas e parti com destino a Jequié, onde fui recebido por Robson em meu novo lar.

Dizem que você só conhece alguém verdadeiramente quando passa a

conviver com ele. De fato é verdade. A parábola necessita ser entendida com calma, absorvida com sapiência e, enfim, aceita de bom coração. Afinal, o que seria a verdade para um coração endurecido, cego pela ignorância? Em verdade vos digo: pior cego é aquele que não aceita ver os fatos. Às vezes a verdade parece ser aterradora. Mas ainda assim, ela é a verdade. Em sua residência fui atendido com muita camaradagem e simpatia. O velho Robson de traços marcados pela velhice ainda continuava o irmão da juventude. Continuava o mesmo sonhador com mil e um planos.

Perguntou-me sobre meu estado de saúde. É sabido que em nossa juventude enfrentei crises e traumas. Dramas pesados para uma juventude na época despreparada. Mas águas passadas não movem moinhos, e cá estou eu, frente a novos recomeços. Expliquei com timidez sobre meu caso. Meu laudo dizia que em minha condição atual eu sofria de uma rara doença, que me proporcionava imaginar coisas e acreditar em sua veracidade. Eu era perigoso aos olhos clínicos. Como um bom amigo, Robson me acolheu. Contou-me também um pouco de seus problemas pessoais e, como fazia desde então para aguentar as pressões do mundo cinematográfico, ao qual agora estava inserido com Danilo, nosso maior produtor cineasta da época atual, revelou-me algumas coisas. Falou sobre mitos que iam além da fantasia, citou pactos e segredos. Falou-me também de como se desviara dos caminhos da luz, para seguir a luz verde. A luz que vem da escuridão, a luz que caiu do santo céu.

Robson fez de mim seu aluno, ensinando-me tudo que sabia sobre o além-mundo e os véus transcendentais e cósmicos. Robson fez de mim um vaso novo, pronto para receber um conhecimento ancestral milenar; Robson fez de mim o que eu sou.



OSCAR NISTAREZ



BREU POVOADO



*“Perguntar por que existe feitiçaria no Haiti
é perguntar por que existe mal no mundo.”*

Wade Davis, *A serpente e o arco-íris*

São incertas as minhas impressões de quando cheguei a Porto Príncipe. Por mais que quisesse reter o momento, ingeri uma pílula fortíssima para dormir durante o voo de São Paulo ao Panamá, e o restante da viagem transcorreu como se fosse um sonho. Como se, destacados de meu corpo, meus sentidos flanassem ao redor dele, tenuamente acesos, mas sem jamais apreender o todo ao redor.

A conexão no aeroporto de Tocumen, na Cidade do Panamá, seria bastante breve, de forma que senti como se flutuasse ao redor do meu corpo enquanto corria na direção do portão de embarque. Felizmente, o voo estava no horário. Parado em frente à entrada do finger, tentei acessar alguma rede para comunicar Louise, esposa de Rubens, que tudo dera certo e que, dali a cerca de duas horas, eu aterrissaria no Haiti. Mas uma funcionária da companhia aérea pediu-me para embarcar sem demora. Guardei o aparelho no bolso, sem enviar a mensagem, e fui.

Posso não me lembrar de todos os detalhes do desembarque, mas não me esquecerei da descida sobre a capital haitiana. Baixávamos lentamente sobre uma monumental tapeçaria de concreto e alvenaria, uma trama de pequenas construções apinhadas, blocos e mais blocos delimitados por minúsculas vielas que se perdiam em novos quadrantes. Quase não havia clareiras entre as poucas avenidas que distingui. Ao fundo, adivinhei as montanhas que dão nome ao país — Ayiti, “terra de altas montanhas”, como os indígenas pré-colombianos Taínos chamavam o local.

Atrás de mim, sentavam-se dois rapazes negros. A julgar pelo créole que falavam — esta curiosa mistura entre francês e dialetos africanos, cheia de metaplasmos —, intuí serem haitianos. Durante a aproximação, um deles começou a cantar. A melodia era incompreensível, estranha, vagarosa; e a voz era grave. Mas, conforme descíamos, foi tornando-se aguda, até chegar a quase que um filete, apenas. Comunicava não exatamente tristeza, mas uma força acuada. Aquele vozeirão parecia retrair-se diante de algo muito mais poderoso.

De minha parte, os sentidos subitamente convocados de volta ao corpo, acuei-me também. Afinal, estava aproximando-me da terra que, de certa forma, mantinha vivo o vodu, essa mistura de crenças e ritos que praticamente fora erradicada de sua matriz, a África. Como sempre fui curioso em relação a expressões culturais primitivas, o vodu me interessava muito — assim como as instigantes histórias que se ligam a tal prática, com seus rituais avassaladores, zumbificações, possessões por loas — ou espíritos —, sacrifícios, entre outras. Por isso, antes de minha viagem li algo sobre o assunto, procurando familiarizar-me com termos e práticas — mas tive a impressão de que sequer toquei a superfície do tema.

Após aterrissar, encontrei Louise logo na saída da imigração, pela qual passei sem maiores problemas. Minha expressão aérea deve tê-la surpreendido, pois antes mesmo de nos abraçarmos ela me perguntou se eu estava bem. Assegurei-a de que sim, que só estava zonzinho por conta dos calmantes.

Procurei manter-me desperto durante o trajeto do aeroporto, no centro da capital, até Pétion Ville, comuna onde Louise e Rubens moravam. De imediato, marcou-me a multidão circulando sem rumo pelas ruas: impossível não evocar as inúmeras lendas de mortos-vivos sobre as quais li, sempre tão vinculadas a essa terra. A memória já bastou para jogar, na luz dura do sol a

pino, algumas sombras interessantes.

Chamaram-me a atenção também os mercados improvisados e os tap taps — caminhonetes coloridas e caindo aos pedaços em cujas caçambas as pessoas se atulham. “São o único meio de transporte urbano daqui,” contou-me Louise. Seguíamos em um 4x4 blindado conduzido por Elgree, um simpático motorista haitiano a serviço da embaixada brasileira, órgão ao qual o veículo pertencia.

Rubens, meu amigo de infância, era diplomata e servia no Haiti havia pouco mais de meio ano. Porto Príncipe era seu segundo destino. Antes, passara três anos em Paris, um posto “A” na classificação do Itamaraty e, por isso, evidentemente muito requisitado entre seus colegas. Ele fora à capital haitiana (nível “D”) para consolidar seu futuro: ao aceitar um trabalho considerado difícil, teve garantida sua próxima remoção para Tóquio, três anos depois.

A ida para o Haiti teve também outra motivação: Louise. Ela era haitiana de nascimento, mas naturalizara-se francesa. Ambos se conheceram em Paris havia cinco anos e, embora a esposa jamais tivesse expressado vontade de voltar ao país de origem, Rubens avaliou que a proximidade da família faria bem a ela. Ao ouvir essa ideia, Louise concordou com a mansidão de costume, parecendo reservar para si o que realmente pensava a respeito.

Após percorrer ladeiras cada vez mais estreitas e íngremes — Pétion Ville está no caminho para as montanhas —, o 4x4 parou em frente ao que parecia ser uma fortaleza: muros de cinco metros de altura ladeando um gigantesco e maciço portão de ferro, que lentamente abriu-se após alguns toques na buzina. Empurrava-o um rapaz cuja mão livre cerrava-se sobre o cano de uma escopeta. “Segurança particular,” explicou Louise, em seu português charmosamente arranhado, mas quase perfeito, ao perceber meu espanto.

O edifício consistia em dois blocos com cinco apartamentos cada. O casal ocupava um deles — espaço amplo e arejado, banhado pela luz tropical graças à fachada envidraçada. Além dessa fachada, havia uma paisagem de que jamais me esquecerei: a tapeçaria da cidade, aqui entremeada por árvores, muitas delas floridas. E à esquerda e acima, bem ao sopé das montanhas, espalhava-se o Quartier Jalousie, imensa comunidade de casebres coloridos. Uma das inúmeras favelas — ou, como também ensinou-me Louise, bidonvilles — do Haiti.

Apesar da animação com a chegada, eu continuava sonolento. Assim,

logo após o almoço, despedi-me de Louise e fui descansar. Rubens ainda estava na embaixada e chegaria somente ao final do dia. Ajustei o relógio para que despertasse dali a algumas horas e para que pudesse enfim dar um forte abraço em meu amigo, de quem tanto gostava e a quem não via fazia anos.

Nada aconteceu como planejado, contudo. Acabo de despertar, retornando de um sono críptico, e demoro alguns minutos para entender onde estou. Aos poucos vou despertando e olho para o relógio do celular: cinco e quarenta e três da manhã. Dormi por mais de doze horas.

Abro a janela atrás da cama e, sob a luz oblíqua que vem do leste, à minha esquerda, vejo as casas rareando montanha acima, muitas pobres e algumas poucas luxuosas, incrustadas na massa indistinta de terra. Para além delas não há mais construções — tudo vai escurecendo até chegar ao breu, onde a cordilheira se recorta contra o céu incerto da aurora. Um galo canta.

Agora estou completamente desperto. E grudento, já que sequer liguei o ar-condicionado ou abri a janela antes de desmaiar; mesmo no raiar da manhã, o calor é sensível. Tomo um longo banho e vou para a cozinha, que é separada da sala de jantar por um balcão. Sirvo-me de água e procuro pelo café quando ouço um chapinhar no porcelanato do apartamento:

— Bonjour, monsieur Hipólito!

Rubens continua o mesmo. Pulando cedo da cama, o rosto inchado e a voz rouca, chamando-me pelo meu sobrenome. Após um longo abraço, noto que, fisicamente, ele tampouco mudou. Com a exceção do bronzeado caribenho, é o mesmo sujeito esguio, desenvolvido e com trejeitos de mágico, cujas mãos acompanham as palavras à moda de serpentes, ambas enfeitiçando interlocutores — e interlocutoras, claro. Conversamos por quase duas horas. Louise logo junta-se a nós e, em jogral, os dois colocam-me a par da situação do país.

Embora tivesse quase que sumido da mídia internacional, o Haiti continua no fio da navalha. Há pouca ou nenhuma infraestrutura, a população morre de fome e de doenças de séculos passados, a economia inexistente e o país ainda está totalmente vulnerável às catástrofes naturais.

À parte disso, os haitianos seguem adiante. O povo vai ao (pouco)

trabalho que existe por aqui, ouve-se música onde quer que se vá e os Rarrás estão pelas ruas.

— O que é isso? — pergunto.

— Rarrás? São desfiles de rua improvisados, típicos do Haiti. — Louise não esconde o orgulho ao explicar-me. — Começam com alguns garçons das bidonvilles. Eles improvisam uns instrumentos de sopro e de percussion e saem tocando. Vão atraindo mais e mais gente por onde passam.

— Parece carnaval — digo.

— Sim, mas pode ficar bem intimidador — Rubens interfere. — Principalmente pra quem é de fora.

— Certo, nada de Rarrá. Mas e o vodu? — pergunto.

Louise encara-me por alguns segundos.

— O que tem? — devolve ela, desafiadora. Rubens dissera-me que a esposa desaprovava o meu interesse pelo assunto, mas não consigo evitar. Estou no berço da tradição religiosa, afinal.

— Será que dá pra vermos uma cerimônia, algo assim?

— Teria que ser com um guia — contemporiza meu amigo. — Preciso ver se arranjo algum contato na embaixada. Mas hoje vocês podem dar uma volta por Pétion Ville.

Rubens vai para o trabalho e nós saímos algumas horas depois, Louise ao volante do Tucson que estava empoeirado na garagem.

Trafegar pela cidade é, sem dúvida, uma experiência antropológica singular. A atenção de quem dirige deve ser total: há pedestres, motoqueiros sem capacete, animais e entulho pelos caminhos. Mas também há cor, muita cor. Ao sol do final da manhã, chamam-me a atenção as árvores floridas com que cruzamos. — Gengibres e alpínias — conta-me Louise; pois bem, gengibres e alpínias destacando-se do emaranhado estreito e confuso que percorremos.

Frutas também estão por todos os lados — bananas, mamões, mangas e corossol, que Louise explica ser uma espécie caribenha de graviola. Vejo-as em cestas nas calçadas e naquelas que mulheres equilibram na cabeça, marchando lentamente pelas vielas. Muito lentamente, talvez...

Olho ao redor e penso, de novo, nos espíritos que foram exilados de seus corpos. Relembrando-me dos rituais sobre os quais li, penso nesses mesmos corpos que, em noites de lua jovem e à custa de farelo de tíbias humanas, galinhas decapitadas, sapos secos, talagadas de rum e outras iguarias quetais,

foram julgados e condenados a vagar sem rumo por esta terra de segredo, dia após dia, noite após noite.

A fome me tira dos devaneios. Almoçamos com Rubens em frente à embaixada brasileira, que fica em um prédio à prova de terremotos em Pétion Ville. A comida é deliciosa: um griot — carne de porco levemente apimentada e com pikliz (o condimento oficial do Haiti, feito com repolho, cenoura e outros temperos locais) — acompanhado por arroz e feijão à moda créole e banana frita. Para beber, uma garrafinha de Prestige, a lager local, a segundos de congelar.

Durante o almoço, retomo o vodu. Louise percebe que não há saída, e aceita nos explicar o que sabe sobre a religiosidade de seus conterrâneos. Fala da origem no Benim, na África Ocidental, e sobre como o vodu, ao contrário do que sempre pensei, não é uma religião anímica, pois não atribui alma a elementos da natureza.

— O voduísta serve aos loas, que na verdade são as múltiplas expressões de Deus — conta em voz branda. Deve haver uma grande interrogação em meu rosto, então ela prossegue:

— Oui, Deus. Também no vodu ele é a força suprema, mas está muito distante, no topo do pantheon. Por isso, no dia a dia, os haitianos interagem com os loas. Fazem pedidos, entregam oferendas, como em tantas outras religiões. Existem muitos loas: tem Agwe, espírito do mar; tem Ogoun, espírito do fogo e dos metais...

— Como Ogun do nosso candomblé — interfiro.

— ...Oui, acho. Lembro-me também de Legba, loa das encruzilhadas, de Ghede, loa dos mortos...

— Baron Samedi, claro! — agora é Rubens quem fala. Louise olha-o com espanto.

— Esse é um dos cinco Ghedes, o mais perverso.

— Existe quem o sirva? — pergunto.

— Infelizmente, sim — completa ela. Mas já terminamos nossos cafés e ela não parece mais disposta a falar.

Rubens volta ao trabalho e vou com Louise tomar um café em um dos poucos centros comerciais da cidade. Estou completamente desperto, agora, e não preciso fazer esforço algum para continuar sentindo o local.

Há desalento por todos os lados, sem dúvida. Faz muito tempo que os haitianos não sabem o que são dois ou três anos de calmaria, então

acostumaram-se a viver à base do curtíssimo prazo, um dia depois do outro. Ou melhor, a sobreviver, custe o que custar. Mas, embora o porte encurvado e o trote lento das pessoas expressem desistência — e remetam-me ao sobrenatural, é verdade —, percebo, no fundo de seus olhares, algo que ainda queima. Um fogo que, dirigido a blancs como eu, pode ser hostil; mas fogo, ainda assim.

Há, também, algo que me escapa. Conforme caminhamos de volta ao carro, percebo, para além da confusão urbana, uma substância no ar que sou incapaz de determinar, mas que não me parece ruim. Algo diferente da eventual hostilidade. À medida que avançamos pelas ruas de volta para casa, ao calor do entardecer — e talvez por causa dele —, vêm-me à mente as mesquitas de Istambul, onde estivera alguns meses atrás. E, com elas, vem também um termo: “chamamento”. Por estranho que pareça, sinto-me chamado, impelido a descer do veículo e a juntar-me à multidão — ainda que Rubens, Louise e qualquer guia de viagem recomendem expressamente que não se faça isso.

Contenho meu ímpeto, mas estou absorto. A paisagem da janela dá lugar ao reflexo de Louise, que me olha de relance e com frequência.

— É fascinante — confesso, voltando do transe.

— Que bom que você acha. Provavelmente vai adorar o Oloffson — ela diz.

— Oloffson?

— É, um hotel na parte baixa da cidade — ela fala devagar, focada na direção. — Costuma ter música ao vivo, o Rubens sugeriu irmos lá hoje à noite.

— Ótimo!

Estou realmente empolgado, disposto a aceitar o que quer que venha. O impulso é cada vez mais forte. Mas o dia já declina, as sombras esticam-se. Acho que consigo controlar o ímpeto por mais algumas horas. Buscamos Rubens na embaixada e voltamos ao apartamento para jantar.

— Onde está a cidade? — Apoio-me no parapeito da varanda, segurando o Negroni com cuidado.

À noite, a tapeçaria que eu observara pela manhã sumiu. Diante de mim,

tudo parece invertido: acima, o céu nublado e sem estrelas transforma-se na terra apagada; abaixo, a massa escura, pontuada por luzes esparsas, torna-se o céu. Mas a minha pergunta é retórica — sei que o vazio é uma ilusão. Por trás das nuvens, está o universo. Por trás da escuridão e das luzes pálidas, estão milhões de haitianos.

— Energia elétrica ainda é um luxo pra maioria das pessoas.

Rubens chacoalha o gelo de seu drinque — uma grande pedra já dizimada pelo calor da noite, tão ou mais intenso que o do dia. Explica-me sobre o problema do fornecimento energético, um entre os inúmeros do Haiti. Ouço-o em silêncio, tentando imaginar aquelas vidas seguindo seus cursos no breu, todas as noites. Logo, meu amigo também silencia.

Somos interrompidos por Louise, que nos apressa. São quase dez horas da noite e ela não quer voltar muito tarde.

Alguns minutos depois, já estamos no caminho para o hotel. Como a iluminação pública é mesmo rarefeita, Rubens dirige por quase todo o trajeto com o farol alto. Não consigo tirar os olhos da janela, da completa ausência que ela revela, ainda tentando adivinhar os mistérios que se ocultam por lá.

Mas logo me dou conta de algo além dessa especulação. Algo assustadoramente longínquo, anterior até mesmo ao chamamento que senti antes. Não sou capaz de deter aí minha atenção, tão difuso é o objeto — se é que assim posso chamá-lo. — Parece representar uma intersecção de tudo o que vi e senti até agora: corpos vazios, breu e mistérios.

— Chegamos— avisa Rubens. O carro está em frente ao portão de uma enorme construção. Ao redor, sob o único poste aceso na rua, pessoas vão aproximando-se de nós. O portão é aberto, empurrado por um homem cansado que se arrasta na nossa direção. A escopeta em punho dispersa o pessoal. Ele conversa rapidamente com Louise, volta e abre passagem.

— Podemos entrar.

Aqui, tudo também às escuras. Subimos por uma rampa até o pátio do hotel e, mesmo à noite, com poucas janelas iluminadas, entendo por que o local é um dos mais interessantes de Porto Príncipe: é de uma tremenda mansão em estilo neogótico que nos aproximamos, a pintura branca empalidecendo-se à luz dos poucos holofotes dirigidos a ela. E é majestade o que as luzes revelam. Uma majestade já decadente, mas ainda poderosa — o Oloffson foi um dos raros edifícios do centro da cidade a resistirem ao terremoto de 2010.

Estacionamos e descemos. Tudo está silencioso, não há música ou festa alguma. Ninguém à vista, sequer para receber-nos.

— Acho que erramos — diz Rubens, olhando os arredores com curiosidade. Salvo por duas ou três janelas iluminadas, o hotel parece abandonado.

Viro-me e vejo quatro pequenos pontos luminosos dançando no escuro, acompanhados por latidos: os olhos de dois cães de porte médio, provavelmente vira-latas. Farejam-nos, parecem amistosos. Decidimos dar uma volta pelo lugar, e os animais nos acompanham.

Somos atraídos pela iluminação do que parece ser um grande quiosque mais abaixo. No caminho até lá, acendo a lanterna de meu celular. O movimento da luz mostra algo nos jardins que cercam o hotel. Desviamos a rota em direção a eles, conversando descontraidamente. Quando chegamos, emudecemos.

Bem à nossa frente, há um pequeno crânio espetado no que parece ser uma lança. Há também um suporte, espécie de cabide, para os andrajos de cetim colorido que lhe servem de roupa.

Mas não é o único: conforme iluminamos o jardim, vemos inúmeros... tótems parecidos, lado a lado. Uma pequena multidão de crânios empalados, suas vestimentas cintilando ao refletirem a luz da minha lanterna.

Detemo-nos por aqui. Eu, siderado; Rubens, interessado; e sua esposa, apreensiva.

— Você tinha razão, Louise — afirmo, pulando a cerca que nos separa do jardim. — Estou adorando o Oloffson.

— Melhor não — responde ela.

Mas não resisto. Ilumino os tótems e, vendo-os, logo penso nos potomitan, que Louise explicou-me serem os mastros que ocupam o centro dos templos vodus — chamados de hounfours. Rubens vem atrás de mim, curioso. Os cachorros acompanham-nos em silêncio, farejando por todos os lados.

No susto, sem querer, dirijo o foco para o que parece ser um poste maciço, à esquerda de onde Louise apoia-se à cerca. Aproximo-me. Mais acima, amarrada ao poste, há uma figura que parece crucificada: dois grandes tocos cruzados sustentam, na altura da cabeça, uma enorme pedra com chifres. Abaixo, do que seria a região da virilha, projeta-se um serrote entre duas latas redondas. Parece haver sangue na lâmina.

— Acho que hoje não vai ter música ao vivo mesmo — afirma Rubens em um tom sarcástico, recuando.

— Melhor irmos embora — percebo apreensão na voz de Louise.

— Calma, vamos olhar um pouco mais — digo. A frase surpreende até a mim mesmo.

— É, isso é bem curioso — completa Rubens.

O lugar realmente me interessa, mas não é só isso. O que quer que tenha sentido antes — continuarei denominando chamamento — é muito mais incisivo aqui. E quando chegamos ao grande quiosque, o chamado parece... multiplicar-se. Percebo-o vindo de diferentes fontes, uma vibração mais intensa na aragem noturna.

Sim, balbucio mentalmente, mal me dando conta disso.

Acho que não sou o único a sentir a vibração do lugar: assim que entramos no espaço, os cachorros, que nos acompanhavam em silêncio, saem em disparada e começam a latir. Latem sem parar, avançando no nada. Entre seus latidos, ouço a respiração ofegante de Louise.

Sim, repito, agora mais consciente. E assustado.

— Acho mesmo que temos que ir — ela insiste.

Não me sinto capaz de argumentar, mas Rubens intervém:

— Só uma volta por aqui e vamos pro carro.

Também pouco iluminado, o quiosque parece um enorme coreto, com o piso de terra em que estamos e cadeiras retráteis bagunçadas ao redor.

Mais ao centro do terreiro, percebo alguns desenhos no chão. Foram feitos com talco ou giz branco e apresentam formas geométricas bastante complexas, cujo sentido não consigo captar.

Ao chegarem perto dos desenhos, os cachorros ladram com ainda mais força, como se tivessem contraído raiva. Os latidos misturam-se ao espocar do choque de suas mandíbulas, tão furiosos estão.

Louise, ao longe, é a última a notar os rabiscos. E, quando aproximo meu pé de um deles, ela solta um grito que emudece até mesmo os animais. Ao berro, sucedem ecos estranhos, abafados. Soam como gargalhadas em surdina, mas logo extinguem-se.

— É melhor irmos — Rubens agarra meu braço. Viro-me e vejo Louise retomando o caminho por onde viemos, indo rapidamente em direção ao carro.

Vamos atrás dela. Quando me aproximo da saída do terreiro, sinto um

novo puxão por trás: um violento solavanco pelos ombros. Viro-me mais uma vez, agora irritado com Rubens. Mas só vejo os cães, que tornaram a latir.

— Allez, merde! — Louise grita ao longe, já próxima ao carro. Vejo a sombra de Rubens já distante, também chegando ao veículo.

Quando enfim saio do grande quiosque, sinto o chamamento dar lugar a outra sensação. Também é familiar: meus sentidos destacando-se do corpo. Mais uma vez, tenho a impressão de voitar, de flutuar ao redor de mim mesmo.

Desacelero o passo. Agora, estou inteiramente no momento. Não me sinto nada zozzo ou entorpecido. Afasto-me, e é como se me erguesse. Logo, paio a alguns metros de meu corpo, que está abaixo, na entrada do quiosque, e daqui contemplo o lugar em que estamos. A luz é pouca e fraca; para além dela e por todos os lados, o breu.

De súbito, ouço um rumor distante. Bataques, talvez, ou galopes; não sei ao certo.

Daqui, ou de lá, vejo meu corpo indo em direção ao carro, que já está com os faróis acesos. Mas vai — ou vou — lentamente, para desespero de Louise e irritação de Rubens, que grita algo que meu corpo não consegue — ou eu não consigo — distinguir. É uma figura mudada, a minha, de caminhar vagaroso e encurvada. Rubens logo empurra-a — ou a mim — para dentro do veículo. Depois, bate com força a porta e, em três saltos, chega ao assento do motorista.

Sigo-os, agora sim certo de que sou eu mesmo. E certo de que são bataques o que ouço: tambores desordenados, acompanhados por sopros graves, desafinados... a palavra Rarrá me vem à mente.

Suspenso no ar, fixo-me onde a luz já não alcança, mas onde tudo se torna curiosamente mais claro, vívido, sensível. Abaixo de mim, os cães continuam enlouquecidos, agora indecisos entre a fúria e o lamento. Não sou capaz de ir além, rumo ao breu. E é de lá, onde não me arrisco a ir, que o alarido vem. Aproxima-se sem cessar, rumorejando com cada vez mais força; em poucos segundos, já o sinto logo atrás de mim.

Abaixo, o carro começa a movimentar-se. Vou em direção a ele, a balbúrdia logo atrás de mim. É mais rápida do que eu, e logo me alcança.

Rubens, então, olha para cima, na minha direção pelo para-brisas; e grita. Seus olhos miram além de mim e começam a lacrimejar, mas não preciso virar-me para entender o porquê: no reflexo do vidro do carro, vejo uma

procissão de pesadelos. Abominações medonhas e diáfanas, os rostos rubros, acesos como velas votivas. Muitas, muitas delas aproximando-se em marcha caótica.

Devo estar nessa multidão, mas já não me reconheço. Além do reflexo, no banco de trás do veículo, vislumbro o corpo que fora meu de olhos revirados, a boca abrindo-se com um espasmo. Ao lado do marido, Louise recusa-se a olhar; mas é ele quem dirige. Com um movimento brusco, Rubens acelera violentamente o carro, espatifando-o contra o poste da crucifixão e arremessando a si e à esposa pelo vidro dianteiro.

No mesmo momento, perco-me para sempre e enfim avanço. Avançamos — impelidos pelo rumor vingativo da terra, ou mesmo do que antecedeu a ela — em direção aos corpos mutilados e agonizantes. Avançamos do breu à luz branda da vida que se extingue, para tomar posse de tudo o que vive e precisa morrer.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

II GALERIA OCULTA



Era noite escura quando ele me contou sobre o tratado cósmico, o priorado do universo e seus segredos. Em sua grande biblioteca, mostrou-me as maravilhas imaginárias de um saber empírico que havia acumulado durante toda a vida.

— Quando você olha para o abismo, ele o olha de volta. — Ele me disse, completando — não lembro agora quem disse essa frase, mas há muita verdade nessas palavras.

— Sem dúvidas — concordei.

E de fato é verdade. Mas a grande diferença que nos separava era justamente essa. Nunca fui homem de me doar pela metade. Robson sabia jogar. Sabia barganhar com o mal.

Pergaminhos,

Códigos secretos,

Pesquisas.

Tudo nessa galeria afastada guardava sinais antigos e sagrados sobre uma verdade que poderia devastar o mundo. Seria essa a verdadeira conspiração?

— Tens que me prometer segredo, Raul. — Ele reforçou suas palavras.

— Eu juro guardar segredo, meu amigo. Juro por mim mesmo e pelo

inferno.

Ele sorriu.

— Não jure, meu velho companheiro. Um juramento é como um código de morte.

Adentrando as galerias secretas de sua residência afastada, um vasto túnel subterrâneo nos levava a várias salinhas de paredes acolchoadas. Percorremos por corredores escuros, iluminados apenas por um velho lampião. Nas paredes havia gravuras, havia enigmas. Tudo muito denso para um velho, como eu naquela época, entender. O ar escasso, a dificuldade em respirar aquele odor de bolor e mofo.

Ratos ligeiros passavam pelos nossos pés.

— Quem diria, amigo, vivemos a vida toda escrevendo terror, e olha onde viemos parar: no coração da escuridão. — Ele sorriu, com olhos brilhando sob a escuridão.

— Onde estamos, Robson? O que fazemos aqui?

— A história é longa demais. Fica quieto. — Ele sussurrou, quando finalmente chegamos à porta de grades de uma das salinhas. — Entra. Em breve eles estarão aqui.



DRAG QUEEN
AGATHA CHRISTIE



CACA AOS OÍLHOS



Ser uma drag queen representava um escape da realidade para o jovem Lucas, em seus vinte e um anos. Era um grito de sobrevivência que vinha de sua alma para servir de “segunda pele” para resistir a todos os ataques que sofrera até ali. Aprendeu a duvidar do amor muito cedo.

Aos dez, foi estuprado pelo primo mais velho. A sensação de violação ainda reverberava em seu íntimo. Era inocente demais para encarar a perturbadora ameaça de morte sussurrada aos seus ouvidos caso abrisse a boca. Foi quando conheceu a desoladora sensação de impotência. Sua mãe sempre se mostrou distante e fria, enquanto o pai foi autoritário e intolerante, sufocando a sua originalidade. Seu rosto demonstrava o desgosto pelo filho que fugia às suas expectativas. Nunca pôde contar com uma figura de apoio ali.

Aos quinze, Lucas saiu de casa após ser enforcado pelo pai no sofá da sala ao ponto de quase perder a consciência, depois de uma ligação da diretora da escola chamando os pais para uma reunião sobre um caso de “pegação” no banheiro. A rua lhe parecia mais segura que o ambiente caótico onde crescera. Às vezes, o perigo está em casa. Alguns demônios são reais.

A rua se tornou seu lar, mas não por muito tempo; foi acolhido por uma travesti que dedicava sua vida a ajudar outras pessoas, renegadas pela

sociedade apenas por serem elas mesmas, a ter o mínimo de dignidade quando a sociedade fechava suas portas.

Teve dificuldade em desenvolver amizades por se manter uma pessoa reservada. Logo conquistou sua independência, conseguiu um emprego e passou a dividir um apartamento com outras pessoas. Seu novo lar era simples, mas a companhia era ideal. Saiu de um abrigo tumultuado e passou a morar com duas pessoas que viviam suas vidas fora dali e só usavam o apartamento para dormir.

Essa estabilidade financeira e algumas relações mais amenas tornaram sua vida um pouco mais tolerável. Ainda assim, a rejeição da sua família ficou marcada, principalmente a figura do pai, que lhe servia de afirmação de que ele nunca seria uma pessoa digna de amor.

Aos dezenove anos, deu vida a Alice, sua drag, ao encontrar nessa arte uma chance de recomeço. E nesses dois anos tentou construir uma nova realidade para si. Isso não se limitou à sua aparência. A caracterização era perfeita e todos enxergavam Alice como uma pessoa alegre, divertida, carismática e cheia de energia. Sua alma melancólica transbordava através de seus olhos em performances de tirar o fôlego, em contraste ao olhar apático que sustentava fora dos palcos. O calor que recebia nas apresentações lhe parecia seguro. Uma adoração a distância. Mas, quando saía da personagem e voltava para a vida de menino, lhe restava apenas solidão e a sensação de fraude. As feridas continuavam abertas. Mantinha as pessoas longe para que não sentissem o cheiro do seu interior em decomposição.

Na imagem de Alice, encontrou também o assédio, o fetiche e a objetificação. Um prato cheio para alimentar aquela parte sua que se prendeu à violência sofrida. Quanto mais desvalorizada, mais em casa ela se sentia. Os homens que procuravam Alice fora das suas apresentações artísticas eram, em sua maioria, casados e sigilosos. Homens que buscavam realizar suas fantasias e aliviar os seus desejos. Não tinham nenhum afeto a oferecer. Após a transa barata, voltavam para uma vida de negação. Vestiam de volta as suas máscaras. Por anos, isso machucou os sentimentos do menino por trás da drag, mas sua auto-sabotagem não lhe permitiu almejar algo mais digno. Tornou-se um vício.

O Halloween de 2015 foi berço de sua maior performance. Ela se apresentaria em uma festa naquela noite. Sua fantasia era uma homenagem à personagem que inspirou o seu nome. Aquela mesma Alice, que perseguia

um coelho atrasado para um mundo mágico e fantasioso. A ideia de viver em um mundo de aparências se tornou a sua realidade. Apesar de amar o Dia das Bruxas, passou aquele fatídico dia apática. O clima lhe parecia apocalíptico. O ar estava quente e Alice estava completamente fria. Alguma coisa dentro dela parecia em contagem regressiva, como o relógio do coelho. Seu controle emocional parecia por um fio.

Ao se sentar em frente ao espelho para trazer Alice de lá, se recordou de uma das surras que recebeu do seu pai, aos 11 anos, quando foi pego experimentando um batom vermelho de sua mãe.

Tic Tac.

O pai esfregou a sua boca e marcou as suas pernas com a cinta.

O sangue escorria e sua mãe seguiu os afazeres de casa, ignorando os seus soluços por colo.

Por conta disso, nunca usou outra cor de batom.

O vermelho era familiar.

Encarando o espelho naquela noite, para sua surpresa, percebeu que as memórias perturbadoras não mais lhe arrancavam lágrimas. Apenas empalideciam o seu rosto, que logo seria coberto com o seu talento.

Tinha um encontro marcado às 23h30 com um homem que conheceu pelo Grindr. Na foto só podia ver o torso do sujeito. A descrição do perfil só dizia que era ativo, militar, sigiloso, de trinta e quatro anos. Pela sua experiência, essa descrição se encaixava no tipo de homem que ela gostava de encontrar antes das suas apresentações. No horário combinado, o apartamento já estava vazio e ela pôde receber o militar. Os outros moradores haviam viajado para curtir o fim de semana fora da sua rotina.

A performance de Alice estava prevista para mais tarde.

Havia tempo para um ensaio.

Tic Tac.

Apesar de estar vestida e maquiada, sentiu que a sua fantasia não estava completa. Nada parecia completo naquela noite. O coração batia em descompasso e sentia suas mãos geladas. Não compreendia a sua necessidade desses encontros, mas o pavor crescente era tão familiar, sedutor.

Tic Tac.

O militar não se demorou a chegar e a deixar claro que ninguém poderia saber do encontro. Ele não percebeu o arrepio que transpassou o corpo de Alice quando a ameaçou de morte, caso alguém descobrisse. Alice já estava

acostumada com esse tipo de ameaça. Mas toda vez o seu sangue gelava. O tom autoritário a fazia lembrar de seu pai e sua fúria. Ela se manteve calada, pois aprendeu a aceitar o desespero que crescia dentro de si nesses encontros. Parecia que quanto mais homofóbico o sujeito fosse, mais humilhada ela se sentia. Era quase confortável, como se fosse aliviada da responsabilidade de buscar ser alguém digno de amor. O desejo de se aproximar da família era convertido em aproximação com sujeitos que lhe apresentavam a sensação de perigo e repulsa.

Tic Tac.

Não havia tempo ou interesse para romance, o militar logo começou a distribuir ordens e Alice obedeceu a todas, evitando olhar nos olhos do sujeito. O seu estômago foi embrulhando à medida que ele a tocava.

Ela estava acostumada a ficar de costas para o parceiro durante a penetração. Muitos deles tinham vergonha de demonstrar o prazer que estampava o seu rosto e exigiam sempre que ela estivesse de quatro ou de bruços. Estava acostumada assim. Mas o militar era diferente. Ele a jogou no sofá, levantou suas pernas, e fez questão de olhar nos seus olhos enquanto à penetrava. Alice ficou sem forças com a mudança de cenário. Ele segurou sua cabeça, impedindo-a de virar o rosto e escapar daquele olhar que trazia desejo e desprezo. O tom formal de sua voz se tornou opressor e alucinado. Alice foi sumindo ao som dos sussurros de “aberração” que o militar proferia olhando fundo nos seus olhos. Ele cuspiu em sua face. Ela já não estava mais ali. Em busca do clímax o sujeito colocou as suas mãos no pescoço de Alice e apertou firme. Quanto mais ela sufocava, mais excitado ele ficava. O seu entorpecimento se desfez em segundos e o terror se apossou de seu corpo. As mãos do militar pesavam tanto quanto as do seu pai. O sujeito gritava ofensas no seu ouvido. Tudo parecia um teatro de autoafirmação. O ódio despejado em Alice era uma forma de sufocar a sua própria homossexualidade. Ele só parou após o gozo quente e imundo. O clímax sempre trazia vergonha para sujeitos como ele, que precisavam se lavar com urgência. A performance do militar tinha chegado ao fim. Ele saiu de cima dela e foi se limpar no banheiro.

Tic Tac.

Alice ficou paralisada no sofá, recuperando os sentidos. O que restava dela era apenas o corpo, sua alma finalmente fora sufocada de vez. Desde sempre perseguida, humilhada e agredida. Nunca aprendeu o seu valor. O

amor sempre lhe foi estranho. A rejeição era o seu lar.

Ela juntou o resto de suas forças e se levantou.

Ouvia os carros na rua, risadas de pessoas felizes no apartamento ao lado. Ouvia um mundo acontecendo do lado de fora, um mundo que nunca fora seu. Ouvia a torneira aberta e a voz do militar resmungando no banheiro... e um tic tac incessante.

Tudo parecia calmo.

Tudo parecia claro.

Tic Tac.

O coelho a chamava.

Porém,

Dessa vez,

Para fora da toca.

Ao sair do banheiro, o sujeito sentiu seu peito abrir, tão rápido e inesperado. A primeira facada de Alice era afiada de retribuição. Sentiu o cheiro do sangue e retirou a faca em um impulso. O militar estava acostumado a comandar as situações, e não imaginou que se veria de joelhos arfando aos pés daquela que estava tão submissa há pouco sob as suas mãos.

Alice sustentava um olhar que transbordava apatia, o que deixou claro para o sujeito que não havia volta para a sua vida dupla.

Após o choque inicial, o militar tentou gritar por socorro em meio ao medo, à dor e ao ódio. Tentou gritar ofensas, mas Alice deu a segunda facada que abriu sua garganta. Ela apertou firme com as mãos. O sangue quente escorreu pelos seus punhos. Queria ver a vida escapar dos olhos daquele sujeito inflado de autoridade.

Uma cena que ela temeu anos atrás, quando as mãos de seu pai lhe tiraram o ar pela primeira vez.

Talvez duas facadas fossem o bastante. Mas o que ela queria matar era o passado, eram as violências, humilhações e rejeições que a marcaram de forma tão profunda. Alice não viveu até ali. Apenas sobreviveu, alimentada de rejeição, ódio e decepções que lhe infectaram a alma. O coração que uma vez foi puro e cheio de amor, há muito tempo havia sido esmagado pela crueldade a qual fora submetida em sua jornada.

Ela se deliciou com cada uma das 107 facadas.

Exigiu submissão ao lhe cortar fora a cabeça.

Pela primeira vez, depois de muitos anos, se sentiu viva.

Sentiu-se no controle do seu destino.

Embriagada por uma sensação de poder que ela nunca havia sentido antes, aquele momento foi decisivo. Ela colocou um fim em sua história de humilhação e submissão. Com a fantasia ensopada de sangue, Alice saiu para o Halloween pronta para acertar contas com o passado de uma vez por todas.

E, naquela noite de bruxas, Alice caçou alguns coelhos.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

III ELES ESTÃO AQUI



Eles finalmente chegaram. Invadiram a salinha obscura, arrastando seus mantos verdes e pesados. Ao meu lado Robson se ajoelhou. Um mantra foi entoado e, em segundos, eles recuaram, partindo para outras salinhas, onde ouvimos ao longe um som gutural e algo sendo triturado.

Até hoje, nunca soube o que era aquilo, que era guardado nas salinhas ocultas de paredes acolchoadas, entretanto, pelas grades da sala “cerimonial” na qual estávamos, depois de longos minutos, vimos eles partirem em bando, como irmãos de uma seita secreta, um ao lado do outro, em um silêncio sepulcral. Foi quando um soluço de medo escapou-me da garganta, atraindo a atenção de um deles. Vi nitidamente quando sua face virou-se a minha procura. E o assombro então me devastou a alma.

Um homem com feições de rato de olhos furados me fitou, e com as narinas farejou a minha procura. Permaneci atrás de Robson em silêncio, até que após curtos minutos o ser bizarro prosseguiu, sumindo pelo vasto corredor.

— Eles vieram se alimentar. São amigos. Estão do nosso lado. — Robson quis justificar.

— Quem são essas... essas... aberrações, Robson?!

Ele sorriu, como achando uma piada implícita entre minhas palavras.

— Eles são o que sempre preguei, amigo. Eles sempre existiram. Eu disse que um dia eles iriam retornar. Eles estão aqui.

— Eles quem?

— Os deuses.

— Você os serve?

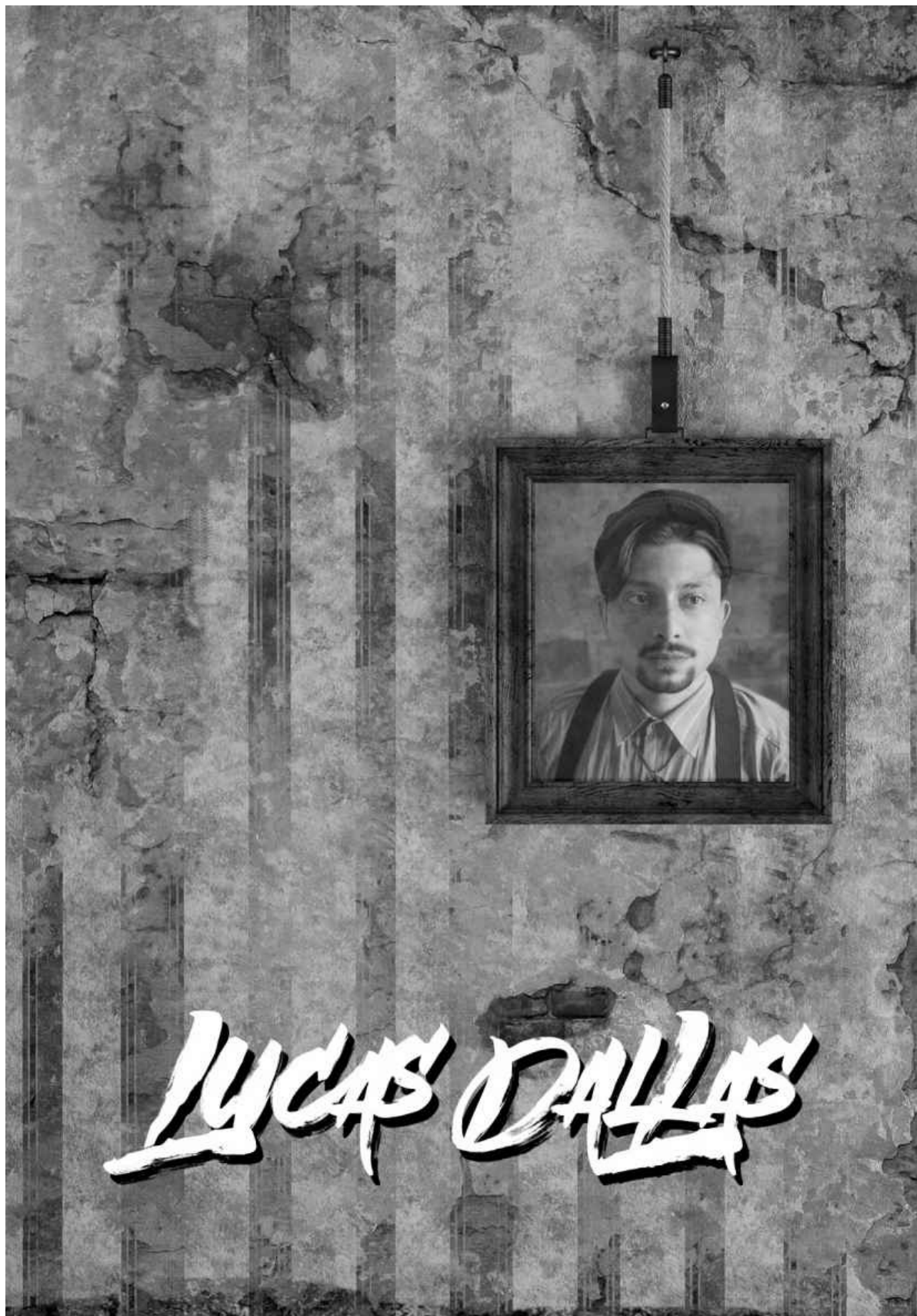
— Não. Eu apenas os observo. Tenho um tratado de paz com o mundo de lá.

— Mundo... de... lá?!

— Sim. Servimos indiretamente esses seres cósmicos com alimentos frios... e em troca eles nos proporcionam imaginação fértil e dons ligados ao intelecto. Eles acreditam que um dia algum de nós poderá romper o último selo da Cabalisho Hologrom.

— Isso parece loucura.

— E é. Por isso ninguém deve saber. Somente nós, do clã. Autores que você nem imagina fazem parte disso. Como acha que Oscar Nestarez chegou onde chegou? Ele serve a esses deuses há séculos, desde antigas encarnações. Renata Maggessi, Danilo Morales. Todos eles pertencem ao ciclo de Hologrom.



LUCAS DALLAS



GÊMEO MALVADO



A rua cheirava a açúcar e chulé. Crianças brotavam por toda parte como ervas daninhas impossíveis de se arrancar. Todos os postes de luz da rua do condomínio vestiam fantasias de fantasmas, que, para Helena, tinham o sentido oposto de assustar. O cheiro das malditas abóboras apodrecendo na entrada do vizinho fazia seu estômago centrifugar o café da manhã. “Por que diabos não sabem limpar as abóboras decentemente antes de decorá-las?”, pensou. Seria ela a única que notava a total falta de cuidados dos vizinhos? Mas nada de bom podia se esperar de uma noite em que crianças tomavam conta da rua. Até mesmo os vizinhos se tornavam crianças imundas, pelo visto.

E lá vinham eles, acenando com as mãozinhas para fora do carro que se aproximava. Seus netos eram os únicos que jamais lhe deram trabalho. Nem mesmo seus filhos lhe presentearam com uma infância tão gostosa e amável quanto aquelas criaturinhas. Talvez seus netos fossem a única coisa que fazia se sentir mais à vontade naquela noite.

— Oi vovó! — gritou César com os dentes cor de laranja de algum doce grudento.

— Ganhei mais doces que o César, vó! — disse Paula, tirando os cabelos louros da testa melada de suor.

— Já vi que ninguém vai dormir hoje! — Helena arfou, concluindo que uma noite tranquila com os netos fora pelos ares.

— Ainda é cedo — disse Judi — eles vão pegar no sono antes da meia noite, acredite. Tenho oito anos de experiência.

— O que são oito anos para quem dedicou a vida toda a cuidar de três filhos ingratos? — Helena retrucou para a filha.

— Não seja tão amarga. Volto amanhã de manhã para buscá-los. Conte umas histórias, sei lá, eles adoram suas histórias.

— HISTÓRIAS!! — As crianças gritaram em coro e correram porta adentro.

— Não conte nada muito assustador, ok? Não quero passar o mês inteiro vendo se tem algo debaixo da cama.

— Pode deixar, sei cuidar dos meus netos muito bem. Ao contrário de você, que os levou embora para sempre.

— Mãe, por favor, só nos mudamos para o outro lado da cidade, não é como remover um de seus membros. E não quero voltar nessa história.

Mãe e filha se despediram como se houvesse um muro barrando qualquer tipo de contato físico. E, enquanto a cidade festejava entre doces e fantasias lá fora, Helena entrou na casa.

A surpresa foi grande ao ver as crianças já aconchegadas no tapete. César revirava os doces que havia ganhado, enfileirando bolinhas de chocolate no carpete, que logo seriam engolidas. Paula, em pose de lótus, aguardava a avó, entusiasmada.

— Conta uma história, vó! — Paula implorou.

— Sim, uma de terror — disse Cesar, coçando o nariz.

Helena não conseguia parar de pensar que as crianças jamais teriam ido embora se não fosse a ingrata de sua filha. Já não bastavam seus outros dois filhos sumirem, apenas mandando cartas no dia de ação de graças, como se aquilo fosse fazer alguma diferença na ausência deles. O que Helena tinha a ver se o pai das crianças encontrou um emprego melhor no quinto dos infernos? Não tinha mais a alegria de passar todos os dias na companhia daqueles monstros que tanto lhe agradavam. A culpa era de Judi! Talvez se tivesse se esforçado mais em pedir ao marido que ficassem ao menos para que sua velha mãe passasse seus poucos dias com a alegria de ver os netos todos os dias, crescendo. “Não quero passar o mês inteiro vendo se tem algo debaixo da cama”.

— Maldita!

— Que disse, vó? — perguntou César, confuso.

— Nada, sua velha avó só está pensando na história que vai contar.

— Conte aquela do homem que fazia pedidos para uma estátua de cigana

— disse Paula abraçando os próprios joelhos. — Aquela sempre me dá medo.

— Não, querida. A história de hoje não pode ser algo inventado. Esta noite pede uma coisa especial. Uma história que aconteceu de verdade.

As crianças analisaram a avó: olhos fechados, lábios espremidos, a testa com pintas pretas, exibindo rugas de quem tenta se recordar de alguma coisa. Já viram aquela expressão inúmeras vezes, sabiam que a vovó tentava puxar da memória uma coisa específica. Até que a velha abriu os olhos enevoados e alerta. Havia encontrado o que procurava.

— Hey, já lhes contei a história do seu tio-avô Antônio?

As crianças negaram com acenos exagerados de cabeça.

— Ah, foi há muito tempo. Ele já é falecido, sabe, e ninguém entende o que se passava na cabeça dele para ter se matado. Sabem o que é mais estranho, crianças? Ele tinha um segundo rosto.

O som do embrulho das balas e pirulitos de César cessou subitamente. Paula era apenas olhos esbugalhados e boca aberta. E com o silêncio predominando a sala, Helena começou a contar a história de seu irmão e seu Gêmeo Malvado.

Nascimentos de gêmeos são comuns em nossa família, assim como vocês, crianças. Está no nosso sangue, na nossa genética. Seu finado tio, Cícero, também teve um irmão gêmeo que morreu no parto. Uma pena. Fico feliz que vocês gozem de perfeita saúde, pois nem sempre foi assim na nossa ancestralidade. Se perguntarem a sua mãe, vão descobrir que a maioria dos nascimentos de gêmeos que tivemos em nossa árvore genealógica, vieram acompanhados de... como eu diria? Inconvenientes.

Não foi diferente com seu tio-avô Antônio. O que precisam entender, é que ninguém pode explicar até hoje o que realmente aconteceu quando seu tio nasceu. Segundo minha mãe — pois eu só fui descobrir essa história anos depois, quando nasci — os médicos disseram que aquela aberração fora fruto de um gêmeo mal desenvolvido. Já ouviram falar sobre gêmeos siameses? É quando duas pessoas nascem com os corpos grudados um no outro, ou

dividem o mesmo corpo. Uma tragédia! Com seu tio-avô, a coisa foi parecida.

Lembro de quando eu encontrei, na gaveta do aparador da casa que morávamos, um álbum de fotografias de capa preta, muito inapropriado para guardar momentos alegres da família, enfim, jamais me interessei naquele álbum antes, e não me lembro do porquê daquela curiosidade repentina de fuçar nas coisas da minha mãe. Talvez por eu ser só uma criança, ou não ter nada melhor para fazer. Uma coisa eu lhes garanto, jamais me esquecerei daquele álbum. Fotografias horríveis em preto e branco que fariam até a mais esquisita das aberrações de um circo fugir de medo. Por que minha mãe guardaria imagens daquele monstro? Me perguntei, e naquela mesma tarde descobri toda a história. Era seu tio-avô, que eu, até então, não sabia da existência.

Minha mãe disse que as fotos não tinham nenhum tipo de truque. Eram reais, todas elas. Me arrepio ao lembrar daquela coisa no topo da cabeça do meu finado irmão. Seu tio avô tinha um segundo rosto, se é que se pode chamar aquilo de um rosto. Era como se Deus tivesse cagado em cima de sua escultura antes de terminá-la. Uma massa disforme, com pelos saindo em tufo no lugar das sobrancelhas, um nariz amassado e desfigurado. Os olhos, fechados, pareciam duas nozes enrugadas, fincadas na cabeça do meu irmão. Coitada da alma que visse aqueles olhos abertos, se é que eles já se abriram um dia. A boca era uma fina risca murcha com dentes — por Deus, aquela coisa tinha dentes — dentinhos que brotavam para fora, feito presas de algum javali selvagem. Só Jesus sabe o quanto a imagem daquele rosto me fez perder noites de sono.

Aquela aberração ficava no topo da cabeça de Antônio. Usava chapéus para esconder o gêmeo malvado o tempo todo. Sabem por que eu digo “Gêmeo Malvado”? Segundo minha mãe, o próprio Antônio o chamava assim. Ele alegava que aquele rosto conversava com ele durante a noite, dizendo coisas ruins e malvadas. Segundo os médicos, aquela coisa era nada mais que uma deformidade e que ele não tinha nenhuma participação no organismo de Antônio. No entanto, era impossível removê-lo, pois a saúde dele seria seriamente prejudicada. A parte ruim, é que não havia Cristo que fizesse Antônio entender aquilo. Ele jurava que aquela coisa estava falando.

Certa vez, minha mãe disse, ele caiu da escada e machucou feio o cotovelo. O pobre garoto passou dias tentando convencê-la que fora seu

Gêmeo Malvado que causara a queda. Claro que ninguém jamais acreditou.

Inúmeras foram as vezes que ele afirmava sentir o rosto se mexer, abrir os olhos, e até mesmo sorrir sempre que se machucava ou se magoava. Passou os poucos anos de vida tentando convencer a mãe que aquela coisa era maligna. Minha mãe? Batia no coitado todas as vezes que ele a incomodava.

Até que um dia, encontraram seu corpo enforcado na viga do sótão. Dia terrível para todos os parentes. Mas, para ele, acredito que fora um dia de paz, pois finalmente estava livre de seu inquilino terrível. No chão, embaixo de seus pés, que balançavam para lá e para cá, um bilhete, do qual implorava para que o rosto intruso fosse removido antes que fosse enterrado. Antônio morreu aos 25 anos, se não estou enganada.

Hoje me pego pensando nessa história, sabe. Fico me perguntando até que ponto tudo aquilo foi verdade. Se meu falecido e pobre irmão não era apenas um jovem atormentado por ser anormal, ou se realmente ele tinha razão. Ele poderia estar certo, afinal?

Os olhos de Helena fitavam o vazio, as pálpebras moles quase se fechado, um olhar triste e nostálgico permaneceu por um tempo.

As crianças não disseram nada. Eram César e Paula, um pirata e uma fada, no chão da sala com o estômago gelado e o maxilar dolorido pela pressão que faziam para aplacar o medo. A vontade de comer doces havia desaparecido; a adrenalina de brincar de pega-pega ou qualquer outra brincadeira após a história, sumiu tal qual a chama de uma vela no abafador.

Instantes depois estavam nas camas que, por serem paralelas uma a outra, decidiram unir as duas para ficarem juntos.

Dentes e cabelos escovados, pijamas vestidos, ambos devidamente deitados. A porta se abre. As crianças, quietas como ratinhos, observaram a avó entrar segurando uma caixa de madeira trancada com um cadeado enferrujado.

— Sabem o que tem aqui, crianças?

Negaram com a cabeça.

— Lembra quando disse que seu tio avô Antônio pediu que removessem o rosto do seu Gêmeo Malvado antes de ser enterrado?

Os gêmeos se encararam e atiraram o olhar sobre a caixa. Poças de água nos olhos que se recusavam a cair.

— Vou deixar essa caixa aqui na cama, hoje. E lembrem-se: Antônio não

teve uma avó que se importava com ele! Uma avó que o amava de qualquer jeito! Uma avó que sempre o consolava quando sentia medo! Minha mãe era uma mulher sórdida e má, nunca tratou bem seus filhos. Deus, como eu sei disso. Se sentirem medo, podem contar sempre comigo, queridos. Vocês são tudo para a vovó. Estarei no quarto ao lado.

Helena se levantou e antes de fechar a porta e abandonar as crianças no escuro com a caixa, sorriu.

— A vovó ama vocês!

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

IV OS SEGREDOS DE HOLOGRAM



O ar na galeria subterrânea, aos poucos, ameaça abandonar de vez nossos pulmões. Você sente a claustrofobia? Olhe, mais ratos passam às cegas por entre nossas pernas, fazendo um barulho irritante. Eles comemoram a festa.

O cheiro de carne podre impregna os corredores. Robson ainda mantém a calma. Meus sentidos ameaçam me abandonar. Não poderia desmaiar ali, naquele lugar. Um último vislumbre e vejo por baixo das portas de grades com suas portinholas um líquido viscoso e esverdeado escorrendo. Nesta mistura, há um contraste escarlate como sangue coagulado.

Carniça.

Aqui embaixo tudo fede.

— Para onde estamos indo, Robson? — pergunto preocupado.

— Hoje é o dia deles, meu amigo. A cada quinze dias eles nos procuram para sua colheita. Funciona da seguinte forma: eles nos dão sabedoria e intelecto e nós os presentecemos com pequenos tributos. É um tratado de paz e uma troca de interesses, entende?

Fico mudo.

Seus olhos agora refletem fúria e inquietude. Sei que meu silêncio o incomoda. Em segundos sou jogado contra a parede e os dedos magricelas de

Robson estão em meu pescoço.

— Você consegue nos entender sem nos julgar, meu amigo?! — pergunta.

Seus olhos estão vidrados em busca dos meus.

— Consigo. — Minha resposta sai no automático, como um animal que busca defesa ao ser encurralado. — É claro que consigo.

— Ótimo. — Ele ajeita o colarinho e prosseguimos em silêncio. Sua voz só retorna ao fim do corredor quando finalmente ele me conduz a uma porta de ferro pesada com um símbolo marcado por um crânio verde:

ACESSO PROIBIDO

Ele puxa a manga da camisa, exibindo um código, uma tatuagem em formato estranho, e a apresenta para um leitor de códigos de barras que, após um bipe agudo, libera acesso a essa entrada desconhecida. Com um leve toque em meu ombro sou convidado a adentrar aquela espécie de frigorífico.

O ar gelado bate em minha pele murcha e judiada pelo tempo. Nem ao menos meu suéter é capaz de conter esse frio cortante. Ao meu redor vejo corpos imersos em tubos de conservas gigante, mas os dedos de Robson conduzem minha cabeça para outras áreas.

— Há coisas aqui que é melhor você não olhar. Não agora. — Ele adverte.

Por fim, quando atravessamos uma das salas principais, vejo uma mesa branca, grande e majestosa. Nela, estão sentados Nestarez, Renata, Danilo e outras pessoas com seus mantos cobrindo-lhes o rosto. Fulano está entre eles. Meus olhos queimam enquanto contendo as lágrimas. Tarde demais. Aquela era a hora oportuna para me decepcionar.

Robson senta, fazendo menção com a cabeça para que eu ocupe o lugar que ali sobrou.

Meus olhos encaram cada participante, então vejo os lábios finos e delicados de uma das senhoras que está à mesa.

— Após tantos anos, o filho pródigo retorna. — Sua voz é delicada. Jamais esqueceria mesmo depois de tantos anos.

— Soraya?!

A Dark Queen sorri. Está velha, os olhos, miúdos, cobertos pela avançada catarata, mas o tom de sua voz continua ameno e doce, ameaçador e cheio de

vislumbre.

— O que fazem aqui?

— A pergunta correta seria, o que você faz aqui, Raul!? Nós somos um priorado há anos. Não pense que é fácil viver em comunhão com o mal a vida toda, para garantir benefícios e regalias.

Renata não está tão velha, mas seu humor demonstra desaprovação em minha presença.

Robson se mantém calado, e é nesse momento que Nestarez se pronuncia.

— Tudo o que vê, ficará aqui. Caso contrário, haverá graves consequências.

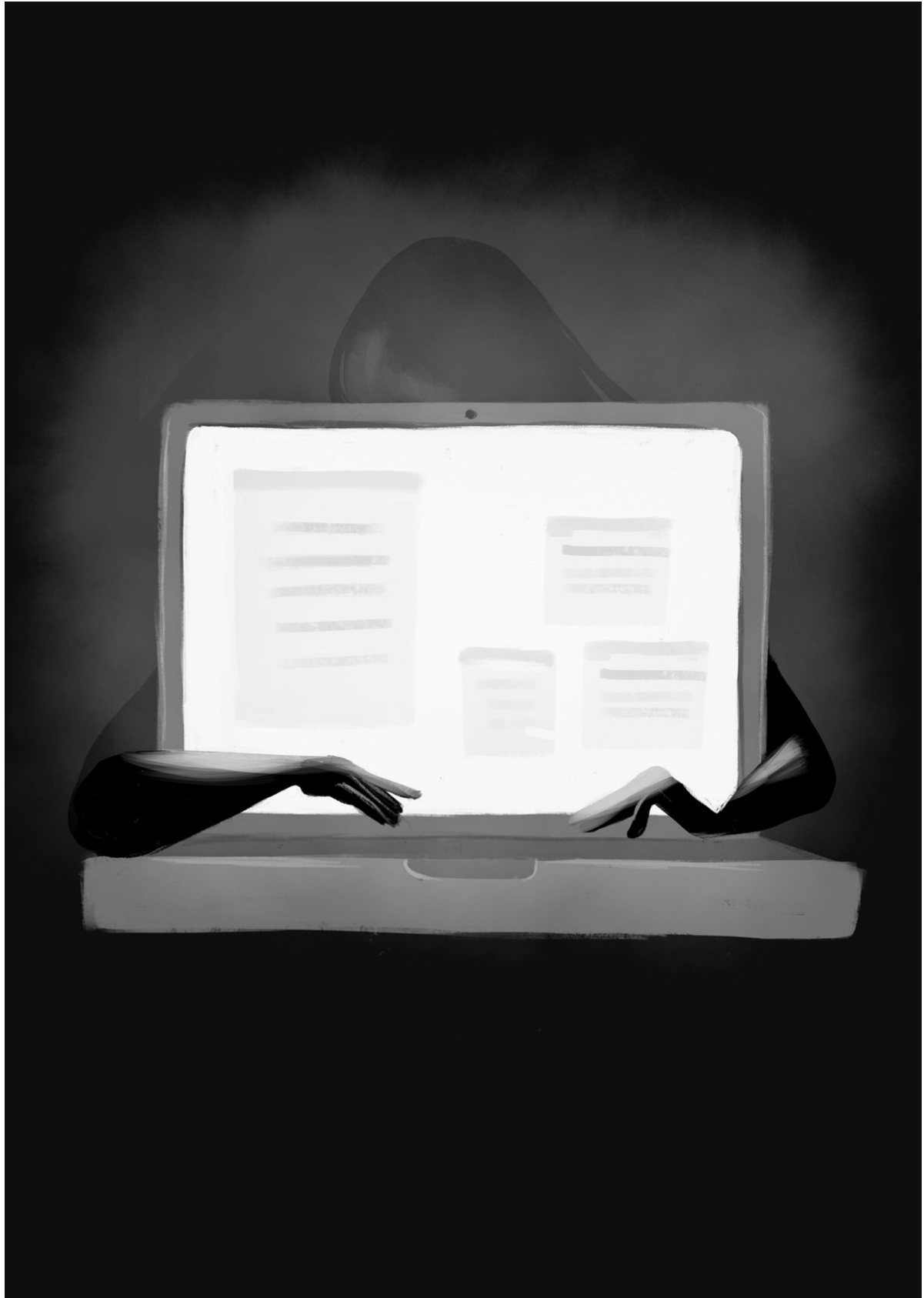
Os olhos de Nestarez estão enegrecidos. É como se uma entidade desconhecida estivesse naquele instante usando-o como porta-voz.

Consinto com a cabeça, quando finalmente eles unem as mãos, como um grupo de oração. Um detalhe que até então tinha me passado despercebido, ganha destaque: em suas mesas há um prato branco, com um líquido ralo caramelado escuro. Vejo ali algo cheio de nervos, com bolhas e vísceras. Todos estão alimentados por tal iguaria desconhecida.

As orações se unem e juntos eles louvam e agradecem pelos dons recebidos, enquanto, fora na câmara, o mal comemora com triunfo, deleitando-se dos banquetes e oferendas trazidos pelo culto secreto intitulado Hologrom.



Victor Bonini



PÁGINAS ÚMIDAS



— E você, Victor?

— Tem uma história que eu nunca contei pra ninguém. Sobre o livro que eu nunca quis escrever nem publicar.

— Mas você escreveu?

— Eu não sei.

— Como não sabe?

— Ninguém entenderia. Vocês vão duvidar de mim.

— Melhor cuspir do que morrer engasgado. Você tem esse livro com você, pelo menos?

— Joguei fora há muito tempo.

— Um romance policial?

— O plano era que fosse um romance policial. Acabou virando uma coisa repugnante. Eu tinha trancado isso no porão do meu subconsciente. Até tudo vir à tona esta noite.

Devia ter meus vinte e cinco anos, época de lançar meu terceiro livro.

Naquele mês de fevereiro, aconteceu tudo ao mesmo tempo: saí de férias do emprego, decidi me dedicar ao próximo romance e descobri que a água que saía da torneira do meu apartamento estava infectada com alguma

bactéria daquelas que você encontra em cadáveres em estado de decomposição.

— Nem toca mais na pia, pelo amor de Deus. — disse a zeladora. — É uma bactéria poderosa. Fora que a casinha da caixa d'água tá toda cheia de umas coisas azuis. Um nojo. Demitimos o faxineiro.

— Mas acabei de sair de férias. Preciso escrever meu livro novo.

— Bom, acha outro lugar. A empresa que tá cuidando disso diz que, no mínimo, uma semana longe.

Dormir era o de menos: minha namorada ofereceu cama, mesa e banho. Mas e o isolamento de que eu precisava para parir meu quarto livro? Na casa da namorada morava a família da namorada, claro. O estranho era eu.

Pensei em alugar um cubículo num daqueles centros de coworking. Mas um amigo escritor sugeriu:

— Aluga logo um quarto longe daqui. Não é isolamento que você quer? Capaz até de sair mais barato. Só você e o notebook.

Eu levei o isolamento a sério. Achei um quarto para alugar numa casa que nem aparecia no Google Maps. Ficava na Ilha do Bororé (que na verdade não é uma ilha, mas uma península no extremo sul de São Paulo). Fica isolada pela represa Billings e pela Mata Atlântica, surpreendentemente intocada para nossos padrões de desmatamento. Para chegar à Ilha do Bororé, só passando com a balsa.

Foi assim que eu conheci a dona Ieda e o seu Guizé. Eu cheguei no sítio deles numa segunda-feira em que eles comemoravam o nascimento do terceiro neto. Dona Ieda me recebeu no portão de ferro com o celular na orelha. Me levou pela trilha em meio à mata e só pediu “um minutinho, minha querida” para a filha quando chegamos à porta da casa.

— Você é o Victor, não é?

Ela tinha me recebido sem ter certeza de quem eu era?

— Que dia feliz, Victor. Ô Guizé, recebe o menino. — Virando de novo para mim: — Ele tá preparando um peixe pro almoço. Só aparecer na cozinha que ele te recebe.

Ele não me recebeu, não me notou. Seu Guizé devia medir quase dois metros. Ele precisava se curvar para cortar o peixe sobre a pia. Respondeu ao meu bom dia com um grunhido e deixou claro que não gostava de ser interrompido enquanto escutava o radinho de pilha. Algum programa sobre crimes.

Sentei à mesa da cozinha e esperei, sem saber se olhava para o seu Guizé ou para o sol refletido na água da represa do lado de fora da janela.

— Hoje tem festa, Victor. Rosenildo tá no mundo com a gente. Um prazer te conhecer, viu? Eu sou a Ieda.

Dona Ieda ficou muito surpresa ao saber que eu estava escrevendo um livro. Perguntei se ela se interessava por literatura.

— Admiro muito, viu? Mas conhecer eu não conheço.

— Qual foi o último livro que a senhora leu?

— Vish. Lembro não.

Dona Ieda disse que usava os óculos para ler as receitas e fazer a lista de compras que entregava ao seu Geraldo todas as segundas-feiras.

— Ele é o vizinho mais próximo da gente. Ainda assim dá quanto, uns quinhentos metros, querido?

— Quatro quilômetros — respondeu seu Guizé.

— Mulher não tem mesmo noção de distância, eu sempre concordo com ele — dona Ieda se fez de culpada. — E se não for o seu Geraldo, aí não tem ninguém mesmo. Só muito longe. Nossos filhos, todos eles já se mudaram, os cinco. Agora é a netaíada chegando. O que nasceu hoje é filho da filha mais nova.

— Meus parabéns.

E como uma TV com sinal atrasado, o seu Guizé de repente tirou a atenção do rádio e respondeu à minha pergunta de muito antes:

— Eu não leio livro e não tenho vontade nenhuma de ler.

A convivência com o seu Guizé seria difícil. Mais de uma vez eu o veria silenciando bem na hora em que eu entrava na sala. Tive a impressão de que ele passava os dias me maldizendo.

— Quer uma dica, filho? — Dona Ieda tocou no meu ombro no terceiro dia e sussurrou. — Pesca com ele. Vai um dia. Ele senta ali na margem da represa, no meio da mata, pega a vara, passa o tempo. Ele vai gostar. Eu vou gostar. Assim, vocês convivem. Eu não queria ver você trancado o dia todo naquele quarto.

— O problema, dona Ieda, é que eu sempre achei um saco pescar.

Meu quarto era o único recinto do terceiro piso da casa. Era tão pequeno quanto o restante dela. Na verdade, eu nunca entendi por que fazer uma casa

estreita de três andares sendo que eles tinham um terreno das proporções de um sítio para construir o que quisessem.

O lado bom era que eu tinha uma vista boa. A janela do quarto dava direto para a represa Billings, uma planície ondulante. No entorno, o verde da mata. Lindo. Troquei a cama e a mesinha de lugar para que eu pudesse trabalhar no notebook e ter a represa na minha frente. Na estante, coloquei a garrafa de uísque que eu tinha levado para comemorar os avanços do livro.

O banheiro era um cubículo. Banho sem se mexer.

— Pode ficar tranquilo que bactéria aqui não tem. — Dona Ieda tinha ficado horrorizada com a tragédia da minha caixa d'água.

Bactéria não, mas vazamento sim. Preferi não dizer isso, ia deixar a coitada preocupada. E eu nem ligava, na verdade. Eu tinha visto que uma poça de água se formava no chão do banheiro toda vez que eu usava a pia, e havia uma mancha de umidade no teto, bem em cima da cama. Resolvi enxergar aquilo como elementos do cenário, ao lado, por exemplo, do cheiro verde da mata, da brisa úmida que vinha pela janela, do bolo feito em casa, café de coador que me lembrava a roça.

Tudo era muito estimulante. Eu estava amando aquilo.

Não pesquei com o seu Guizé porque me mantive ocupado durante aquela primeira semana. Felizmente ocupado. Meu quarto livro ia muito bem, obrigado. Deslanchou. Eu parava de digitar só para comer.

Eis aí a melhor parte da minha estadia. Dona Ieda fazia milagres na cozinha. Dizia que era para dar força aos meus dedos.

— Eu não paro de ouvir você digitando lá em cima, menino. Deve estar com dor nas mãos.

Expliquei que era costume. Mas, sendo bem sincero, eu sempre tive medo da artrite.

O livro ronda minha cabeça até hoje. Era sobre amigos de faculdade que se reencontram após mais de dez anos sem se ver. Ao final de uma noite com bebidas e verdades, um deles cai morto. Veneno na cerveja. Os outros são suspeitos. O assassino é o melhor amigo que saiu mais cedo da festa e arranjou um álibi de ferro.

Naquela quinta-feira à noite, eu estava descrevendo justamente a cena do crime – o corpo jogado sobre a mesa, a saliva misturada à cerveja mortal – quando a mulher apareceu na minha frente.

E pensei: que corpo é esse?

Em seguida: ela deve estar com frio.

A morena emergiu da água secando o cabelo com as mãos, os dedos percorrendo os fios até as pontas. Eu não pude ver muito mais que a silhueta e o biquíni azul. A lua iluminava sozinha aquele corpo.

Ela veio até a margem da represa, esfregou o corpo para espantar as gotas e subiu a escada que levava à varanda da casa. Da nossa casa. Ou melhor, a casa de Dona Ieda e do seu Guizé.

E sumiu do meu campo de visão.

Eu fiquei alguns segundos sem me mexer. Tinha perdido a linha de raciocínio. Sobre o que estava escrevendo mesmo? Água? Não, cerveja. O envenenamento, claro.

Queria ter conseguido ver seu rosto.

— ... mas viu, dona Ieda, se precisar, eu saio do quarto. Vi que ela chegou, não sei quem é.

— Como assim?

— É a sua filha? Imagino que não seja a que pariu esta semana.

— Que filha?

Eu dei risada do mal-entendido.

— Eu vi ontem uma moça nadando aqui na frente.

— Nadando neste frio? Misericórdia.

— Ela não tá ficando aqui? Eu jurava que ela tinha subido até a casa.

— Daqui não é. Filharada toda tocando a vida. Todo o mundo tem coisa pra fazer.

— Claro, mas... E o senhor...?

Me dirigi ao seu Guizé, naquela manhã mastigando um pão como um chiclete. Ele não fez menção de responder.

— Deve ser visita do seu Geraldo — dona Ieda continuou. — A filha dele, querido? Ela tava morando no Rio. Pode ser. Segunda-feira ele vem buscar a listinha de compras e a gente pergunta.

Viver num local isolado no meio da Mata Atlântica com dois aposentados significa perder a noção da data. Sexta-feira tinha cara de dia comum. Sensação estranha. Boa.

Passei a tarde tomando café e comendo bolo na varanda com meus

anfritrões. O pôr-do-sol refletido na represa era espetacular.

O seu Guizé tinha escolhido não me notar: fato. Meus livros o enojavam. Decidi ignorá-lo também. Mas me vi obrigado a conversar naquele fim de tarde.

— O senhor tem impressora? Queria sua permissão para imprimir alguns trechos do livro. Sempre reviso melhor no papel.

— Não tenho impressora.

Maldito. Só abria a boca para me dar má notícia.

Eu quase vareei a madrugada escrevendo. Quis me empanturrar com a comida da dona Ieda para meus dedos não doerem. Eles doíam. Mas era muito tarde e eu tinha receio de acordar os dois idosos por causa da minha larica pós-escrita.

Me joguei na cama, fechei os olhos.

A gota me atingiu bem no olho direito.

Tomei um susto. Sequei no lençol, vi a mancha de umidade no teto. Tinha me esquecido dela. Parecia maior. Voltei a reparar em como a construção ao meu redor era precária. O quarto não só tinha umidade nas paredes como cheirava a umidade. O pedaço da parede perto do rodapé estava descascando.

Morar isolado na mata tem suas desvantagens.

Sonhei com meu livro. Eu era o morto. Logo de cara identifiquei a cena. Eu não deveria beber o copo de cerveja, mas o fiz do mesmo jeito. Viver sabendo seu futuro não é tão difícil assim. Você aceita e cumpre seu papel. Fim. Morri sentindo o veneno me afogar. Afoguei de soluçar, procurando o ar que não vinha.

Foi assustador de tão real. Acordei num pulo.

Meu sábado foi uma merda, óbvio. Não funciono se não dormir bem. Então, eu precisava de uma atividade para me movimentar e não matar o dia jogado na cama, refém da preguiça.

— Vou sair, dona Ieda.

— Pra onde? Vai de carro?

— Vou pegar a balsa pra cidade e comprar umas coisas no centro.

Passei numa papelaria, comprei trezentas folhas de papel A4 e voltei para o meu apartamento para buscar a minha impressora. As obras de limpeza na

caixa d'água estavam péssimas. A zeladora usou de seu alarmismo para me dizer que era melhor nem chegar perto do prédio por um tempo, a Chernobyl do século XXI.

Passei uma tarde incrível com a minha namorada. Fiquei triste na hora do adeus. Queria ficar mais tempo com ela, mas precisava voltar à Ilha do Bororé. O lado ruim de escrever é o mesmo de empreender: você não tem chefe, então o filho da puta que te cobra por resultados acaba sendo você mesmo.

Fiz a travessia com a balsa depois do anoitecer. E eis um detalhe importante sobre a natureza isolada à noite: quando o sol se põe, você não tem mais as belas paisagens para admirar. É tudo uma escuridão só, meu camarada.

E boa sorte para espantar seus medos nesse ambiente em que só existem você e o escuro.

E boa sorte para encontrar o seu caminho em ruas de terra sem iluminação quando o seu celular não tem sinal nem internet.

E boa sorte para manter a calma quando você percebe que perdeu a entrada e não sabe para onde está indo.

Mais sorte ainda quando você faz tudo isso, quase chora de desespero e não consegue parar de pensar: será que eu vi bem? Será mesmo que eu passei por uma pedestre que estava usando biquíni azul em plena rua de terra num domingo à noite no breu?

Desci do carro tropeçando. Bati no portão duas vezes. E depois mais uma. E depois fiquei batendo sem parar. Eu precisava sair dali.

— Calma, tô indo.

O homem que apareceu do outro lado do portão usava samba-canção e camiseta branca. Tinha frio – seus mamilos estavam saltados. Devia estar pronto para dormir quando ouviu minhas batidas.

— Desculpa interromper. Eu preciso de uma ajuda. Por favor.

Ele me olhou de cima a baixo. Não confiou em mim. Vi que estava recuado. Pensava em fechar o portão na minha cara e correr para dentro de casa. Não fez isso porque calculou que eu conseguiria agir mais rápido.

— O senhor tá fazendo o que aqui?

— Eu me perdi. Tô hospedado numa casa aqui perto. Da dona Ieda.

— A dona Ieda te conhece?

— Aluguei um quarto.

— Entendi — ele realmente pareceu entender.

Então, me deu as direções. Era simples. Uma direita, uma esquerda e três quilômetros em linha reta. Eu tinha me desviado muito do caminho correto.

— Muito obrigado mesmo. O senhor me salvou.

— Não se preocupa. Boa noite. Sai da rua.

— Tem perigo?

— Que lugar hoje em dia não tem perigo?

Biquíni azul. O desespero voltou.

— Nem me apresentei. Sou o Victor. Seu nome?

— Geraldo.

— Obrigado, seu Geraldo. — Quando eu virava de costas, veio o estralo.

— É o senhor que faz as compras pra dona Ieda e pro seu Guizé?

— Eu mesmo — ele sorriu.

— O senhor tá com uma hóspede aí? Sua filha do Rio de Janeiro?

Ele não gostou que um estranho soubesse tanto sobre sua vida pessoal.

— Não — respondeu seco —, a minha filha tá muito bem lá no Rio. Não volta mais pra cá. Diga pra dona Ieda que eu agradeço pela recordação, de qualquer jeito.

— Nenhuma mulher na sua casa? Uma morena?

Ele se ofendeu.

— Não sei o que a dona Ieda tem dito pra você, garoto. Melhor parar por aqui.

Ele fechou o portão.

Voltar pelo caminho indicado significava passar de novo pela rua onde eu tinha visto a silhueta daquela mulher.

Eu não queria.

Até hoje eu não quero.

Eu nunca acelerei. Ignorei buracos e pulei na terra com a imprudência de um fugitivo de presidiária.

Ela não estava lá. Mas também não procurei muito.

Entrei pelo portão da casa de dona Ieda às onze e cinquenta da noite. Para mim, parecia cinco da manhã já.

Eles já tinham ido dormir. Dona Ieda deixou um sanduíche na mesa da cozinha para mim. Bonitinha.

Lá em cima, troquei de roupa, coloquei as folhas de papel na gaveta e fiquei olhando para a garrafa de uísque.

Na hora de instalar a impressora, reparei que o notebook estava aberto. Só uma fresta.

Eu o tinha fechado, não?

— Puta merda, seu Guizé — eu sussurrei, já atribuindo culpa sem precisar de provas.

Levantei a tela e tomei um susto. O teclado do notebook estava molhado. Corri para o banheiro, peguei papel, sequei e testei o aparelho. Graças a Deus ele ligou, sem danos. Só a tecla de espaço precisava de um apertado mais forte para funcionar. Eu poderia viver com essa.

Mas por que porra tinham mexido no meu notebook? E molhado ele?

Fui dormir puto da vida.

Eu afogava até morrer.

E, desta vez, não porque estava na pele do personagem envenenado pelo copo de cerveja, e sim porque as gotas tinham caído na minha boca aberta e escorriam até o fundo da minha garganta.

Acordei tentando entender. Barulho de gotas. Achei que chovesse lá fora.

Era a mancha de umidade no teto. Ela tinha ficado maior. Agora, era do tamanho da minha mão.

Eu não ia resolver aquilo de madrugada. Levantei, empurrei a cama até encostar na escrivaninha, deitei de novo fora do alcance das gotas e dormi.

De manhã, a mancha estava seca. Ainda grande, talvez maior que a minha mão, mas seca.

Decidi relevar a intromissão no meu computador. Tudo bem, eles tinham molhado o teclado, mas nada tinha estragado. Deve ter sido um descuido. Eram dois idosos curiosos só. Tadinhos. Com certeza não tinham muito com que se ocupar no dia a dia. Quiseram descobrir mais sobre mim. Não conseguiram, claro. Sem minha senha, o notebook não desbloqueia.

Só reclamei sobre a mancha de umidade, e direto para o seu Guizé — ele não era o dono da casa? Não era assim que posava para mim? Exigi que fizesse alguma coisa.

— O pedreiro vem aí durante a semana. Ele vê e resolve.
E foda-se, ele traduziu com o olhar. Saiu para ir pescar.

— A filha dele continua no Rio, dona Ieda.

Ela primeiro arregalou os olhos. Depois, veio tocar na minha bochecha como se eu fosse um bebê.

— Que bonitinho, você se lembra do que eu falei. O seu Guizé vive dizendo que vocês, jovens, não dão ouvidos a ninguém. Ele jura que você é igual.

— A mulher na água, dona Ieda. Não é a filha do seu Geraldo.

Expliquei sobre a conversa no portão do homem.

— Bom, então deve ter sido uma banhista. Aparece um monte aqui.

— Uma banhista quase à meia noite de quinta-feira, dona Ieda? Entrando na água com quinze graus?

— Estranho, né? Talvez seja uma vizinha. O que você quer com ela, hein? Soltou minha bochecha, olhou feio.

— Eu tive a impressão de que ela entrou aqui.

— Menino, nem fala uma coisa dessas. A gente nunca teve ladrão no bairro e nunca vai ter. — A cara de quem prefere falar rápido sobre o capeta para não evocar sua presença. — E outra: a gente não deu por falta de nada. Ninguém entrou aqui. Quanta besteira.

Nunca a tinha visto tão ofendida.

Escrever ficou mais difícil. Cabeça atribulada é inimiga da criatividade, pelo menos pra mim. Fiquei revisando o início do livro várias vezes, sempre achando que estava uma bosta.

Avancei para o novo capítulo.

E xinguei de novo o seu Guizé e a dona Ieda.

Um dos dois tinha escrito letras soltas naquela página. Coisas que eu não tinha escrito. Palavras inexistentes, sem nexos: oushdf, pldnas, cabh.

Velhos intrometidos. Estavam achando que meu livro era um playground pra ficarem brincando de teclar?

Quem diria que eu, no fim das contas, iria pescar com aquele velho crápula?

Sentei-me a seu lado no banco de madeira com pregos soltos debaixo do

sol das onze da manhã. Não me parecia um bom dia para pescar: muitas nuvens no céu, chuva vindo, certeza. A cara do seu Guizé estava igualmente fechada.

— Você não deveria ficar colocando medo na minha mulher, moleque.

— Medo?

— Ladrão à noite? Mancha de umidade? Seu cuzão.

Tomei um susto.

— Eu só falei o que eu...

— Você tem certeza de que não é melhor ir embora, moleque?

— O senhor chame seu filho de moleque. Não a mim.

— Eu te chamo do que você é. Moleque.

— Por que anunciar um quarto da sua casa se você odeia companhia?

Ele olhou bem no meu olho, pela primeira vez.

— Acha que ela tá interessada em você, moleque?

— Ela?

— Ela foi a que mais me interessou. Ela é especial. Não é você que ela quer, moleque.

A vara deu um tranco; algo dentro da água puxou a isca. Eu assisti enquanto aquele velho esclerosado puxava para a terra firme um peixe de uns trinta centímetros. Fiquei surpreso com o vigor que ele exibiu ao fazer isso.

— Tilápia. É minha.

Ele abriu o peixe ali mesmo com a faca que tirou do bolso.

— Não é ilegal pescar aqui?

Ele subiu a escada de tábuas de madeira e rumou para a casa.

Que história era aquela de ela? O que tinha sido aquela conversa?

Entrei na casa sob os berros de dona Ieda.

— Meu filho, eu tava te procurando. Preciso de carona, urgente. Misericórdia, quase onze horas, eu esqueci, eu esqueci.

— Onde a senhora precisa ir?

— A Pietra, o filhinho dela vai ser batizado agora.

Seu Guizé não quis ir. Ficou na cozinha brincando de dissecar o peixe.

A igreja São Sebastião fica logo na entrada da Ilha do Bororé, no caminho de quem vai para a balsa. Deixei a dona Ieda lá e voltei para casa pensando em confrontar o seu Guizé mais uma vez.

O problema é que eu não encontrei o homem.

Dei voltas no térreo, subi ao quarto dele, depois fui para fora, procurei na mata, no gramado da frente, na granja, na horta e terminei na represa. O banco de madeira à margem da água estava vazio. Nenhum sinal dele.

O tempo mudava. Ia chover a qualquer minuto. Onze e meia da manhã e parecia fim de tarde, tão escuro estava o céu.

Com o olhar elevado, mirando as nuvens, bati o olho na janela do terceiro piso. Meu quarto.

O rosto do seu Guizé estava lá, atrás do vidro. Olhava para mim. Eu fiz o mesmo. É que, passado o susto, veio a raiva. Velho filho da puta. Era hora de mostrar que eu não era moleque nenhum e que ele não podia ficar invadindo meu quarto.

Saí andando pela terra e subi a escada de madeira improvisada.

Sentia-me atacado. Desonrado.

Mata, granja, pingos de chuva.

Eu não estava nem aí mais que ele era um idoso. Foda-se.

Subida, sacada, trovão.

Gente escrota tem que ser tratada como merece.

Ao entrar pela sacada da frente, eu o vi fugindo pela porta da cozinha, o passo apressado.

— Covarde — eu disse.

Saiu sem olhar para trás. Na mão, carregava a faca que usara para abrir o peixe.

Fiquei sem saber o que fazer. Ir atrás dele? Confrontá-lo do lado de fora? Ele estava fugindo de mim?

Faca na mão.

Não, não era possível que aquele velho fosse perigoso. Era só um ridículo.

Barulho lá em cima. Baixinho, mas constante. Sons pontuados, como os de um trem deslizando pelo trilho, depois um som longo.

Som de quem, se o seu Guizé tinha saído pela porta da cozinha?

Subi o primeiro lance da escada. Vi que o barulho não vinha do quarto dos donos da casa.

Vinha de cima. Do meu.

Entrei empurrando a porta. No chão, uma bagunça de folhas. As folhas de papel A4 que eu tinha comprado no dia anterior. O barulho que eu tinha

ouvido era o da impressora. Ela trabalhava sem parar, imprimindo, imprimindo, já devia ter cuspidos no mínimo umas cem páginas, espalhadas pelo quarto.

Xinguei muito alto.

Olhei para o notebook. O que o velho tinha mandado imprimir? Nome do arquivo aberto: Reencontro. Que merda era aquela?

Espera, eu quase disse. Era o meu livro.

Ele tinha aberto o arquivo do meu livro e escrito coisas. Filho da puta, ele tinha escrito muitas coisas. Ele tinha feito o equivalente a uns dez capítulos.

Como? Naquela meia hora?

O pensamento só passou pela minha cabeça. Eu tinha que focar em outras coisas. Por exemplo: como eu fazia aquela impressora parar? Tentei apertar o botão de energia, mas ela não desligou. E se eu tirasse da tomada? Tive medo de danificar.

Sentei na cama e fiquei vendo aquela montanha de papel se formando no chão. Todo aquele papel desperdiçado.

Peguei uma folha ao azar. Era da página 72 do livro. Eu só tinha escrito até a 60.

do livro que ele nunca chegou a publicar. Mas foi então que usou a história como base para começar seu sétimo livro. A história se passa numa ilha, e as mortes que presenciou naquela casa viraram também inspiração para os assassinatos que

Mas que merda ele tinha escrito? Tinha cagado todo o meu texto.

Eu fiz o que qualquer pessoa faria. Peguei o celular e liguei para a polícia. Tinha um louco andando com uma faca pela casa e estragando meu trabalho. O que ele faria a seguir, riscaria meu carro? Furaria meu pneu.

Ai, merda.

Ah, outro detalhe importante sobre viver isolado numa área rural: a Polícia Militar está cagando para você.

Descobri isso da pior forma.

Eu liguei para o celular da dona Ieda meia hora depois e lhe disse que seu marido tinha ficado maluco. Ela não ouviu nem metade das minhas palavras. O sinal era ruim e ela estava concentrada no batizado.

— Você o quê? Chamou a polícia?
— Eu tive que chamar. Eles não chegaram ainda, mas...
— O Guizé vai ficar uma fera. Ele gosta de tranquilidade. O médico disse que ele não pode se agitar.
— A senhora precisa voltar para cá o quanto antes.
— Ainda não terminou. Tem almoço na Pietra depois.
E quem era eu para mandar na minha anfitriã?
— Eu posso te buscar antes, te trago, a senhora conversa com o seu marido e depois eu te levo de volta pro almoço. Pode ser? Acho que ele precisa de alguém conhecido falando com ele.
Dona Ieda não escutou. O sinal estava muito ruim. Eu teria que ir atrás dela sem avisar mesmo.

O pneu do meu carro estava inteiro e saudável. Afinal, eu tinha imaginado demais.

Ainda assim, havia aquele... receio. Andei até o carro devagar, o guarda-chuva me protegendo dos pingos, eu olhando por cima dos ombros, atento às árvores naquela área de mata. Atento a uma silhueta.

Nada do seu Guizé.

Fechei o guarda-chuva, entrei no carro, liguei o motor, ativei o limpador do para-brisa e acelerei pelo caminho até o portão.

O portão. Caramba, eu precisava da chave para abrir o cadeado.

Voltei com o carro, parei no mesmo lugar e desci empunhando o guarda-chuva. O vento veio e ele entortou todo para um lado só. A chuva ainda era fraca, mas o vento parecia da turbina de um avião.

Na metade do caminho de volta à casa, o guarda-chuva virou para fora. As peças se retorceram e quebraram. RIP guarda-chuva. Soltei ele ali mesmo e corri para a porta.

Escuro e silêncio lá dentro. Pingos cada vez mais agressivos nas janelas.

Em cima da mesa da cozinha, uma pilha de folhas de papel. Estava ali meu quarto livro, escrito por mim e pelo seu Guizé, prontinho para ser encadernado e mandado ao editor. Reencontro.

Tive falta de ar.

Na tigela onde ficavam as chaves, o vazio.

Eu me tranquei no meu quarto. Não tive coragem de rondar a casa atrás

dele e exigir a chave para poder ir embora. Era coisa de filmes de terror cheios de pessoas burras cumprindo um papel em que estão destinadas a morrer.

Os fatos: seu Guizé tinha uma faca e era desequilibrado. Por que outro motivo imprimiria um livro inteiro sobre algo que eu escrevi e que ele só estragou?

E não é sábio ir atrás de um louco com uma faca.

Era melhor ficar quietinho com a luz apagada.

A chuva tinha feito a mancha no teto crescer. Quarenta centímetros agora, para mais. Ela fazia pingar ao lado da cama. Calculei que dentro de uma hora todo o chão do quarto estaria tomado pela poça de água. Torci para a chuva passar logo.

Pela janela, eu vi o céu e a represa virarem uma coisa só, um cinza com o contorno das árvores castigadas pela tempestade.

A maçaneta da porta girou lentamente. Foi o primeiro momento naquele dia em que senti meu coração parar. Tinha sido o movimento leve de quem quer entrar sem ser notado, sem fazer barulho.

Quando se deu conta de que a porta não cedia porque estava trancada, a pessoa do outro lado devolveu a maçaneta à posição original.

Nada por vários segundos.

E então, uma batida, forte como se um touro estivesse solto lá fora.

— Vai embora, vai embora — meus gritos saíram no desespero. Veio a imagem mental: o seu Guizé conseguindo estourar a porta e vindo para cima de mim com a faca pronta para me dissecar como tinha feito com o peixe.

E mais batidas. A maçaneta girava sem parar.

Eu agarrei a cadeira, levantei-a e fiquei pronto para o ataque.

Ele parou.

Ouvi os degraus rangendo lá fora.

Ele se foi.

Será mesmo?

Liguei para a polícia outra vez e exigi pressa. O atendente me disse que os policiais já estavam a caminho, mas...

— ... a travessia da balsa foi interrompida por causa da chuva. A viatura não tem como passar. Fica dentro do quarto. Pelo que o senhor falou, não é tão grave.

Não soava grave mesmo. “Oi, eu sou um cara de vinte e cinco anos sendo perseguido por um idoso de uns setenta.” Os policiais deviam estar rindo de mim naquele momento.

Disquei para minha namorada. Ela ficou preocupadíssima, mas também não teve como ajudar. Se nem a polícia conseguia vir, imagine ela.

Relativizei. Disse que não era grande coisa. A verdade era que eu não queria que ela chegasse perto daquele lugar. E se acontecesse algo grave com ela?

A mancha no teto projetava um pingo a cada dois segundos.

Meu notebook estava molhado de novo. E eu sabia que não era por causa da goteira.

Maldito.

Era culpa dele. Desta vez, a água tinha feito estrago. O teclado estava submerso, e não adiantava deslizar o dedo pelo touchpad, o mouse não funcionava.

Foi quando olhei para a chuva lá fora e vi outro contorno no meio do cinza.

Uma silhueta na horizontal.

Uma pessoa na água. Uma pessoa nadando. Não, boiando.

Um homem imóvel.

Não era preciso binóculo para entender.

O corpo do seu Guizé flutuava na represa Billings.

— Alô?

— Dona Ieda, a senhora precisa vir com a polícia agora pra cá.

— Alô?

— Dona Ieda, presta atenção, gruda a orelha no celul...

— Quem tá falando? A ligação tá horrível, não dá pra escutar.

— O seu marido morreu — eu perdi o freio. — Ele morreu, eu não sei como. Ele tava me perseguindo, eu acho que ele não queria que eu saísse da casa, até que alguém veio na minha porta e agora...

— É o Victor? Meu filho, não dá pra ouvir nada.

— A polícia. Dona Ieda, a senhora precisa...

— Meu filho, eu já tô voltando pra casa. O seu Geraldo está fazendo a gentileza de me dar uma carona. — Riu para ele, que devia estar ao lado de

dona Ieda no carro. — A gente fala melhor quando eu chegar, tá bom?

— Voltando? Não, pelo amor de Deus, não volta. Chama a polícia, volta só com eles, não vem sozinha porque...

— Vou desligar. Dá pra ouvir nada.

E desligou.

Olhei pela janela outra vez. O corpo tinha flutuado até a margem.

E não estava sozinho.

No banco de madeira, aquele mesmo com pregos soltos onde eu tinha me sentado horas antes, havia uma pessoa sentada.

Uma mulher. Jovem. Corpo atlético. Usava biquíni azul. Estava de costas para mim.

Ela se virou e olhou diretamente para minha janela.

Meus instintos pediram para evitar seu olhar. Eu me distanciei da janela, o coração a mil, o cérebro buscando explicações que não existiam.

Só tive tempo de reparar no que ela segurava nas mãos: a vara de pescar. Ela tinha fisdado o corpo do seu Guizé o puxara para si.

Ouvi o barulho de um carro chegando. Seu Geraldo e dona Ieda. Destranquei a porta do meu quarto e a puxei de uma vez só, sem ter tempo de pensar em coragem.

Só que ela não abriu.

A poça de água no chão havia levantado a madeira. A porta estava travada. Eu não conseguia acreditar que existisse azar tão grande.

Não existia, claro. Aquilo era orquestrado.

— Maridooo? Guizé?

A voz ressoou lá de baixo.

— Dona Ieda. Dona Ieda, volta. Chama o seu Geraldo, vocês precisam ir atrás da polícia.

— Victor? É você?

— Sou eu. Aqui em cima, eu tô preso e...

— Meu filho, aconteceu alguma coisa aí?

— Aconteceu, eu fiquei preso no quarto porque...

— Por que você tá chorando na cozinha, meu querido?

Eu cheguei a abrir a boca para continuar, mas então senti a garganta prender. Não era comigo que dona Ieda estava falando. Ela achava que era

comigo. Mas era com a pessoa na cozinha.

E apostei que sabia quem estava na cozinha.

Pai nosso que estás no céu, santificado seja...

O grito agudo percorrer a casa toda. Um grito que não era de dona Ieda. Era de uma mulher mais jovem.

Um grito do mais intenso desespero.

Eu fiquei com a orelha grudada na porta. Respirava devagar para conseguir escutar tudo.

Foram quase dois minutos em que apenas a água da chuva esganiçava.

E então, a risada. Esta, sim, vinda de dona Ieda.

Uma risada de boa piada, de boa companhia. Ou daquele prazer que você sente quando consegue uma vingança.

Ela veio de bem perto. Perto demais.

Dona Ieda estava na escada já, sem dúvida.

Eu me afastei da porta como quem percebe que encostou numa panela fervendo.

E só então percebi meu erro. Eu tinha destrancado a porta. E não tinha trancado de novo.

Ela se abriu com o rangido causado pelas infiltrações. Eu dei passos para trás e senti minha cabeça molhar. Tinha parado bem embaixo da mancha de infiltração. Ela parecia um chuveiro mal fechado agora.

Dona Ieda apareceu pelo vão. Ela sorria. Alguma coisa em seu rosto estava errada. Ela me pareceu... azul. Flácida. Mal pude ver seus olhos, já que a pele estava mais solta do que o normal.

Não era dona Ieda.

— O seu livro tá lá embaixo, meu filho.

— Dona Ieda...

— O meu marido leu inteirinho e disse que ficou emocionante. E olha que ele não lê livros e não tem vontade nenhum de ler.

A faca do peixe empunhada.

— Por favor, eu não fiz mal nenhum pra senhora.

Ela abrindo o sorriso ainda mais. Eu debaixo da goteira. A água batendo na nuca deixou minha pele dormente.

— Dona Ieda, o que ela quer com a senhora? Por que ela tá fazendo isso?

Minha anfitriã cochichou:

— Ela me pediu para dar um recado. Ela disse que é pra você mandar um oi pros seus amigos escritores.

E enfiou a faca no espaço entre os próprios pulmões.

O sangue se misturou com a água da goteira e logo o chão virou uma gosma cor de cereja que brilhava na madeira.

Eu precisava sair daquela casa. Mas havia dois problemas.

Primeiro: eu teria que enfrentar a tempestade lá fora. Um aguaceiro que não dava para ver um metro na sua frente. Eu me perderia no caminho até o carro e pegaria uma pneumonia.

Segundo: para sair, eu teria que passar na frente da cozinha.

Eu não queria passar na frente da cozinha.

Ela não tinha pressa. A chuva poderia continuar caindo para sempre, como a goteira no teto do meu quarto. Sem pressa.

A porta da saída está bem aqui, Victor.

Por que esperar mais se você pode ir embora já?

E você sempre pode correr. Acha mesmo que um cadáver pútrido se desfazendo em água e lodo vai conseguir te alcançar numa corrida?

Eu não tenho a menor chance contra você.

Abri a garrafa de uísque que até então ficara dormente na estante.

Na minha concepção original: eu dando goles no whiskey on the rocks num momento de fina celebração – um escritor de sucesso que brinda a conclusão de seu mais novo e promissor romance.

No mundo real: eu virando aquela porra para aceitar o maior dos fracassos: a morte. Quanto menos consciência, melhor.

Acabei devolvendo a garrafa intocada à estante. Encher a cara pra fugir da realidade nunca teve a ver comigo.

Abri a porta e saí carregando a mala de roupas. Não porque eu precisaria de roupas, mas porque eu poderia precisar do peso daquela mala.

Lá embaixo, torci o pé no último degrau (você fica bêbado de nervoso numa situação dessas) e andei até a porta da saída, segurando um turbilhão dentro de mim.

Eu estava em choque, mas me lembro de tudo.

Só a chuvarada lá fora.

Passando pela porta da cozinha.

Uma olhada lá dentro – involuntária, eu não queria ter olhado, eu jurei por Deus que não me renderia à curiosi...

A vara de pescar do seu Guizé estava sobre a mesa. A linha ficava para fora, de modo que a isca, na ponta, balançava de um lado para o outro, a poucos centímetros do chão.

Eu não aguentava mais.

Corri, abri a porta, fui engolido pela ventania e pela chuva.

E dei de cara com ela.

Nem nos meus piores pesadelos eu estaria assim tão perto, a menos de um palmo de seu rosto mole. Os pedaços de carne se desmanchavam, mais ou menos o efeito que você vê quando coloca um pedaço de papelão numa banheira e brinca de rasgá-lo com as mãos. Os nervos eram os fios que seguravam o conjunto da obra. Sem eles, os pedaços podres cairiam e você sequer saberia que aquele cadáver era de uma mulher. Uma espiadinha sobre o crânio e você não via mais o branco do osso ou o vermelho do sangue: era um verde azulado, aquela mesma cor do rosto de dona Ieda. Fungos. Bactérias.

Deixei a mala cair. Tive ânsia na hora. Quando abri a boca para vomitar, aconteceu a coisa mais bizarra e nojenta de toda a minha vida. Ela agarrou minha cabeça com as mãos geladas e meteu a boca dela na minha.

Minha alma congelou. Doeu como hipotermia. A saliva era uma espuma que vazava dos lábios; a língua, uma massa gelada e viscosa que chacoalhava na minha boca como uma sardinha fora d'água.

Decidi que era tudo minha imaginação. A referência a O Iluminado de Stanley Kubrick era prova disso. Eu tinha lido coisas demais.

Eu tinha imaginado tudo.

Aqueles olhos verdes que não se fechavam durante o beijo só podiam ser de mentira.

Muito frio.

Foi ele que me acordou. Minha respiração era a única coisa quente.

Eu estava dentro no carro, no banco do motorista, a salvo da chuva. Ela ainda caía em torrentes.

Liguei o carro com pressa e saí em disparada pelo caminho entre as árvores. No meio, lembrei da chave do portão. Puta merda. Eu teria que

voltar.

Não tive. O portão estava aberto. Passei por ele e dei uma última olhada para trás.

Quanto tinha sido real?

Só então reparei que havia algo no banco do carona: um montinho de folhas de papel. A primeira tinha o título: Reencontro. As páginas estavam úmidas.

Peguei aquele calhamaço e folheei a esmo. Li:

...e ele não pensou nisso no momento em que recolhia as páginas do chão, mas ficou cristalizado em seu subconsciente que aquela era a obra-prima de sua vida. A reação foi natural: chamou a polícia, algo que poderia...

Virei mais algumas páginas.

...soube, no fundo de sua alma, que não estava mais sozinho. Qualquer encontro de olhares muda uma vida. Aquele, em especial, traçou seu destino. Ele fugiu da casa, mas não poderia fugir do que...

Joguei dentro do porta-luvas, me recusando a prestar atenção.

Esperei três horas até a chuva diminuir e a balsa voltar para a Ilha do Bororé. Meu carro era o único na fila. O funcionário me perguntou se eu estava bem.

— Você parece com frio. Tá meio azul.

— Por que ela me deixou viver? — eu retruquei. Ele não entendeu.

Claro que todas as perguntas foram levantadas pelo delegado de plantão, ainda mais depois que ele mesmo visitou a casa e voltou de olhos esbugalhados.

Fui o maior suspeito. O delegado só não pediu prisão temporária porque a perícia e a necropsia concluíram que Guizé Tomás havia escorregado sozinho na sacada, rolado pelo barranco da mata e caído desacordado na represa Billings, onde morreu afogado, enquanto Ieda Tomás, sem dúvida, enfiou ela mesma a faca no coração.

Não havia indício de homicídio ou suicídio assistido.

Eu aleguei que não vi nada disso porque tinha desmaiado graças ao frio e

à chuva. O delegado riu da minha cara. Mas os laudos mostraram que eu não estava mentindo: eu tinha tido um quadro de hipotermia – fui direto para o hospital naquele domingo, por sinal.

Conclusão ao final do inquérito: seu Guizé sofreu um acidente doméstico e sua dependente esposa decidiu que era melhor morrer do que ficar sem ele.

Eles sequer se referiram à banhista de que lhes contei.

Um mês depois, o delegado me chamou para novo depoimento. Achei que ele fosse me acusar. Acabou pedindo minha ajuda.

— A tal banhista. É essa?

Ele me mostrou uma foto.

— Essa moça desapareceu há uns meses na região. Estava de férias com a família numa pousada na Ilha do Bororé. Prendemos o namorado, mas não encontramos prova contra ele, então foi solto. A última pessoa que a viu foi o irmão. Ele diz que a moça saiu num sábado à tarde depois de brigar com o namorado.

— E ela disse para onde ia quando saiu? — perguntei, começando a entender.

— Disse apenas que estava indo pescar com uma pessoa que conheceu na região. Nunca soubemos quem era essa pessoa.

Eu sabia. Sabia também que a moça naquela foto era a versão viva e saudável do defunto que tinha me beijado. Os olhos verdes me deram essa certeza.

Aquela foi a primeira noite em que consegui pregar o olho de verdade. Senti que um ciclo se fechava.

De manhã, fui levar meu carro para a revisão. E na hora de retirar meus pertences, dei de cara com Reencontro no porta-luvas.

Comecei a ler no táxi de volta e não larguei as páginas até terminar.

— Foi você mesmo que escreveu? — me pergunta agora um dos meus amigos.

— Não. Foi ela.

— E o que dizia?

— Várias coisas. Dizia que o protagonista do livro encontraria páginas úmidas dentro do porta-luvas numa visita à concessionária. Que ele

terminaria seu quarto livro no ano seguinte, seu livro mais sombrio. Que ele usaria o episódio na Ilha do Bororé como exemplo para seu sétimo livro.

— Espera, você tá dizendo que a mulher escreveu um livro sobre a sua vida? Sobre o seu futuro?

Eu nem preciso responder. Eles estão boquiabertos.

— Tudo?

— Tudo. As pessoas que encontrei na vida, as promoções no trabalho, as vezes em que me mudei de casa. Momentos de sorte, azar, festa, luto, tudo.

Há uma tensão entre nós agora. A ficha cai:

— Então foi por isso que ela te deixou viver.

— Exato. Porque ela sabia exatamente qual era o momento da minha morte. Não era aquele.

— E qual é? Você leu?

— Li. Nunca consegui vencer a curiosidade. Tudo termina com o reencontro que dá nome ao livro. O momento em que eu me reúno com amigos escritores de muitos anos para um jantar com histórias do passado.

— E o que acontece?

— Nenhum de nós sai vivo daqui.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

V BURACOS DE MINHOCA



O segredo da galeria me destruiu. Depois daquele dia, jamais fui o mesmo. Eu teria voltado para casa, se possível fosse, mas Robson e o priorado de Hologrom me proibiram. Tiraram a minha liberdade. Vetaram meu direito de ir e vir.

Uma vez se que se entra nisso, nunca mais você sai, até que o círculo seja quebrado. Eu estava entre eles, fazia parte deles. Estávamos todos unidos pela luz verde do além-mundo. Em poucas semanas me dediquei a grimórios antigos e epístolas velhas. Dediquei à escrita de tomos sigilosos de conhecimentos ancestrais. Tudo ficou ali naquele pequeno santuário do tempo, escondido dos olhos humanos. Agora entendia, finalmente, os motivos de Robson ter se mudado às pressas em nossa juventude, abandonando tudo, rumo ao casarão mais distante de toda cidade e população baiana.

Interroguei como os outros escritores de cidades distantes se reuniam ali, naquele lugar suntuoso. Naquela salinha onde jaz o abandono, o pavor pintado em nuances de medo.

— Buracos de minhoca. — Ele respondeu. — Todos eles possuem uma marca sob a pele, que os permitem cruzar um portal do além-mundo para a

região profunda. É complexo para entender, então cuidado que explicarei com calma. Tente acompanhar meu raciocínio e você entenderá como tudo soa tão louco. Existem buracos de minhoca que levam as pessoas escolhidas a transitarem entre o véu para um lugar onde só os condecorados podem pisar. As galerias abaixo do solo, ainda que sejam visitadas por pessoas normais, jamais encontraram nada. É uma espécie de mundo invertido. Os milhares de portas, nos corredores abaixo, são acessos. Buracos de minhoca que trazem todos os dias visitas de peregrinos do mundo inteiro: jogadores de futebol, empresários milionários, líderes religiosos e políticos, escritores, grandes editores, atletas, boatos que até mesmo o Papa Bento XVI já esteve ali. As galerias de Hologrom são um lugar no tempo e não um lugar no plano físico e terreno. Os canais que nos levam até lá são apenas acessos, entende?

Por mais denso que tudo aquilo fosse, entendi seus conceitos. Estávamos entrando em um acesso a uma dimensão cósmica que não nos pertencia, nos elevando a seres que não faziam parte de nosso mundo ou existência. Estávamos cruzando as moradas do diabo.

— O que estamos destinados a fazer, Robson?!

— Nada, apenas servi-los com nossas oferendas e tributos, e jamais quebrar o círculo. Só unidos conseguiremos lidar com esses conhecimentos. Sozinhos, podemos ser vulneráveis às vozes que ali ecoam e, assim, a desgraça estaria feita.

Quando as luzes se apagaram aquela noite, Robson adormeceu, entretanto, o assombro lhe roubou o sono.



SORAYA ABUCHAIM



TRIBUTO AO DIABO



Os sons dos passos vacilantes de Pedro invadiram a casa silenciosa. Passava das dez da manhã, os pais não costumavam demorar-se tanto para levantar.

Ele já estava acordado há um tempo, mas contemplava as estrelas fluorescentes do teto no quarto escurecido com seus olhinhos de seis anos de idade, preocupado com um pesadelo que tivera na noite e temeroso de se levantar na manhã gelada. O ursinho de pelúcia que carregava desde bebê, Lolo, estava tranquilo a seu lado, também mirando o teto.

Apenas quando seu estômago protestou, ele resolveu que procuraria os pais, que na sua ideia de domingo perfeito, já estariam, àquela hora, fazendo um delicioso café da manhã com direito a panqueca e chocolate quente.

Ele percorreu os metros de seu quarto até o dos pais com Lolo pendurado pela mão, os pés amassando o carpete e fazendo mais barulho do que deveria. Em seu coraçãozinho infantil, alguma coisa estava terrivelmente errada, e se juntasse a sensação com o pesadelo que o fizera acordar com a garganta ardendo e as pernas tremendo, ele quase sabia o que encontraria naquele quarto.

A porta estava entreaberta, ele a empurrou como em um ritual, devagar, receoso. Os pais estavam na cama, era possível ver, na penumbra da janela

fechada, quatro pés estendidos. Pedro suspirou, estava tudo bem.

Caminhou ao lado da cama em que a mãe, sua maior companheira, repousava, mas o que avistou o fez recuar, as perninhas sacudindo, um grito ecoando de sua pequena garganta ardente, Lolo caindo ao chão. Do rosto da mãe sobrara nada. Era um bolo de carne envolta por sangue, assim como – ele teve o desprazer de ver – o do pai. No peito da mãe, a conhecida faca Tramontina enterrada até só sobrar o cabo para fora, os lençóis molhados e escuros como se ali, ao invés de sangue, houvesse tinta preta.

Pedro vomitou a bile que estava em seu estômago e, em um ímpeto, saiu correndo do quarto, gritando por ajuda, até alcançar a casa de Danuza, a vizinha da frente.

Lolo ficou no chão, esquecido no ambiente mortal, e ninguém viu quando seus pequenos olhos de botões pretos cintilaram.

Quando a inspetora Lirane Afonso entrou no quarto dos mortos, ficou petrificada com a crueldade do ato. Quem quer que tivesse feito aquilo estava movido a muito ódio. A porta da frente não havia sido arrombada, e estava destrancada, mas Pedro saíra por ela, então não era possível saber se estava assim na hora do crime. Ela também não entendia como Pedro, que dormia a poucos metros do quarto dos pais, não ouviu absolutamente nada.

O menino, no entanto, continuou afirmando que dormiu o tempo todo, teve pesadelos horríveis (em uma parte deles, os pais eram mortos em uma praia) e quando acordou, descobriu os corpos. Não, não lembrava se a porta estava destrancada, por que deveria lembrar? Era apenas uma criança.

Estranho, mas não se podia julgar uma criança traumatizada. Além do mais, ele jamais teria força para cometer um ato daqueles, e seu visível transtorno – ele recusava-se a comer ou levantar da cadeira da sala de Danuza e o choro saía em espasmos regulares – mostrava o profundo pesar.

— O que achou, Afonso?

Seu chefe perguntou assim que ela pisou na delegacia.

— Você não vai querer saber. — Seus pelos se arrepiaram.

Enquanto Lirane descrevia a cena, ela continuava com aquela sensação de que algo estava fora do lugar. Então, de súbito, lembrou-se de algo que a incomodou muito.

— E tem mais, Paiva. Havia um ursinho. Sentado no canto do quarto. Eu... bem, você me conhece, mas quando eu o peguei, ele estava em fogo.

Parecia incandescente.

Ela mostrou as pontas dos dedos vermelhos que não a deixariam esquecer tão cedo o acontecimento bizarro.

— Eu me senti mal com aquele urso. O menino o pediu muito, mas na minha opinião, deveríamos jogá-lo no lixo.

Paiva, que pegava um café na garrafa térmica, a encarou com olhos prateados.

— Ora, Afonso. Desde quando você tem essas coisas?

— Não tenho, mas esse urso...

— Espero que o tenha devolvido ao garoto.

— Sim. Eu o devolvi. Mas algo ruim vai acontecer, eu sinto.

Paiva revirou os olhos e engoliu seu café. Apenas mais um dia comum, um duplo homicídio para resolver.

Pedro foi levado para a casa da avó. Ele estava inconsolável. A querida matrona, apesar de acostumada a perdas depois de uma vida longa, estava tão chocada quanto o garoto. O que seria daquele menino? Quem poderia ter feito semelhante abuso a seu filho e nora queridos?

Mas ela já chorara demais. Era o momento de ser forte e confortar o garoto, e não de se entregar ao pesar; enxugou as lágrimas, ergueu a cabeça e fez seu melhor para cuidar de Pedro; não o abandonaria.

O menino estava deitado na sala, abraçado àquele urso do qual ele se recusava a se separar. Lúcia não sabia por que, mas sentiu algo estranho com ele. Talvez fosse o fedor de roupa molhada que seus pelos exalavam.

Cobriu o neto e foi se deitar. Era viúva, a casa estava sempre solitária. De certa forma, pensou, será bom ter alguém para me fazer companhia. Seu coração pulsou com o pensamento.

Lúcia achara um abuso Pedro ter que prestar depoimento.

— Ele é testemunha, minha senhora — dissera a inspetora peituda e impetuosa.

Lúcia saiu do prumo. Aquela senhora simpática, de feições carinhosas, mostrara a dentadura e respondera:

— Não interessa o que ele é. Ele tem apenas seis anos. Ou a senhorita está achando que ele matou os pais?

A inspetora empinou ainda mais os peitos siliconados e deu de ombros, largando Lúcia sozinha, o que enfureceu a avó ainda mais.

Agora, a cabeça afundada em um travesseiro macio, ela se recordava do

dia, da notícia, do desespero e da morosidade da polícia e sentia-se mal. Queria saber quem matara seu filho e a esposa. Mas mais do que isso: ansiava saber o motivo.

E se Pedro também estivesse em perigo?

Com esses pensamentos perdidos, ela adormeceu um sono agitado.

Um barulho estranho faz Lúcia despertar. Ele se sobrepôs ao vento que rugia do lado de fora, balançando as persianas, e que não estava ali quando fora deitar-se. Seu coração, despertado de súbito, batia em movimentos constantes e fortes, e ela prendeu a respiração, esperando ouvir o que quer que tivesse ouvido uma vez mais. Outro baque, e Lúcia apertou as mãos contra o lençol. Era como se algo tivesse batido no chão de madeira, mas não eram passos.

Pensou em Pedro e, sem pestanejar, apavorada pela ideia do neto dormindo sem proteção na sala, levantou-se da cama e colocou o pé no chão frio, caminhando sem fazer barulho.

Os baques começaram a ficar mais altos, mas era apenas aquilo: objeto batendo de encontro à madeira. Não havia sinal de qualquer outro movimento. Ela entreabriu a porta do quarto e parou. Sussurrou:

— Pedro?

Silêncio. Lúcia, no alto de seus sessenta e três anos, tremendo mais do que sua saúde permitia, caminhou em direção à sala, com uma coragem que não sentia.

Olhou pelo corredor, mas os baques haviam sumido e ela não ouvia mais nada, nem o vento. Estou nervosa, parece que meu coração está ressoando pela casa toda. Acho que até os vizinhos poderão ouvir.

Quando chegou à sala, o neto dormia placidamente no sofá, o peito subindo e descendo sob o cobertor. Ela suspirou aliviada.

Ia virar para voltar para o quarto quando, no breu da sala, ouviu o baque novamente. O barulho vinha da direção oposta ao sofá. Lúcia apertou os olhos para ver melhor e divisou uma figura vestida de negro com um cajado.

Ela segurou um grito na garganta. Correu para o neto, mas uma voz metálica a fez parar.

— Não se mova.

Lúcia estancou. O homem, batendo o cajado no chão, manquejava em sua direção. Pedro parecia alheio a tudo em seu sono infantil. O estranho se aproximou da nuca de Lúcia, arrepiada e apavorada demais para sequer

respirar adequadamente, e sussurrou em seu ouvido:

— Vamos para seu quarto.

Lúcia obedeceu, virando sobre os calcanhares, as pernas fraquejando, enquanto o baque do cajado na madeira fazia sua cabeça latejar. Não ousaria desrespeitar aquela voz tão autoritária.

Ela entrou no quarto, seguida do homem que, notou, era jovem e não combinava com aquela voz estranha.

Ele a fez sentar na cama e, tirando o capuz, mostrou o rosto tatuado e com marcas de queimadura do lado direito.

Lúcia não fazia ideia do que aquilo significava. Sentia pontos pretos na vista e a cabeça girando, acompanhando o tremor das mãos e pernas. Achou que ia enfartar.

O homem começou a falar novamente, e ela percebeu que a voz não era metálica, mas grossa e rouca:

— Lúcia, finalmente nos encontramos.

— Quem é você? — Como ele sabe meu nome?

— Não se lembra? Você foi tão íntima no passado... só vim cobrar meu preço.

Lúcia estancou. Ela sabia que a hora chegaria, mas guardara aquilo em um canto afastado do seu cérebro.

Uma lembrança dolorosa veio à sua mente. A dificuldade para engravidar, o desespero de saber que perderia o marido se não lhe desse um filho, a velha curandeira que prometia emprenhá-la se ela desse, em troca, o neto que nasceria da união de seu filho, no futuro, para o diabo. Sacrifício.

Lúcia, na época, embriagada pelo fato de que finalmente teria o amado filho e não perderia o marido, fez o ritual de sangue, repetindo palavras estranhas, o cheiro embriagante entrando pelas narinas e penetrando os pulmões, a fumaça... quando tudo acabou, ela se sentiu aliviada.

Dois meses depois, estava grávida.

O tempo passou e ela jamais achou que o pacto seria levado a cabo. O neto nasceu, e a paixão que ela sentiu foi maior do que pelo filho. Não o daria a ninguém. Protegia-o acima de tudo, especialmente em ocasiões que achou que ele pudesse lhe ser tirado. O quase afogamento na praia, sob seus cuidados; o engasgo com um pedaço de maçã que ela conseguiu reverter com uma manobra bem executada, entre outros acidentes que, agora, ela percebeu que eram sua chance de entregá-lo.

Então, anos depois, sem aviso, sem perspectiva... aquele homem voltava, e para cobrar o quê? E como? Não seria mais fácil um acidente definitivo?

Ela tinha tantas perguntas, mas sua garganta estava travada.

— Você se lembra... claro que se lembra.

— Mas... mas...

— O tempo não importa, Lúcia, o momento que é oportuno.

— Você... quem é você?

— Poderia dizer que tenho vários nomes, mas sou apenas um mortal executando o apelo do diabo. E hoje, ou você me dá o seu neto, ou a sua vida. A escolha é sua, Lúcia. Cansamos de mostrar os caminhos. Mas você teve medo, não é? De perdê-lo, sim, mas principalmente, de viver com a culpa de ele ter se perdido sob seus cuidados. Achou que seria fácil?

— Você tem nos vigiado? — ela soava mais ultrajada agora do que amedrontada.

— Aquele ursinho que Pedro se recusa a largar... ele guarda um pouco da energia do demônio. Os olhos do diabo... HAHAAHAHA.

A risada era maléfica, ensaiada. Ela se arrepiou. Teve a mais perfeita noção de que morreria ali mesmo. Era cética, mas sentia energias perversas rondando o ambiente.

Mais uma vez Lúcia foi tomada por memórias e se lembrou de como aquele ursinho a chamara na loja de brinquedos quando foi comprá-lo, em meio a tantos outros. Era feio, mas ela se apaixonou e, desde bebê, Pedro não o deixava de lado. Sentiu um arrepio ainda mais forte. Como podia um bicho de pelúcia estar dominado pelo demônio?

Não, ela devia estar tendo um pesadelo. Respirou fundo e estapeou o rosto para tentar despertar; doeu.

O homem riu ainda mais. Ela temia que Pedro acordasse.

— Vamos, Lúcia. Já passa das três e meia da manhã. Preciso ir.

Ela suspirou e falou, derrotada:

— Se eu te der minha vida, você deixa Pedro em paz?

Ele pareceu ponderar e falou, convicto:

— Não devia ser esse o trato. Mas já levei seu filho, sua nora e você. Acho que posso considerar feito o sacrifício.

— Meu Deus...

— Deus não vai te salvar. — Outra risada forçada. Ele não se cansava?

Lúcia começou a chorar e se deixou cair na cama, derrotada. Pelo menos,

pensou, já vivi uma longa vida. Vou agora encontrar meu marido. Ela apertou os olhos, as lágrimas molhando o lençol. Estava apavorada, mas não ousava mais olhar o intruso. Seu corpo tremia, as mãos seguravam o lençol tão fortemente que Lúcia se concentrou na dor das juntas, tentando esquecer o resto, em vão. O homem tirou uma enorme faca de seu cós e avançou, deixando o cajado de lado, mancando um pouco, mas se debruçando sobre o corpo gorducho da senhora.

Ele a esfaqueou diversas vezes. Enquanto o sangue espirrava em seu rosto, ele cantava aos céus cânticos demoníacos, lambendo o líquido rubro do rosto e dilacerando as vísceras de Lúcia, que sequer teve tempo de dar seu último suspiro.

Após feito o serviço, ele se lavou com cuidado no banheiro e colocou fogo na capa negra até que ela desaparecesse dentro da banheira, sorrindo, satisfeito. Matar a velhinha, enganá-la havia sido uma tarefa fácilima, quase sem graça.

Secou as mãos na toalha verde após lavá-las novamente e foi ao encontro de Pedro, que ainda dormia, anestesiado.

Pegou o menino no colo e saiu noite afora. O demônio ficaria contente com toda a sua oferenda.

A inspetora Lirane Afonso vomitou seu café da manhã na cena grotesca, parada na porta do quarto da Sra. Lúcia, a quem ela desejara mal após a conversa calorosa sobre o depoimento de seu neto; sentiu-se culpada. Focou no assassinato, inspecionando a casa. O cheiro era insuportável, e o fato de não haver sinal do menino era um problema; já pensava o que diria à mídia, para que a população não surtasse.

O que Lirane não sabia, no entanto, é que Pedro jamais seria encontrado novamente, assim como o responsável pelos assassinatos. Porque o diabo faz suas traquinagens e as esconde dos olhos dos mortais, usando seus instrumentos a bel-prazer.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

VI QUEBRA DE ELOS
(QUANDO A MORTE CHAMA)



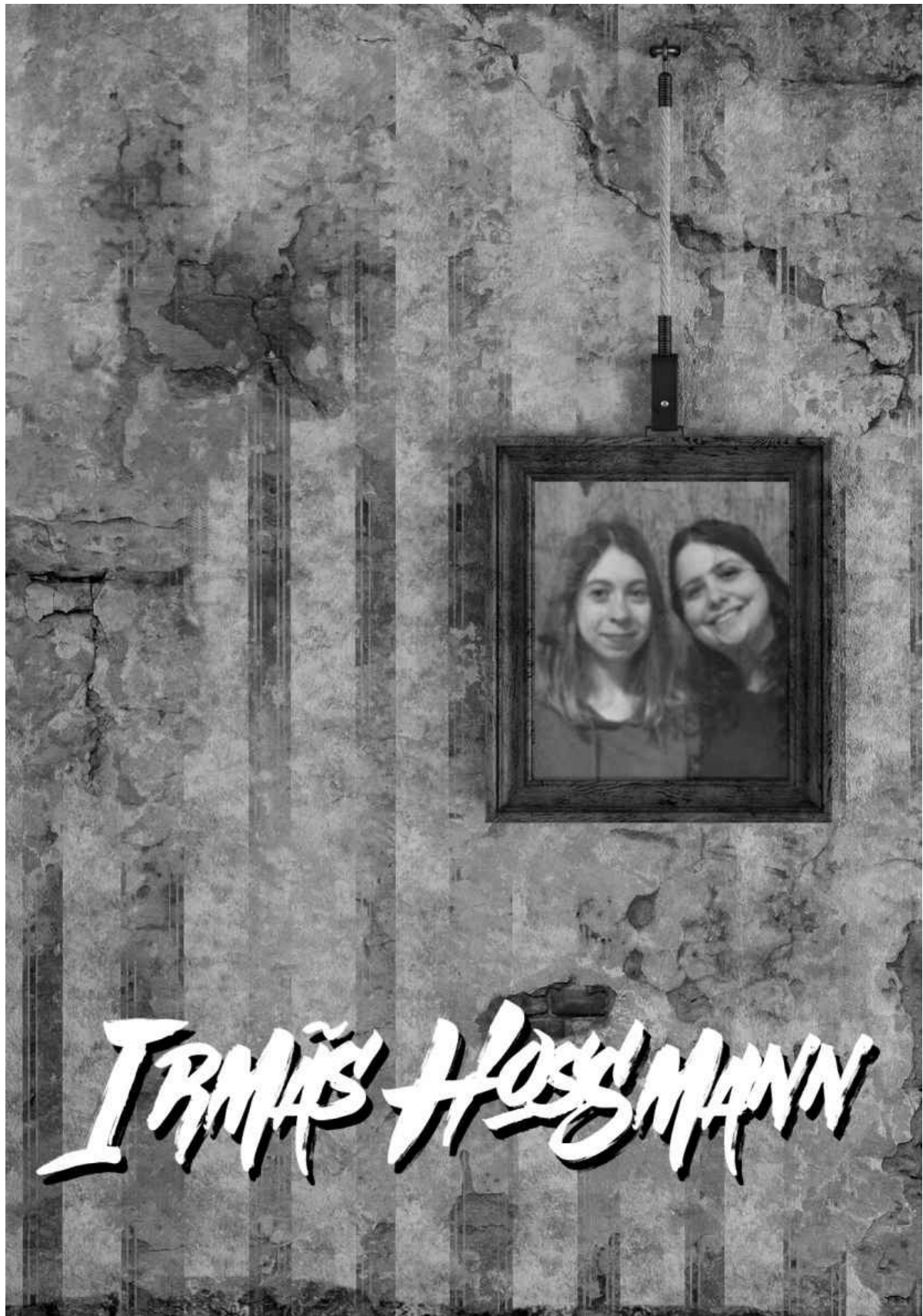
Passadas as semanas, desdobrei por noites e madrugadas aprendendo segredos sobre o além-mundo e seus conceitos. Abri chaves secretas e enigmas psicografados pelo lendário e falecido Hovard Phillips, e as teorias loucas que ele pregara. Pobre louco. Percebi, então, que o mundo criado por ele, o mundo que tanto idealizara, já não era um fruto concebido de sua insanidade. Entre as cores púrpuras e pulsantes, ele era real. Tudo era real. No entanto, a verdade é algo opcional. Quantas vezes você já não se fez de cego para conseguir uns minutos a mais de sono à noite?

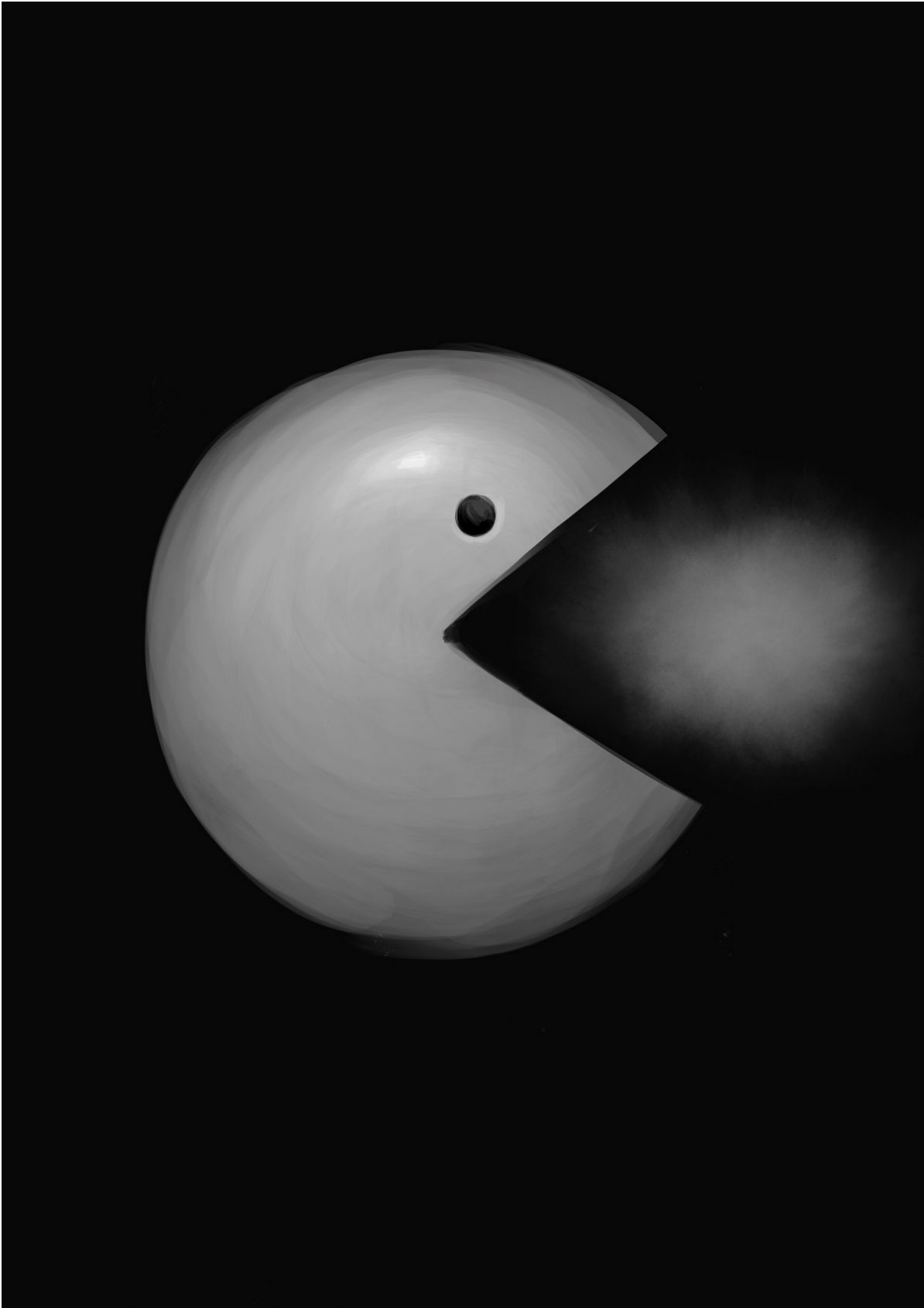
Quantas vezes você ousa ignorar a voz do seu coração que clama em desespero para que você abra os olhos? É mais fácil fingir que nada é real, e assim viver. O mundo está cheio de teorias. OVNI's, ET's guardados pela Nasa, monstros, demônios da Goécia, e conspiração Iluminati. Talvez todas elas estejam certas, afinal, não existe apenas uma verdade absoluta. Existe o imaginário e o aceitável, eis uma definição para a vida: dos segredos da Ilíada ao incompreensível, o que é incompreensível à mente pode causar a loucura, e essa pode levar à forquilha.

Assim, acima como abaixo, os demônios e almas umbralinas só trocam de máscaras ao cair do crepúsculo. Todos estamos mortos, todos somos razão

em suas mãos. Eles correm em liberdade, abaixo desses esgotos cósmicos, transitando entre o além-mundo e a vida terrena. Os corpos desaparecidos em nosso mundo, nunca encontrados pelas autoridades, jazem no apodrecimento com suas carcaças, servindo de banquete a tais seres e deuses. Os tabloides de 2018, que tanto noticiaram a morte de uma escritora que vendeu mais que o pai de um palhaço brincalhão, se cansaram. Anos de procura e o corpo da podre maldita nunca fora encontrado. Comida para os vermes. Afinal, diz a metáfora que os humanos mais podres e contaminados são os mais suculentos no banquete preparado aos filhos do diabo. Os deuses transitavam. Queriam algo mais... e foi assim em que tudo aconteceu. Passadas muitas luas, na colheita seguinte, o culto de Hologrom estava reunido. Tudo foi preparado, desde as oferendas até os mantras de proteção. Mas algo naquela maldita noite deu errado. Alguém precisava quebrar o elo. Alguém precisava quebrar o ciclo.

Então fui eu o escolhido. Não pelo culto, e sim, por eles, pelos deuses cósmicos que sopravam dia e noite em meus ouvidos, dizendo-me o quão especial eu era. Tudo precisava de um recomeço, assim como os ciclos da terra que se renovam. Então, quando tudo havia encerrado e estávamos prestes a voltar, cometi o ato que somente um corajoso poderia fazer: com uma forte pancada na cabeça de um dos membros do clã, a arremessei ao chão, trancando-a nas salas decrepitas de paredes acolchoadas. Nada mais se ouviu. Apenas o grito estridente de dor. Minha traição traria grandes consequências. A morte de um dos membros, a quebra do elo do ciclo e a destruição dos acessos que nos levavam às galerias de Hologrom.





PACBOY



Era tarde quando a Deusa Tríplice tomou o céu. Samhain, noite de lua cheia, dia das bruxas, e também o grande ano novo de tais. Com a bênção da Mãe, as Irmãs tomaram voz. Feliz encontro, abençoados sejam. Falavam em uníssono, harmoniosas, proferindo uma maldição engolida pelas labaredas. As chamas, como se fossem mágicas, às vezes pareciam transmitir o vislumbre daquela história de terror.

Antes, um aviso:

Você precisa escutar com atenção. Observe o fogo. Essa história... essa nos fora contada pelo que tem o poder de vos lançar ao inferno.

Naquele mesmo horário, na mesma fase do astro noturno, Vanessa olhava compulsoriamente o relógio. Esperava os primeiros passos leves que ela sabia que escutaria. Não era nenhuma assombração ou fantasma, como vocês, ansiosos, já deviam estar imaginando. Era seu irmão andando nas pontas dos pés, tentando, com uma coordenação pouco eficiente, não ser notado.

Fazia dois dias que sua avó havia morrido, e o enterro ocorreria no interior. Seus pais achavam que ambos eram novos demais para ir naquele ritual funerário. Que se cansariam, ou que simplesmente ficariam

traumatizados, portanto ficaram em casa. Tolos! O diabo não subestima crianças.

Ela fingia estar dormindo, evitando a vontade insuportável de rir pela tentativa nada silenciosa do irmão de sair escondido e cumprir um teste de coragem com os amigos. Aventuras de crianças de treze anos. A menina tinha a sua própria, inadequada para menores de dezoito anos (mesmo que ela tivesse apenas dezessete).

A verdade é que estava, sim, desolada. Triste pela perda, por ser próxima demais da nonna. Mas também tinha um modo estranho de lidar com o luto. Decidiu supri-lo aproveitando-se enquanto os pais viajavam. Para isso, precisava do irmão fora de casa. Mas não pensou que o menino acreditaria mesmo naquela mentira sobre o fliperama, repleto de Ataris que não passaram da sua primeira fase de testes e de fantasmas que os fariam mijar nas calças.

Egoísta. Se soubesse no que o irmão se tornaria depois daquele dia, teria lacrado a tranca do portão.

A porta de entrada se fechou. O garoto raquítico havia saído.

O telefone tocou e Vanessa saltou. Com as pernas trêmulas, a garota atravessou a sala para atender. Disse à pessoa do outro lado da linha que já poderia ir até sua casa.

Aquele era o consolo que precisava enquanto rezava por um descanso em paz da avó: a oportunidade para que ficasse a sós com Alexandra.

Foi neste dia que Vanessa perdeu a virgindade. O delicioso pecado da luxúria, depois da soberba, é o preferido do Príncipe do Inferno. Entre os afagos e suspiros, por vezes se preocupava com o irmão. Ela não deveria ter ignorado, não deveria ter torcido para que o queridinho dos seus pais não voltasse enquanto usava a língua para explorar as linhas e declives de outro corpo. Não, não deveria. Não. Não pare. Não pare. Não pare! Era tudo o que conseguia pensar, entretanto.

— Você disse que seu irmão foi até aquele Fliperama que está para ser demolido? Ouvi dizer que todos que vão acabam ficando loucos.

Alexandra, ainda nua, enchia toda a sala de fumaça vinda de seu Malboro aceso. Sua mãe sequer iria notar o cheiro de tabaco; ela era tão desleixada que a casa sempre fedia de qualquer maneira.

— Imagina! — Vanessa começou a gargalhar, histérica. — O que acontece? O Pacman aparece para assombrar eles? Pelo amor de Deus!

Alexandra não a acompanhou nas risadas.

Vocês devem estar pensando que ele não voltou para casa. Que ficou preso no jogo, como naquelas histórias inventadas, que foi perseguido por algum fantasma ou algum palhaço em um bueiro. Bobagem. Rodrigo estava na cama na manhã seguinte. Olhos vidrados, jogos de tabuleiro e RPG quebrados no chão. Talvez a parte dos fantasmas não seja assim tão fantasiosa.

Alexandra deixou a casa ao amanhecer e mesmo que Rodrigo já estivesse na cozinha a essa hora, ele não a viu. Seja o que tivesse acontecido, deixou-o com muita fome. Estava ocupado devorando três mistos-quentes quando Vanessa desceu.

— Nossa, assim você vai passar mal — disse ela. Olhou para a gata preta parada no vão da porta, com os pelos arrepiados e os olhos amarelo fixos no menino. Engraçado. De todas as pessoas da casa, Rodrigo era o favorito de She-ha. Os dois viviam juntos. Era muito de se estranhar a visível repulsão por detrás dos filetes de pupila da gata. — Até a She-ha está assustada com você comendo desse jeito.

Rodrigo pareceu não ouvir, ou quem sabe não se importava o suficiente para responder. Suas mãos já estavam ocupadas atacando a bandeja de frutas depois de finalizar seu sexto sanduíche.

Vanessa se encontrava no mesmo estado do animal, perplexa. O menino sempre foi magricela, e custava fazê-lo terminar o prato do almoço. Não jantava. Deveria ser até anêmico. Sempre preocupando os pais, fazendo-os gastar os poucos cruzados que tinham em medicamentos.

Estava tão distraída que acabou derramando o leite sobre a mesa e seu lanche. Entre um droga! e outro, limpou a sujeira e quando foi preparar o sanduíche novamente, encontrou a sacola vazia.

— Qual o seu problema? Você comeu todos os pães!

Com um resmungo contido, Vanessa calçou os seus tênis Bamba e rumou para a padaria. Quando voltou, deixou a sacola a tiracolo que carregava rolar pelo chão. Pasma. Seu irmão estava estirado, rastejando pela casa. Mal o havia reconhecido. Naquele meio-tempo, o rosto dele tinha inchado, os braços dobraram de tamanho e a barriga tinha uma nova saliência.

— O que... o que aconte...

Vanessa sentiu a ânsia subir à garganta quando viu a sacola de carne moída e restos de um peito de frango, que já deveria estar podre, espalhados

ao redor.

Ele repetia algo com os olhos vagos, e Vanessa só entendeu quando ele se arrastou até a sacola que trouxera.

Estou com fome.

Paralisada, não conseguia acreditar no que via. Considerou ser um sonho, uma maldita brincadeira para assustá-la, ou, o mais provável, que de algum modo sua alergia a mel tinha atacado.

Meio com nojo e tentando se desvincular o máximo do irmão, correu para o quarto dos pais. Deveria ter algum remédio que ajudasse. Quando metade dos pertences da mãe já estavam fora do guarda-roupa, ouviu o barulho de algo quebrando lá embaixo.

Alarmada, largou tudo e chegou a tempo de encontrar Rodrigo terminando de devorar a vitrola favorita de seu pai. Um artigo raro e de colecionador no qual, com toda sua avareza, não deixava ninguém tocar. Tudo o que restava eram algumas das pequenas peças que caíram enquanto Rodrigo a triturava com seus dentes.

— Você está louco?! Papai vai te matar quando chegar! — gritou Vanessa, pulando na direção dele e o balançando.

Rodrigo avançou em seu braço, como muitas vezes fizera em suas brigas de irmãos. Ela sentiu a dor antes de fato entender o que acontecia. Quando ele a mordeu, arrancou dali um pedaço. Como um cachorro selvagem, ele comeu sua parte, salivando e gemendo de prazer.

Gritos irromperam o silêncio da casa. Bateu-lhe na cabeça até que o ele a soltasse, segurando o braço manco e cheio de sangue e com a carne contorcida. Afastou-se como se estivesse diante de um bicho.

Um arrepio a percorreu. A pele dele estava ficando amarelada. E seu corpo inchado, cada vez maior. Como uma bola de futebol.

— Se afaste de mim! Você não é meu irmão!

O menino não se acuou. Vanessa segurou o crucifixo em seu pescoço, e quando Rodrigo iria avançar nela, um sino atraiu sua atenção.

O grito ficou preso na garganta de Vanessa e ela cobriu a boca quando se deparou com She-ha olhando-os.

Em um piscar de olhos, Rodrigo brutalmente pegou a felina com as duas mãos e a apertou com tanta força que a esmagou por cima das costelas e seus olhos amarelados saltaram para fora. O miado agudo se dissipou abruptamente, e Vanessa não continha as lágrimas.

O sangue escorria como uma cachoeira letárgica e os órgãos quentes despencavam do corpinho retorcido. As fezes do intestino e a comida recém digerida criavam um odor insuportável. Os dentes do menino, agora já pontiagudos, aproximavam-se ansiosamente da cabeça arrancada da gata.

Não tinha estômago para assistir mais. Subiu tropeçando pelos degraus até o telefone. Suas pernas estavam trêmulas, mas ao contrário de como haviam estado no início dessa história, o motivo era completamente diferente. Apertou o número da casa dos tios, olhando na caderneta que sua mãe deixara para emergências, mas quando ouviu chamar, bateu forte o telefone no gancho, respirando alto. Eles não ouviriam ela, ninguém acreditaria.

Com o braço ainda sangrando, foi até o banheiro e o enrolou a ferida com uma toalha. Trancou a porta e ali resolveu ficar, tremendo da cabeça aos pés, esperando os pais voltarem. Com os pensamentos sendo a sua tortura particular, demorou a pregar os olhos.

Quando acordou, o Sol já havia ido embora e não havia nenhuma luz acesa pela casa. Apoiando-se na pia para levantar, Vanessa estranhou a ausência do perturbador som de mastigadas enquanto saía devagarzinho do quarto.

Ela ouviu outra coisa. Passos de um lado para o outro. Com o coração acelerado, foi passando pelo corredor quase esmagando o braço rasgado. Viu mordidas em algumas partes da madeira e rastros de sangue no chão. Mas era um líquido tão negro quanto piche. Não poderia ser de She-ha.

Vanessa foi convidada a segurar a maçaneta da porta entreaberta do irmão. Enroscou os dedos ali. Tremia. Torceu para encontrá-lo são, bem quando o som de mordidas voltou. Pensava tantas coisas. Os olhos estavam vidrados, perplexos, tão abertos que as órbitas oculares poderiam cair.

Pendurado no teto, Rodrigo, agora tão redondo quanto um globo e amarelo como a gema de um ovo, comia uma figura ectoplasmática, quase transparente, com linhas invisíveis. Ela só a notou porque havia aquele líquido escuro espalhado por todo canto. Um fantasma. E não qualquer um; era a sua falecida nonna. Um espírito que sangrava e cuspiam bile negra.

Vanessa não conseguia se mover. Quando a viu, o ser começou a pular, subir e descer pelas paredes. A irmã conseguiu enxergar perfeitamente, naquele momento, a única coisa que saciaria aquela gula: almas inquietas de mortos.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

VII AGRACIADO PELO MAL



Nos noticiários, todos procuravam Lucas Odersvank, desaparecido há semanas. Enquanto eu retornava para casa, durante a viagem os noticiários documentavam a leva de pessoas desaparecidas naquele mês. É sabido que Lucas, um dos maiores agentes literários de nossa época atual, era um homem conceituado e de grande prestígio. Seu sumiço foi um escândalo para a mídia bisbilhoteira e motivo de fofocas e suposições nos grupos de internet. Mas poucos sabiam a verdade.

Lucas jamais voltaria. E isso eu jamais poderia desfazer. As vozes em minha cabeça sussurravam. Fui condecorado com os mais sublimes elogios e agradecimentos. A morte de Lucas seria lembrada. A morte de Lucas seria o motivo de minha ascensão. Por um breve momento recapitulei a cena, vivendo aquela desgraça por mais um momento, como um déjà vu. Lembrei-me quando o golpeei com força, e em seguida, após vê-lo desnortado, lancei-o para as salas cerimoniais e o tranquei. Não houve tempo para resgate. Os deuses de mantos suntuosos avançaram aos montes, sentindo o cheiro de sangue fresco, e com suas feições de ratazanas demoníacas e seus braços curtos, o banharam em sua banha sagrada e o devoraram enquanto ele agonizava.

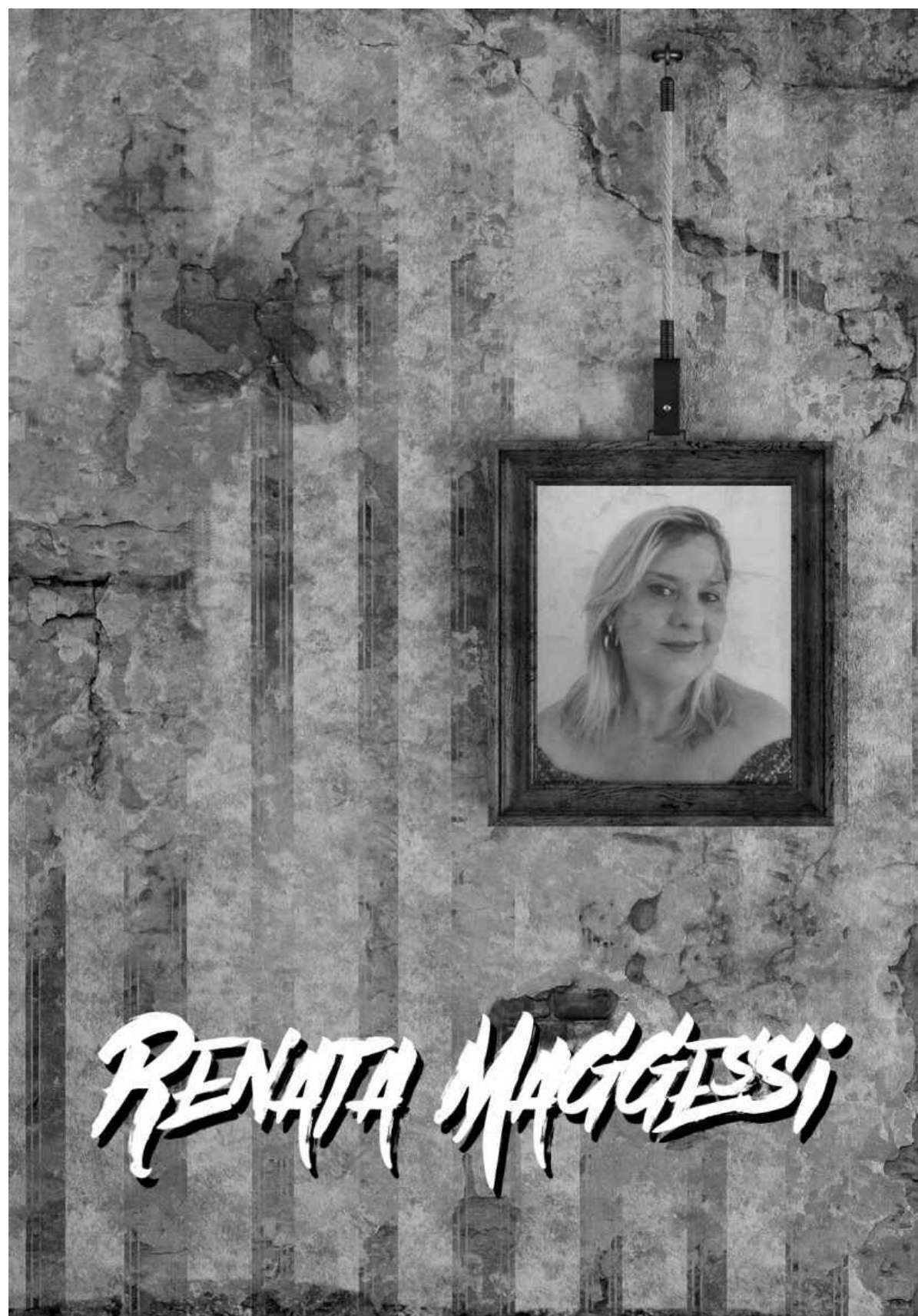
Fui puxado para fora da galeria em uma saída alternativa. Todos evacuaram covardemente enquanto o amigo morreria. O ciclo se quebrou. Lucas pereceu nas galerias de Hologrom e nunca mais os acessos foram abertos.

Robson nunca me perdoou pela traição. Os amigos antigos, Danilo, Renata, Soraya e Oscar tomaram seus rumos, alguns migraram para outros países a fim de conhecer outras culturas e ofícios. Nunca mais nenhum deles restabeleceu o contato com o mundo cósmico.

Quanto a mim, os ecos não pararam. Minha cabeça, desvairada, com o tempo me sabotou. Fui farsante e discípulo, entregando meu amigo, me manchei. Dediquei minha vida com o passar dos anos escrevendo livros sobre os chamados do além-mundo. Escrevi noveletas narrando a existência dos antigos ancestrais. Tais escritos me renderam boa fama e prestígio.

E na velhice, no auge de minha solidão e medo, já era um homem velho e com dinheiro o bastante para comprar uma mansão de histórico podre na região paulista. A maldita Mansão Vila Velha, pertencente a Leonitta, uma velha acusada de matar a própria neta em uma banheira de ácido e, em seguida, se suicidar.

É lá que tudo deveria ser. É lá que tudo deveria recomeçar. Seria o momento oportuno para convocar de novo os deuses do passado, chamá-los para comungar conosco nas maravilhas do mundo terreno. Quando herdei a mansão, reconectei os acessos à galeria de Hologrom. Reconectei os elos com o sombrio e abri novamente as passagens. Era tempo de recomeçar o que dei início há tantos anos.





O BANQUETE



Vi o carro se afastando quando o primeiro trovão ribombou no céu, anunciando tempestade. Cheguei a pensar em desistir, mas o que uma idosa como eu faria sozinha em casa em pleno Halloween? Em outros tempos reuniria os amigos ou abriria o notebook e escreveria até o sol raiar. Ah, como eu gostava daquilo! Escrever era parte de mim. Vivemos para nos arrepender de nossas escolhas. Eu poderia pedir menos fortuna, mais... Ah, os jovens acham que jamais serão pegos por osteoporose ou diabetes.

Um clarão seguido por um trovão me fez lembrar onde estava. O convite dizia ser um encontro de antigos amigos, todos escritores, regado a boa comida, boa bebida e ótimas histórias. Não sabia bem o que esperar, mas sempre fui daquelas que não me contentava somente com a festa e acabava voltando para o enterro dos ossos.

A chuva caiu com tudo, deixando-me ensopada. De que adiantaria correr, ainda mais com aquela bengala que mais atrapalhava do que ajudava? Levantei um pouco a cabeça e notei dois olhos espreitando por detrás da cortina. Poderiam estar apenas verificando a chuva, mas também poderiam estar me observando. O melhor a fazer seria continuar com meus passos lentos e acabei por chegar ensopada à entrada. Entrei praguejando e secando minha roupa. Só quando a porta se fechou que percebi não haver ninguém ali.

“Ela se abriu sozinha?”, pensei, mas dei de ombros no segundo seguinte. Decerto seria brincadeira do meu querido anfitrião.

Ajeitei o cabelo, enxuguei os óculos e fui entrando à procura de algum conhecido. Olhei primeiro para o lugar onde, minutos antes, estiveram os olhos, mas também não havia ninguém ali. Ao ultrapassar o arco que me levaria à sala de jantar, fiquei contente ao ver alguns rostos do passado, apesar de algumas rugas os terem modificado. Eles estavam conversando e dizendo algo sobre a Cláudia. Será que havia morrido? Muitos já se foram e, com o passar dos anos, vamos envelhecendo e percebendo que a morte é algo iminente.

Aproximei-me da mesa e sentei-me em uma cadeira vazia. Eu fora a décima pessoa a chegar. Quando doze cadeiras estavam ocupadas, o nosso anfitrião entrou de modo triunfante, ocupou a única cadeira que estava na cabeceira, e os comes e bebes foram servidos. Não posso negar que o banquete estava delicioso: vinho da melhor qualidade e pratos que deixariam qualquer chef parisiense com inveja. Quando estávamos todos refestelados, passamos para a antessala, onde nos seria servido chá, licor e café, e começaria o grande propósito da noite: a contação de histórias.

Lucas foi o primeiro. Conforme ele falava, minha mente divagava; não porque a história estivesse ruim, muito pelo contrário... As palavras dele me conduziram ao passado, quando assinei o contrato que mudaria a minha vida para sempre. Não, não foi com nenhuma editora de renome, quer dizer, também, mas o contrato de que falo é o que me fez chegar até aqui, com a fortuna e a mente intactas. Infelizmente, os órgãos internos envelhecem junto com a pele.

Ouvi um “crec” ao me levantar da poltrona, talvez proveniente do meu joelho reumático, mas meus companheiros eram demasiadamente finos para comentar qualquer coisa. Praguejei mentalmente cada um dos trinta e três degraus que precisei subir para chegar ao andar superior, já que não havia toalete no térreo.

Segui Tateando as paredes até encontrar uma maçaneta e abri, na esperança de ter encontrado o banheiro. Assim que fechei a porta, a escuridão tomou conta do cômodo. A luz piscou três vezes, quantidade suficiente para eu notar que aquilo não era o banheiro e que não estava sozinha naquele quarto. Quem estaria ali? E mais: eu tinha a convicção de não ter sido seguida. Havia um motivo para eu estar naquela casa, e não era o clima

nostálgico que se instalara no andar inferior.

Um novo clarão iluminou o lugar e mais uma vez pude constatar que não estava só.

— Quem está aí? — perguntei. O silêncio foi cortado pelo som do trovão.

— Não quer falar? OK. Não dividirei o segredo com você.

Algo roçou no meu nariz e meu coração descompassou. Afastei a cortina, desejando que a iluminação dos postes na rua fosse suficiente para tirar-me da penumbra. E foram, mas talvez ter ficado na ignorância fosse melhor.

Sobre a escrivaninha havia uma réplica da mesa da sala de jantar e, em volta dela, treze cadeiras, sobre as quais estavam bonecas estranhas. Não tive como não me reconhecer: a boneca tinha os cabelos curtos e brancos, usava um vestido preto e um colar de pérolas, assim como eu. As demais estavam igualmente vestidas como os convidados. O único diferente era nosso anfitrião: na cabeceira da mesa havia a réplica do Cthulhu. Aquilo estava muito estranho e eu precisava deixar aquele cômodo e aquela casa. Naquele momento o propósito de estar ali parou de fazer sentido. Tudo o que eu precisava era alertar os outros e ir embora, mas como fazer aquilo sem chamar a atenção? Girei a maçaneta, que girou tranquilamente, mas quando a puxei, a porta não cedeu. Forcei mais um pouco, e nada.

De repente, passos. Sim, eu tinha a certeza de ter ouvido passos.

Fui tomada por um alívio: alguém tinha ido me procurar. Gritei, mas toda vez que eu forçava a voz, um trovão a encobria.

Um relâmpago clareou o quarto e pulei ao notar que três bonecos tinham desaparecido e uma estava com a cabeça pendurada. O choro de desespero foi consequência. Sei que nem tudo o que fiz no passado foi correto, sei que o contrato que assinei me condenava, mas ainda não era o fim, não podia ser...

Outro clarão e, na minha frente materializou-se um espelho. Eu já tinha ouvido falar dele na minha juventude. Não, não era o Espelho de Ojesed, era outro, bem mais sinistro e totalmente real. Ele não mostrava o desejo de nossos corações, mas o de nossa alma. Refletida no espelho, eu via a réplica da mesa. Aos poucos, a boneca que me representava foi se transformando: os cabelos cresceram, as rugas sumiram, o colar de pérolas se transformou em um cordão de ouro. Desviei o olhar e passei a mirar a minha própria imagem no espelho. Eu devia estar com a aparência de vinte, no máximo trinta anos. Dei um sorriso e lágrimas verteram de meus olhos ao ver meus dentes brancos e enfileirados. Um novo trovão ribombou no céu e levou consigo

aquela imagem. Aos poucos a boneca foi voltando à aparência inicial, e eu soube o que aconteceria por fim.

De repente, meus ouvidos captaram o som de passos, mas não tinha noção se vinham de fora ou de dentro do cômodo. Num último ato de desespero, peguei a bengala para bater na porta de madeira maciça, na esperança de ser ouvida e libertada daquele mausoléu. Ao erguer meu braço, senti um puxão. Apesar da penumbra, consegui olhar pelo espelho e notar a cabeceira da mesa das bonecas vazia. Bem devagar, como se me torturasse, a imagem do espelho foi sendo encoberta por uma sombra, que não vinha de trás de mim, mas de dentro do próprio espelho. Pouco a pouco a escuridão tomou conta de todo o cômodo e, no meio do breu, eu só podia ouvir aquele questionamento, do qual tentei fugir por tantos anos:

— Até quando achou que conseguiria fugir de mim? Minha cobrança pode até tardar, mas jamais falha.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

VIII NOITE DE LUA,
NOITE DO DIABO



Passaram-se alguns anos desde que tudo aconteceu em Jequié, nos escombros silenciosos daquele casarão.

Mas, hoje, a noite pede um brinde. Preparo cuidadosamente convites formais. Verifico a lista de convidados e traço os planos. Em alguns dias iremos comemorar o Halloween. A data é perfeita para tudo que tenho idealizado há anos.

Mercúrio estará alinhado com o meio-céu em virgem. Há segredos demais aqui nessas paredes silenciosas. Há segredos demais entre os ecos infintos que perambulam por esses corredores.

Ligo para Cláudia Lemes e faço o convite formal. Ligo para os demais, envio envelopes dourados contendo convites de luxo para a festa. Ao olhar no calendário vejo o easter egg escondido.

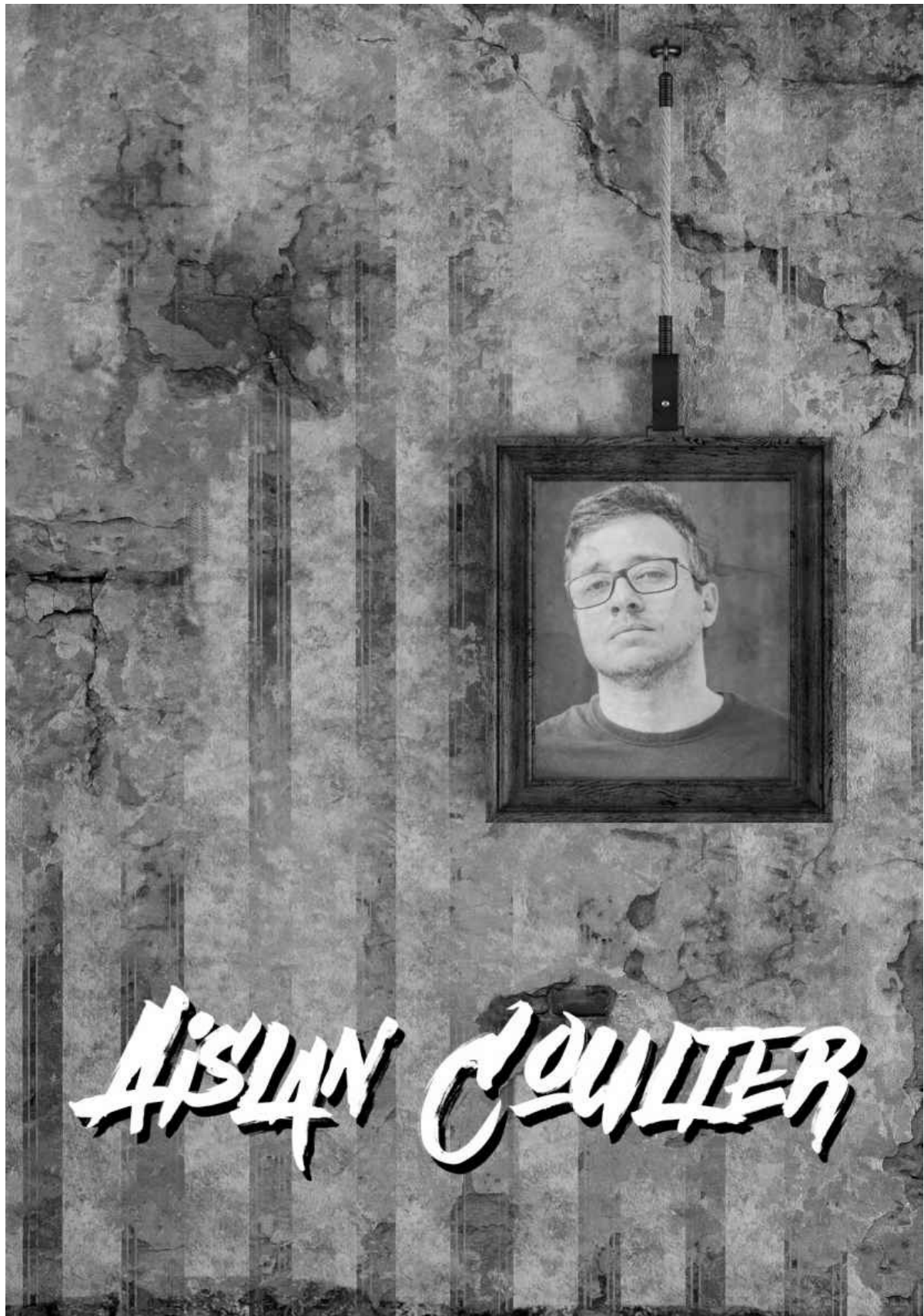
31 de outubro.

Noite de lua.

Lendo o calendário invertido, o resultado que obtenho é 13.

Noite do diabo.

Precisarei de 13 almas.



AISLIN COULTER



ngn



— Eles contavam que esses manquitolas apreciavam um bom pâncreas temperado com ramos de hortelã. Ninguém sabia se isso era verdade. As pessoas simplesmente se empenhavam para fazer o cozido. Cozinhavam o prato à meia-noite, isso fazia parte da receita. Colocavam a hortelã. E quando a panela era aquecida, as folhas grudavam na carne.

— Aí, me passa a lanterna e a pá.

— Aqui!

— Valeu.

— Os antigos faziam fígado refogado, mas advertiam: o manquitola caga um monte. Coração e buchada também fazem o intestino do aleijado trabalhar. Aí, já viu, né? Ele fazia travessuras com a merda. Você levaria o dia inteiro para limpar toda a porcaria.

— Você está me dizendo que o S...

— Ei, nunca pronuncie esse nome! Já te falei um milhão de vezes!

— Droga, eu esqueço... então o aleijado não comia outra coisa?

— Com o pâncreas não tinha erro.

— Quem passou a receita do cozido?

— Isso nunca foi mistério. Todo mundo sabia. Eu me refiro a todo mundo que viveu naquela época, não todo mundo todo mundo.

— Tá, eu entendi, mas quem passou a merda da receita? Me dê o pé de cabra... tá aí do seu lado.

— Foi o tihoso, foi ele quem passou. O próprio, em carne e osso.

— O demônio? Você só pode estar brincando!

— Tô brincando não, Mané. Naquele tempo você trombava com o diabo por aí. Ele andava pela terra e usava uma barba pontuda e desgrehada. A pele era vermelha e purulenta, com cascas grossas e amarelas que esfarelavam da face. Era nojento ficar olhando pro velho. Os olhos sem vida — estagnados —, os dentes podres; um chapéu sujo de merda de pombo cobria a cabeça. Os antigos diziam que dava para ver as patas de bode, mas ninguém ficava olhando. E nem dava também. Sabe como é... não tinha luz elétrica, só os lampiões e as velas. Uma dificuldade danada.

— Tá! E por que diabos o “coisa-ruim” andava por aí?

— Ele tocava sanfona. Tocava como ninguém. Andava por aí fazendo um som.

“Uma canção, senhores?”

“Querem aprender uma melodia?”

— Se você dissesse sim para qualquer uma das perguntas, estaria firmado o pacto.

— Mas o seu avô viu o diabo?

— Oh, se viu? Você precisava ver a coleção de coisas que ele tinha. O cramunhão na garrafa era uma delas. Meu avô me disse que o nome dele era Jiborá.

— E o que mais o velho tinha?

— Ele tinha uma alma dentro de uma garrafa, as asas de uma Devaneia...

— O que é isso?

— Devaneia? É uma fada endiabrada. Ele tinha a cabeça de um dos cangaceiros...

— O crânio, você quer dizer...

— E qual é a diferença, Mané? Cabeça, crânio, é tudo a mesma merda. Diferença nenhuma! Então... ele tinha uma garrafa com uma alma aprisionada; a receita do pacto de um violeiro; a cabeça de um espantalho amaldiçoado; o nariz de um palhaço assassino; uma foto de um lobisomem violando um túmulo...

— Nada disso me assusta... E o S... já sei, não precisa repetir, não vou dizer o nome...

— O Pererê foi uma das últimas coisas que ele adquiriu.

— Pode dizer o último nome?

— Pode, sim, Mané!

— E eles violavam túmulo para arrancar pâncreas e alimentar o Pererê?

— Sim, com exceção do meu pai. O caso do meu pai era igual ao nosso.

— Quando isso tudo começou? Eu quero dizer com a sua família.

— Foi numa época difícil. Os violadores de sepulcros, assim ficaram conhecidos, invadiam os cemitérios e molestavam a carne dos defuntos novos. Gente enterrada à tarde tinha o túmulo arrebatado à noite. Alguns desses violadores — quando digo alguns me refiro a alguns mesmo — trepavam com os cadáveres antes de retirar os órgãos. Mas tinha gente séria nesse ramo. Gente que só violava a sepultura. Gente que fazia o corte, retirava o órgão, depois colocava tudo de volta no caixão.

— Que doentio!

— Todo violador tinha um certo cuidado com o aleijado. Bom, pra falar a verdade, nem todos. Uma minoria cuidava por medo.

— Sua família inteira fazia essas presepadas?

— Meu tataravô era um violador de sepulturas. O filho dele, o meu bisavô, também. Meu pai trepou com um defunto. Eu descobri tudo isso lendo o caderno de anotações dele. Coisas de magia negra. Minha mãe e minhas tias não sabiam disso. A mulher do meu avô também não.

— Me ajude aqui, a tampa está pesada. Vou contar até três... no três você puxa. Um, dois, três...

— Tire a roupa dela com decência e carinho, Mané.

— Você só pode estar brincando, hahahaha. Cara, de onde você tira essas coisas? Hahaha.

— É sério, Mané! E se fosse a sua irmã?

— Nem pense em chegar perto do túmulo da minha irmã quando ela morrer, entendeu?! E nem chegue perto dela em vida, sacou?

— Qual é, Mané? Desencana.

— Nossa, que belezinha... Depiladinha...

— E por acaso você já viu um defunto peludo?

— Como vou saber? O mais perto que cheguei de um defunto foi num velório.

— Huuummm, desculpa aí.

— Tô falando sério. É a primeira vez que vou comer uma morta.

— Sei, sei...

— Pelo menos não fico me justificando. Tô aqui porque sou um estuprador safado. Não fico jogando a culpa na minha árvore genealógica.

— Eu não joguei a culpa em ninguém. Só te falei a verdade. Minha família abria sepulcros. Eles faziam isso para alimentar o aleijado, quer dizer, com exceção do meu pai, que era safado como eu.

— Mas eu te entendo e você está certo...

— Não temos culpa, Mané. Nascemos com isso. Quem irá nos julgar?

— E você viu o Pererê?

— Vi e vejo!

— Como ele é? Usa mesmo aquele gorro vermelho?

— Usa, mas é o seguinte, o gorro é branco e fica vermelho porque está ensopado de sangue.

— Hã? Sangue?

— O crânio está arreventado na parte de trás e fica vazando. Vaza sangue e um pouco de massa encefálica.

— Porra!

— Ele é um zumbi negro com uma pisada forte. Quando ele pula, balança tudo.

— O que mais?

— Parece que tem aquela doença de pele que dá, geralmente, em pessoas de cor, saca?

— Não. Como é?

— A pele do rosto fica esbranquiçada...

— Acho que já vi uns malucos com isso aí, mas, tipo, lá na África.

— Você já foi pra África, Mané?

— Não, né, seu porra. Vi na TV.

— Hum.

— Mas continua aí. Como ele é?

— O rosto dele é todo cortado e os olhos parecem olhos de inseto.

— O aleijado é feio pra encrenca, hein?

— Se é! A língua é grande e grossa, repartida igual à de um réptil, e trépida.

— E o lance de prender o Pererê?

— Esse papo de jogar uma rede num rodamoinho e depois colocar o Pererê numa garrafa é furado.

— Sempre pensei que fosse conversa fiada.

— E é!

— E ele enrola a crina dos cavalos?

— Ele não trança, não. Ele come a carne da nuca dos cavalos.

— Hummm... Pesada... Me ajude aqui. Isso... segure os pés... Você se importa se eu for primeiro?

— Me importo, sim, Mané. Vamos tirar a sorte. Par ou ímpar!

— Par!

— Ímpar!

— Hahaaaa, ganhei!!!

— Droga.

— Isso, me ajude... hummm... assim... de bruços.

— Vou fumar um, Mané. Boa trepada.

— Corta essa, não vou ficar aqui sozinho!

— Qual é... tá com medinho, é?

— Vou gozar rapidão. Aguenta aí.

— Ei, seu idiota, nem pense em colocar aí atrás.

— Ué, por quê?

— É cheio de bactérias! Tem uma doença venérea de mortos que faz o pau do cara apodrecer. É tipo uma crista de galo zumbi. O pau necrosa em questão de segundos.

— Porra, você está me deixando com medo.

— Você é um medrosão, Mané. É o estuprador mais covarde que eu conheci. E outra, mesmo se não tivesse a tal doença, você acha que os agentes funerários limpam cuidadosamente o toba dos defuntos?

— Bom, isso é.

— Os intestinos podem estar cheios. Fezes de morto é horrível! De vivo eu até curto. Quando eu namorava com a Selenia, pedia para ela cagar no meu pau direto.

— Que nojo isso, cara. Porra, você é doente!

— A merda cobria meu pinto, ele ficava aquecido. Pedia pra ela mijar também. Ela curtia.

— Nossa...

— O que foi?

— Muito gelada. Estou com frio!

Sabe a gostosona da mulher do Almirante Junior?

— A cabeleireira? Que morreu afogada no rio?

— Isso!

— O que tem ela?

— Era um gelo só! A morta mais gelada que eu comi.

— Foi você, seu filho da puta. Eu me lembro... saiu até no jornal a foto do túmulo revirado.

— Ele é logo ali. E a Janaina? A gostosona da escola.

— Essa você não comeu não. Ela morreu de acidente. Para! A cabeça... ela bateu a cabeça.

— Comi também. Coloquei de bruços, só o rabo pra fora do caixão. Não dava para olhar o rosto. Me lambuzei todo de sangue.

— Cara, você é doente!

— E a Lonilde?

— A Lolo?

— Ela mesma!

— Você é maluco! Ela morreu de Aids!

— É... fiquei sabendo depois.

— E aí?

— Ué, e aí nada! Larga de ser burro, Mané. A pessoa morre, e o vírus morre com ela.

— Conversa!

— É verdade! Meu pai comeu a mulherada do chiqueirinho todo. Tipo, comeu depois que elas morreram. Meu velho não pagaria por uma foda.

— E ninguém dava de graça para o seu pai, hahahaha. Sua mãe foi uma guerreira, hahahaha. Seu velho era feio pra burro!

— A Maria Chiclete era a campeã em passar gonorreia. Meu velho mandou ver nela depois de morta.

— É nada!

— Tô te falando! E não pegou nada. Eu sei disso porque encontrei aquele lenço que a biscate usava. Aquele que ela colocava no pescoço e andava toda metida. Encontrei a merda do lenço lá em casa no quartinho dos fundos.

— Que bizarro, cara! Você e sua família, todos malucos, loucos de pedra.

— Que nada. Vai ver estamos possessos!

— O quê?

— Possuídos. Por algum espírito maligno, saca?

— Vai se ferrar.

— E como você pode ter a certeza de que não estamos?
— E como pode ter a certeza de que estamos?
— Olha só, quando o cara está possesso, tipo, quando tem um capiroto dentro dele, ele nunca reconhece isso. Tem uma entidade que age na mente que não deixa o cara descobrir.
— Corta essa. Não acredito nisso nem fudendo.
— Termina logo isso aí!
— Tá certo! Vira pra lá.
— Tá bom.
— Aiiii... Ai que delícia... hummm...
— Tá gostando, né?
— Ahhh... hummmm... aiii.
— Tá curtindo a fita, hein? Hahahaha.
— Ahhhh... calaaaa aa bocaaa... vira pra lá, meuuuu... aaahhhh.
— Cê leva jeito, Mané, hahahaha.
— Nossaaa... aiii... aiaiai... aaaahhh... que delíciaaaaa...
— Puxa! Você é rápido mesmo, hahaha. Minha vez!
— Puta que pariu! Que merda você está fazendo?
— Calma, ae, Mané! Estou abrindo aqui... preciso do pâncreas.
— Nem fudendo, cara. Pode parar com isso! Seu tarado, filha da puta de merda!
— Ei, me solta, Mané!
— Solto porra nenhuma! Seu cretino, louco de pedra!
— Saci! Saci! Saci!
— Você é doente!
— Tá ouvindo, Mané?
— O que é isso?
— Tá escutando? O manquitola chegou. Olha ele aí!
— Meu Deus!
— Não coloca Deus nas suas presepadas, Mané!
— Sai daqui! Vocês dois...
— Agora o Saci é seu! Violou uma sepultura. Ele é todo seu!
— Não, por favor, meu Deus... eu pensei... eu pensei...
— Pensou que eu fosse um mentiroso tarado, não é? Você se lascou, hahaha. Aí, fui, se vira, meu irmão.
— Não, por favor, cara...

— Ah, só uma coisinha, Mané... o que sobrou de Lauriano, o cangaceiro, foi isso: um violador de sepulturas.

— Hã? O quê? Quem é Lauriano?

— Eu lá vou saber! Foi só algo que me disseram quando eu comecei nesse negócio.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

IX O BANQUETE MALIGNO



Noite de lua cheia.
Noite do Diabo!
Olho para o espelho uma ou duas vezes.
Arrumo minha gravata e tomo posse das luvas mais elegantes. A
campainha soa estridente.
Ele chegou!
Aislan Coulter acaba de chegar em minha mansão.

Noite de lua cheia.
Noite do Diabo!
O relógio vacila com seus ponteiros. Ele costuma ser pontual e cortês.
Me questiono se o diretor cinematográfico tão ocupado aceitará o convite!
Em algumas horas o telefone toca.
Danilo Morales está a caminho!

Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

O novo convidado chega à mansão. Vejo em seus traços o quão está mudado. Já não parece mais o homem destemido que outrora conheci.

Há uma inquietude suspeita em seu semblante e em seus olhos há o brilho de quem flerta com a morte.

Bem-vindo, Henrique.

Que prazer em revê-lo!

Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Ela não foi sutil em sua chegada. Os cabelos estão em um tom vermelho e a pele alva mais parece um regresso aos antigos tempos de ouro.

Pergunto-me: por quê?!

Por que se passaram tantos anos e a Drag mais popular do meio literário continua tão confiante e inabalável?!

Seu salto agulha denuncia sua chegada.

Com maestria ela me lança um sorriso ao longe. Hoje um de nós dois morrerá:

ou ELA ou EU.

— Quem bom que chegou, Sra. Christie!

Estava com saudade!

Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Seus olhos negros fitam o ambiente desconhecido, enquanto ele permanece astuto como uma raposa.

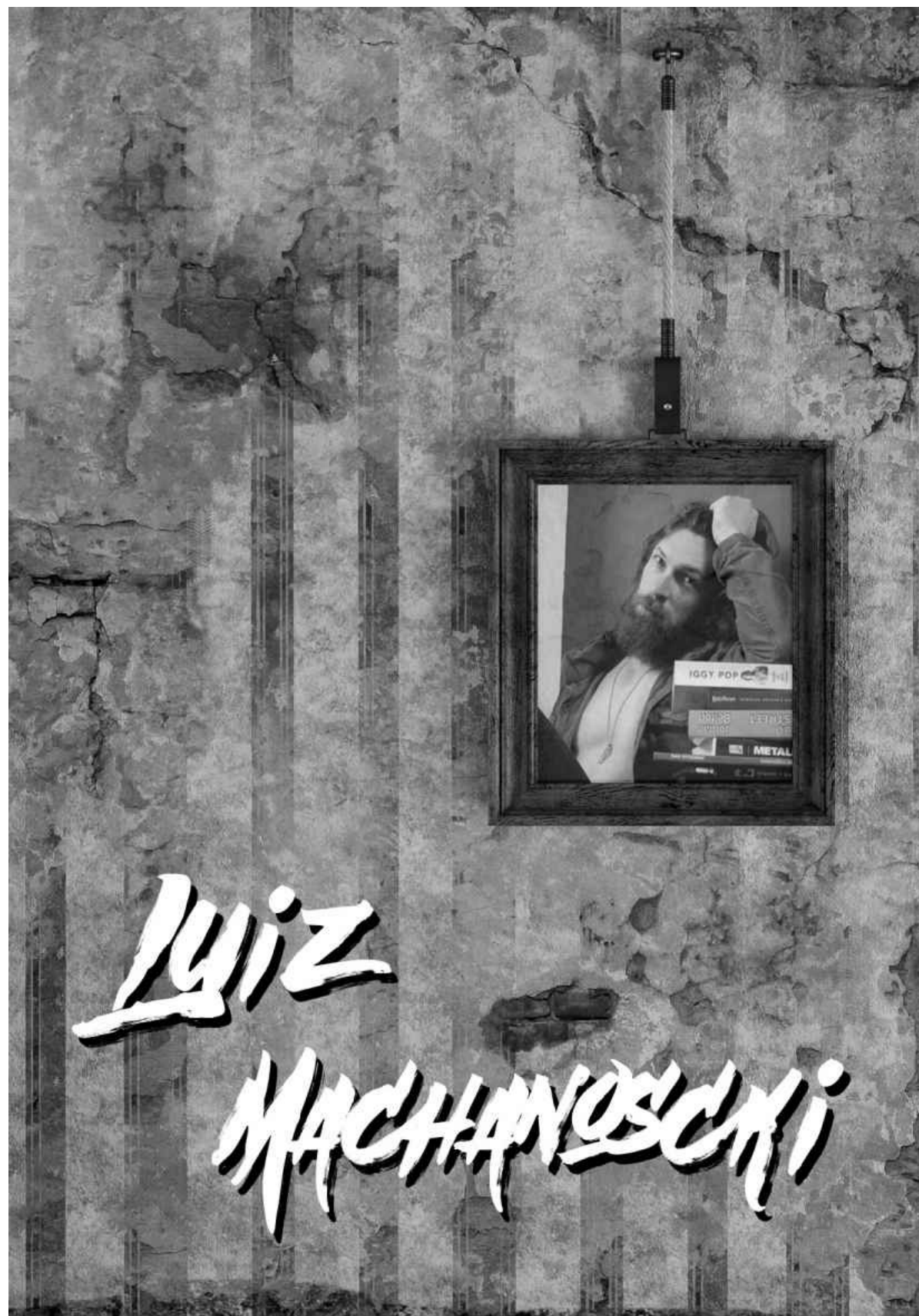
Sua postura traduz calma e perspicácia.

Ele sente o horror pairar por detrás dessas paredes, à espreita, aguardando para dar o bote. Ouço seu cochicho entredentes, ouço sibilar um mantra estranho de proteção, algo que mais parece uma oração.

Lucas Dallas parece estar pronto.
Eu também estou!

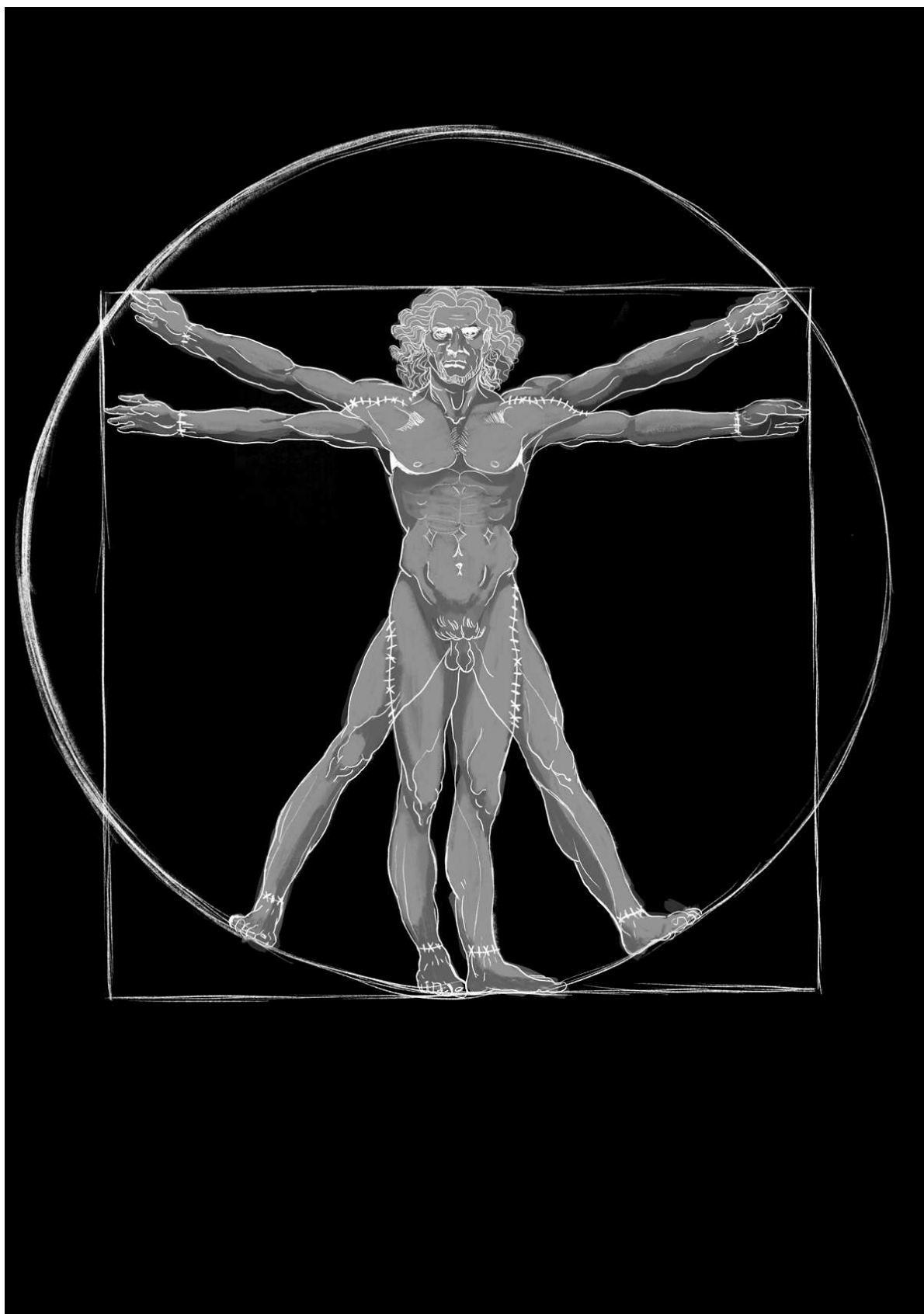
Noite de lua cheia.
Noite do Diabo!
Ouço o barulho de sua moto estacionar na frente da mansão.
Ele sobe os degraus apressado, como que pressentindo algo a ser feito;
talvez uma missão do altíssimo!
Mas nesta noite nem mesmo ele, pode banir o que há de vir.
O "messias", na verdade, se torna o último, e o último se torna o primeiro;
e assim entre as metáforas, aguardo o vacilar dos ponteiros. Lamento dizer,
mas essa noite não foi Deus que o enviou aqui.
Quando abro a porta, seus olhos intimidadores me observam.
Não é hora para recuar. Há um calvário para enfrentar!
— Jesus, finalmente! Estávamos a sua espera!

Noite de lua cheia.
Noite do Diabo!
Dizem que ele é o melhor amigo que Poe teria.
No entanto, sei que suas preferências estão atreladas à loucura e ao impossível.
Suas paixões se conectam ao infinito e a sua aura sombria que inebria as mentes inocentes.
Ele estará aqui essa noite, em minha mesa, em meu jantar.
Essas paredes clamam pelo seu nome... clamam pelo homem que levou a vida toda para desmistificar os mistérios de Lovecraft e seu mundo cósmico de criaturas incompreendidas.
O último discípulo do horror cósmico, Oscar Nestarez está a caminho e não tarda em chegar.



Luiz

MACHADO SCHI



ABISSAL



Nos idos de minha juventude, o mundo não era muito diferente dos propósitos, desejos e pecados perpetrados por nós nos tempos atuais. Queríamos nos conectar, estar entre iguais, festejar, colocar para fora nossos prazeres mais bizarros e gozar o prazer dos justos. Nem que fosse uma justiça ponderada pelo hedonismo.

Uma das grandes fortunas da mocidade é o destempero da coragem, tornando tudo válido e os riscos sempre pequenos. Nem de longe lembra ser a cautela uma dádiva para a evolução dos humanos. Se fôssemos sempre adolescentes, tenho certeza que em nossas mãos não teríamos dez dedos, nem quaisquer aparatos bem desenvolvidos. O medo nos trouxe aqui e a juventude é um erro passageiro.

Nessa fase de desentendimento, a tecnologia ainda não nos permitia a segurança de termos encontros em um ambiente digital. Não havia aquele período de seguras conversas de texto para decidirmos se aquele estranho combinava com o nosso ego esquisito. Era preciso dar a cara a tapa e muitas vezes oferecer a outra face para aproveitarmos os prazeres do mundo. No máximo era possível ter amigos e enfrentar o desconhecido em grupo.

E, claro, para escape de toda aquela torrente de sentimentos, juntei os inúteis aos desagradáveis e montei uma banda que vocês sabem o estilo.

Aqueles caras se tornaram meus irmãos e parceiros fiéis... Me desculpem esses preâmbulos. Juro que são essenciais para o entendimento dessa pequena historieta...

O grupo coexistiu com os gradativos pesos da maturidade. Pessoas que preenchiam planilhas durante a semana em seus trabalhos banais, batiam em peles de animais aos sábados. Gente que destruía os instrumentos nos feriados e trabalhava o mês inteiro para pagá-los.

Fazíamos shows com certa constância, durante esses anos, e ainda era um costume de meses atrás. Mesmo com a juventude apenas vista pelo espelho retrovisor, aquele tesão juvenil ainda permanece nas minhas veias. E como verão, muito ainda está junto a mim.

Há um ano, mais ou menos, estávamos em direção a um concerto que faríamos numa cidade próxima à capital. Todo o grupo e nossos instrumentos estavam numa van capenga correndo a toda pela estrada.

Eu e mais três aspirantes ao estrelato e catedráticos na arte de errar notas, estávamos munidos de pupilas estouradas e narinas entorpecidas. Envoltos num grave odor de álcool generalizado, festejávamos a falta de motivo e arrastávamos a consciência para o limbo. Restando somente a límpida sensação de abraçar calidamente o caos espacial. Era uma puta farra!

São memórias muito turvas, mas verão que existe uma explicação de outrem que custo a acreditar. Na minha memória enuviada, a turma toda falava muita bobagem durante a viagem e sacolejava dentro do veículo guiado por dois pares de mãos mal coordenadas e mentes embriagadas. O motorista e o passageiro da frente brincavam e brigavam pela posse do volante.

Todos pareciam satisfeitos como sempre. E entre os maiores farristas, havia o Gustavo. Nunca o vi tão empolgado e nervoso para um show. Parecia ansioso como se o evento fosse mudar sua vida de merda.

Esse meu amigo se afirmava um vampiro, ia a encontros incomuns, palestras obscuras e tinha trato com gente que não parecia dessa dimensão. Eu não dava a mínima, desde que cumprisse as funções que seu contrabaixo demandava. Sempre fui atraído por pessoas diferentes. E esse era um verdadeiro tesouro nos corredores do bizarro.

Como última lembrança, guardo na moldura da mente o motorista prestes a desacordar ao volante e um outro membro da banda logo ali ao lado tentando conduzir a porcaria toda. Pior que um motorista bêbado, dois. No

mesmo carro.

Corta a cena para meses depois na cama do hospital segundo os relatos dos profissionais que me acompanharam em seis meses de coma.

É uma sensação estranha. Algo como se não soubesse se é sonho ou realidade. Pegue esse clichê e mergulhe no medo de ocupar um espaço tão pequeno quanto o próprio corpo e a fraqueza de nada poder fazer, não se expressar, nem se proteger... Deveria não me lembrar de nada, disseram os psicólogos responsáveis pelo acompanhamento até dia desses. Porém, fagulhas de momentos, irreais ou não, me perseguiram.

Desse período, lembro de um sonho muito marcante. Ele completava minha falta de consciência após o acidente com uma história tão insólita que viraria tema do próximo álbum, se a banda ainda tivesse membros. Bem, agora posso fazer um projeto solo com os membros originais segundo relato de meus captores. Deixe-me seguir...

Eu me via preso nos destroços daquela Kombi fodida. Numa posição a lá Jesus de Pietá, imóvel como tal, sobrevalado pelo baixista. A face do defunto grudava na minha com sangue meloso, ainda escorrendo nos buracos do meu rosto, me obrigando a forçar a expiração para captar o ar rarefeito. Meus membros se encharcariam de uma dor lancinante e inédita. Era como uma brincadeira de gato mia do satanás para saber de quem era aquela cara do cacete! Um detalhe e... Só podia ser o Gustavo, com aquele piercing a resvalar meu nariz...

Meu sistema nervoso saía do torpor das drogas para uma ressaca acidentada numa estrada, ativando minha claustrofobia como um abraço de Golem. Tudo poderia piorar, e piorou.

Achei que fosse minha sensibilidade tátil sofrendo variações para se adaptar àquela situação, envolvendo minha capacidade de sobrevivência e o aprimoramento dos instintos em momentos de urgência.

Eram leves pulsações pelo corpo que pareciam percorrer uma trajetória coerente, começando pelos pés. Nas partes desnudas, vide jeans rasgados e outras peças detonadas pelo acidente, sentia um arrefecer fresco. Algo como seu cachorro querendo te acordar colocando o focinho carinhoso na sua pele.

A sensação estava chegando ao meu rosto e, conseqüentemente, junto a minha alma gêmea morta, face a face. Aquele burburinho de integridade ainda habitante da minha consciência começava a ir por água a baixo. E essa água devia ser de esgoto. Existia, sim, um cheiro medonho em segundo

plano, mas não era ele que me apavorava. Desconfiava que aquilo não seria um calafrio instintivo.

Não queria acreditar, porém o fato já estava pousado nos meus cabelos. Não era muito pesado utilizando minha cabeça como ninho. Parecia estar curioso e meio temeroso quando começou a mastigar a bochecha direita do meu finado amigo. Eu sentia o calor daquele animal e seus movimentos maxilares destruírem a cartilagem daquele que já fora o rosto mais bonito do grupo... O pesadelo terminava aí. A confusão mental era enorme, apesar da claridade desse único sonho durante esse tempo.

Tive recordações visuais antes de um despertar mais consciente. A sala azul de cortinas púrpuras ladeava médicos que dançavam em certa sincronia no seu trabalho cataléptico. A cada olhadela submergida em profusão de anestésicos, percebia tons de vermelho me lavando a retina. Não saberia dizer se era um entardecer ardido, sangue jorrado pelo quarto ou caindo direto no meu cristalino.

O despertar de verdade foi como nos filmes. Médicos me tranquilizando, dois fãs que eram amigos, o discurso do ocorrido, a salvação, o milagre, a ressurreição... Essa parte é blasfêmia. Mas não muito.

Segundo o relato oficial descrito nos anais da legalidade:

O veículo de placa RAM 0435 trafegava, segundo radares, a 180km, pela estrada de Portobelo, quando, segundo laudo técnico, perdeu o controle e caiu na ribanceira. Uma altura de trinta metros, próximo a um depósito de lixo irregular. Havia quatro passageiros. Três morreram a caminho do hospital e o sobrevivente está sob cuidados do Hospital particular Rochedo.

Eu me sentia muito bem na recuperação. Ganhei muitos pontos de costura, principalmente na mão direita. Fique triste pelos companheiros, mas sentia que eles nunca me deixariam. Era satisfatória a sensação de pertencimento e harmonia, apesar da tragédia.

O logo do nosso grupo não mentia sobre nossa união. Era uma espécie de homem vitruviano costurado. Ideia do baixista...

Passou um tempo em calmaria, as marcas literalmente cicatrizavam. Consegui visualizar partes de cicatrizes escapando da cobertura de gazes pelo corpo. Algumas marcas eram parcialmente visíveis na altura da clavícula e numa das pernas. E como houve queimaduras e os hematomas estavam presentes, tudo garantia uma soma de cores diversas. E juro que não queria estar no Living Colour!

As sessões de fisioterapia ocorriam com sucesso estrondoso e, principalmente, meu trauma... Não houve trauma! Os psicólogos sugeriam que a sujeira debaixo do tapete se viraria contra mim. Nada entendi dessa afirmação.

Mas me sentia completamente pleno e sem saudades de meus amigos. Era um pouco bizarro, mas a sensação foi transformada em um sentimento de compromisso com esses queridos mortos.

A força para me recuperar, juntamente com a progressão rápida encapavam o elefante na sala com um tapete milagroso! Só eu sobrevivi e ainda com essa recuperação! Tinham muitas marcas e quase nenhuma dor. Não via muito sentido nisso. Não acreditava em milagres e os sonhos me perturbavam.

Já distante de hospitais, minha lembrança do Gustavo ficou forte quando um conhecido dele me chamou para um encontro secreto.

Nunca havia ido, nem declarado qualquer interesse nessas balbúrdias descaradas de qualquer encontro formal de empreendedorismo. Mas houve algo de natural para que minhas pernas chegassem até lá.

Não tinha expectativas quanto ao que esperar. Como recomendaram, fui de cabeça aberta. E, afinal, semanas atrás ela estava assim mesmo, com traumatismo craniano e tudo... Tinha de voltar à sociedade e, embora já pudesse tocar exatamente como antes, talvez devesse pensar numa outra fonte de renda.

Tinha expectativa de algum encontro maçom, com cumprimentos regidos a toques exclusivos, ou mesmo à presença de serpentes, pessoas nuas e até mesmo um bacanal!

Descendo a rua, fui me desencantando com o vislumbre. Pessoas querendo parecer elegantes em modos e vestimentas, ocultando má-educação dentro da melhor roupa puída... Aquilo não me cheirava bem. Era como um perfume barato borrifado na cara. Onde estavam o mistério e as cobras que imaginara?!

Fui recebido pelo amigo do amigo e permaneci no salão principal debatendo frivolidades com desconhecidos. “Olá! Seja bem-vindo ao marketing multinível”, “Estou desempregado e hoje sou um operante marfim”, “...Não ocupo todo meu dia com isso. Mas o pouco comprometimento já me garante uma ótima renda extra!”, “Oi, eu sou a May e participo desse pacto... digo, desses encontros...” Essa me deixou mais

esperançoso em participar de algo inspirador!

Sentei no meu cantinho, junto a centenas de pessoas e comecei a ouvir aquele discurso hediondo. A falácia e a cara de pau eram muito grandes! Ganhar duzentos e cinquenta mil ao mês vendendo três por cento de essência dentro de cem mililitros em cada perfume, sabonetes que ninguém nunca ouviu falar e essência de estragão?! Caralho! Esses caras deixam aquele gordinho da igreja televisa no chinelo!

Dormi naquela porcaria e acordei amarrado a uma cadeira.

“Muito bem, Messias! Seu sono profundo ainda vai arruinar a humanidade” Entre as sombras, a criatura gargalhava às custas de sua piada pobre. O som se assemelhava a uma voz feminina que ouvi no saguão, mas não conseguia confirmar a pessoa pelo breu quase completo do que parecia ser uma grande sala. Só havia um pouco de luz que adentrava, aparentemente, por frestas de uma porta. Ou era um monólito de filme de ficção...

Comecei a me debater e a ameaçar com meus berros guturais seja lá quem estivesse ali. Uma pontadinha de agulha me acalmou como um abraço de mãe. Outra voz, do lado oposto, grave e masculina, começou a explicar:

— Meu querido... Fique feliz em finalmente adentrar nossa comunidade. Sua memória atual não lhe ajudará com uma história racional e mesmo terrena. Hoje, pelas glórias do Senhor, és muito mais que isso.

Para tanto vou servir de pergaminho para narrar sua trajetória.

Você apostou conosco e se tornou parte de nós. Entendeu sobre como conseguimos manter o negócio e escravizar os incautos. Sua ambição percebeu o caminho e te levamos para a verdadeira trilha em direção ao topo da pirâmide. Seu suor derramado e horas de dedicação apenas martelariam sua mediocridade na terra. E como nosso senhor é generoso aos afortunados de sapiência ímpar, você foi contemplado pelos códigos decifrados.

Claro, o valor por riquezas imensuráveis e sucesso era algo que deveria ser pago em sangue. Você escolheu sacrificar seus companheiros de banda, mas um acidente na estrada deixou todo o jogo diferente para nós. Tínhamos que fazer algo para completar o pacto. Obtivemos os corpos ainda vivos de seus amigos para os sacrifícios.

Porém ainda faltava sua assinatura para a venda da sua alma e a garantia da sua chave para o sucesso.

Os ratos comeram parte de seus amigos. Tivemos que trabalhar com urgência.

Nosso resgate agiu rápido antes da sua morte e amputou sua mão direita para os procedimentos de assinatura. Implantamos esse membro em você. Quer dizer... em seu novo você, com sucesso absoluto. Como esse corpo estava parcialmente acabado, utilizamos algumas outras partes de seus companheiros para sua sobrevivência. Precisávamos da mão viva, não importava o hospedeiro.

Foram cirurgias de execução simples para os altos membros do nosso culto.

Fique tranquilo que nosso senhor é justo. Após seu autógrafo, esse corpo será destruído para completar o sacrifício e a mão ganhará outro portador. Você tocará suas riquezas e sentirá o poder em seus dedos... Tudo tem um preço, só estamos cobrando uma dívida.

Aquilo era muito surreal para ser uma troca e extremamente amedrontador para meus instintos pensarem em brincadeiras. Sacudi violentamente, rangendo a cadeira e tremelizando boa parte dos meus ossos a fim de fugir dali. O desespero afoito assustou meus anfitriões, os fazendo se aproximar do seu atônito refém. Pelo jeito, executar procedimentos anestésicos no escuro não é o forte desses demônios de oralidade fervorosa. Ou minha vida de excessos químicos me assegurou uma resistência junkie àqueles químicos. E o boxe praticado na juventude fez sua parte na minha salvação. Os sopapos acertaram. Com jabs identifiquei ombros, braços e costelas e, em seguida, diretos acertaram duas cabeças. Funcionou.

Corri com as pernas que nasceram comigo. Ao menos, eu acho.

A única pouca luz era, graças a Deus, a lâmpada acesa de um corredor sujo e nojento.

A deturpação de sentidos aumentava enquanto fugia daquele quebracabeça nada monótono. Corri o possível antes de desfalecer numa rua dos jardins.

Quando despertei, percebi uma lesão no pé esquerdo. Ou um dedo quebrado ou um metatarso lascado. O jeito era mancar e rastejar à procura de ajuda.

Andei como pude pelas regiões de casas invadidas e residências nobres. Em comum, pareciam todas ocas e sem luzes internas. O blecaute não pareceu normal nem para um enfermo alquebrado... Distingui uma única iluminação distante acompanhada de burburinhos cada vez mais altos com

minha aproximação. Havia um encontro ou uma festa ocorrendo. E, diferente da pirâmide de perfumaria e inutilidades, ali tudo me atraía. Adentrei.

Pessoas estavam lá sem questionar e sem me barrar. Havia comida e bebida.

Achei os rostos conhecidos. Deve ser alguma síndrome após toda zona ocorrida. Pediram apenas que eu contasse essa história. Pareciam saber sobre ela antes de ser contada e, mesmo assim, não denotavam agressividade ou surpresa. Estranhamente isso me confortou.

Agradeço por ouvirem minha saga. Se a loucura me atingiu, são enfermeiros gentis. Caso haja um toque de realidade no meu pesadelo, desejo seu fim.

Um amigo me deu uma mão, mas era para me esposar com o diabo!

Meu sonho era terrivelmente real segundo as sombras abatidas. Eu não conheço a verdade! Não há como talhar a realidade perante o absurdo!

Já não sei se perdi meus membros, como se pisasse numa mina terrestre e fosse remontado como blocos infantis, ou delirei aberrações num cotidiano hospitalar. Não posso crer na possibilidade da risada de Mary Shelley no túmulo e que sou a banda de um homem só. Sou a efígie de muitos ou a doença de um?

Seria esse o fim?

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

X ENTRADA AO SEOL



Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Ele chega encharcado. De sua roupa pingam as gotas da chuva que tomou pelo caminho. Parece impaciente! Vejo quando ele procura imediatamente a carteira de couro onde guarda uma pequena foto de Raj, em sua infância. Meu coração lamenta sobre essa triste cena.

Que infelicidade deste homem... se ele imaginasse que a foto do filho seria a última coisa que veria aquela noite! Sei que Raj sentirá saudades e isso partiria meu coração se eu tivesse um.

Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Elas chegaram juntas e permaneceram inquietas.

Nem ao menos demonstraram sinal de animação com a noite, que se erguia, e suas festividades.

O vestido de Rebecca é negro como a noite.

Thaísa está elegantemente vestida de branco com detalhes vermelhos.
Ambas usam um véu fino sobre o rosto, ocultando a face.

Nelas vejo a metáfora viva dos conceitos humanos:

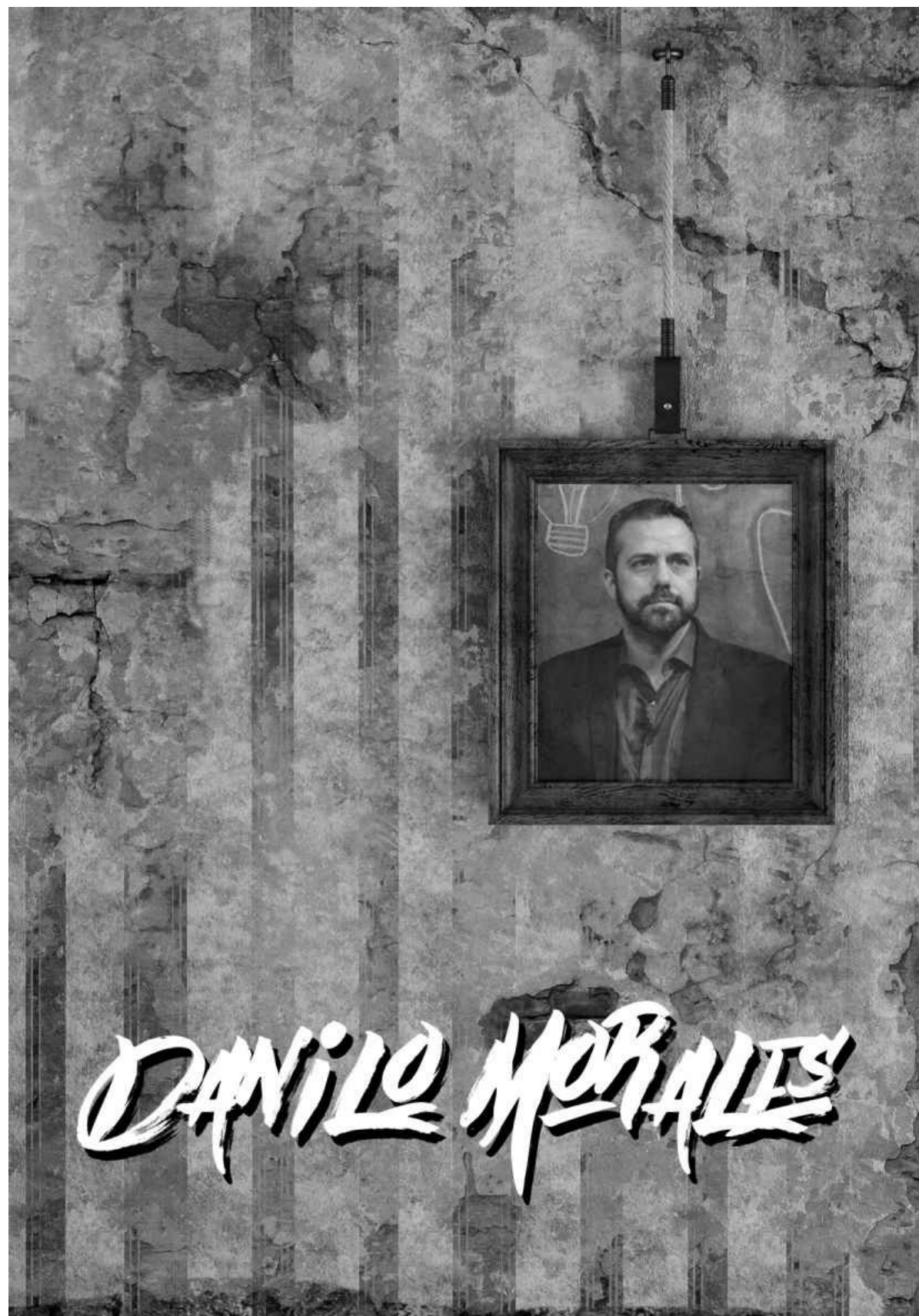
Vida e morte andam de mãos dadas, assim como minhas convidadas.

Bem e mal. Trevas e luz.

Mas a pergunta que não quer calar é:

Qual delas sobreviverá hoje ?

Qual delas repousará no meu leito de morte?



DANILO MORALES



DOZE PARA O INFERNO



A inveja é o mal do século. Apesar de ser visto como um simples pecado capital, suas consequências são devastadoras. Sempre tem a ver com a proximidade: seu vizinho, seus parentes, não os confunda com família. Na tragédia, até mesmo os inimigos são cordiais, mas quem irá se regozijar com suas vitórias? Não se trata de sentir, mas de como agir. Pensei muito, e sim, relutei em aceitar esse convite. Esse pecado é a principal causa para a queda dos principados, transformando até mesmo anjos em demônios revoltosos contra Deus, sim, a velha inveja contra os humanos, que derrubou Lúcifer e seus principados.

Sou um Escritor com uma única obra best-seller. Embora controverso, muitos dizem ser apenas entretenimento barato, um embuste, confrontado com leitores que me acham um verdadeiro mestre. Sabia desde pequeno que seria um contador de histórias. Dobrava folhas de sulfite, fazia histórias de vampiros, e escrevi muito em máquinas antigas, aquele barulho das teclas endurecidas é realmente inspirador. E errar uma única vogal te faz perder toda uma lauda.

O clima de São Paulo é gélido. Olho pela janela do casarão a rua cinza, enquanto o cordial anfitrião tenta agradar os doze convidados com suas excentricidades. Enfim, treze pessoas no recinto, um número simbólico,

alguns creem ser de sorte, outros de azar. Não foi um bom número para Jesus e seus apóstolos. E o dia de hoje é perfeito. O dia das bruxas, além de me propiciar uma vinda tranquila no metrô, me ajuda no propósito da noite.

Não bastassem os fracassos literários, tive muitos problemas familiares. Tive um filho de um relacionamento conturbado. A separação veio logo a seguir e uma briga judicial pela guarda do garoto que parecia não ter fim. Quando consegui a liminar da justiça para visitá-lo, já há meses sem ver o menino, tomei um tapa na cara de sua mãe, e fomos todos parar na delegacia.

Tive um dia dos pais com lágrimas nos olhos, sem ter o pequeno ao meu lado. Com o passar do tempo, no entanto, quem ganhou a guarda foi o traficante. Devia ter notado seus olhos avermelhados, o nariz sempre fungando, as saídas furtivas e rápidas e, por muitas vezes, o hábito recorrente da bebida. Ficou mais nítido quando o dócil menino começou a me peitar, a se vestir de forma desleixada e arrumar amigos estranhos.

Estava cansado de ser um durango, não ter um puto no bolso, carteira sempre vazia. Cartas negativas de editoras, e de não ser acreditado nem mesmo pela própria família. Foi aí que toquei o foda-se. Resolvi vender a minha alma para o diabo, em troca de fama e reconhecimento. E consegui. Fui reconhecido, vendi horrores e favoreci principalmente as editoras e editores, que levavam quase todo o lucro. Mas o capiroto tinha sido justo. Afinal, fama não significa felicidade. São coisas distintas. E realmente nunca fui tão infeliz, à medida que o meu sucesso aumentava, minha família literalmente ruía.

Hoje estou nas últimas voltas do parafuso, não suporto mais escrever dedicatórias em meus livros, muito menos ter que tirar aquelas fotos com sorriso enferrujado. Ter mais de mil likes em uma publicação de Facebook não me interessa nem um pouco. A minha única preocupação é saber que minha alma vai pro inferno, pra danação eterna, e tento agora desvencilhar-me da ira do demônio. Sempre me disseram que minha arte tinha uma inspiração maligna, tudo o que fiz foi botar em prática o que já pregavam.

Belial foi escolhido não só pela sonoridade incrível de seu nome. Ele é um dos demônios específicos para pedir a fortuna e a fama. Comanda as forças da terra contra os homens de bom coração, rei do inferno e comandante de oitenta legiões, demônio da arrogância e da loucura, responsável pela queda de Sodoma e Gomorra. Segui corretamente os conceitos que regem o demônio Cananita, e através de um rito com direito a

sangue consegui invocá-lo após várias tentativas frustradas.

Minha primeira meditação abriu as portas para as energias do demônio, entrarem em meu templo pessoal, permitindo que sua essência invadisse o meu ser, permitindo-lhe abraçar a minha escuridão pessoal. Imagens, estátuas e sigilos o representavam em meu altar. O selo goético de Belial. Senti a atmosfera densa enquanto visualizava o portal na forma da estrela de sete pontas. Meu corpo foi carregado com a energia que flui através do sigilo, vibrando e se preenchendo com a essência de fogo da corrente draconiana.

E agora estou aqui, escravo por opção. Desesperado, vejo-os bebericar, rir e recitar saraus. Escondo em meu colo o revólver 38, o tambor carregado com as oito balas. Tenho cartuchos para recarregar no meu bolso. Nesse momento vejo minha tolice. Minha barganha com o diabo visa trocar minha alma pelas doze pessoas presentes. Um verdadeiro massacre, um banho de sangue deve se formar. No entanto, abater doze pessoas não seria nada fácil. E agora pensando bem, ter que recarregar o revólver, a chance de dar merda é altíssima. Nada contra eles. O anfitrião será o último. É justo, ele precisa acompanhar o desenrolar do encontro. Quanto mais tarde e mais embriagados, melhor. Enquanto isso, recito em voz baixa os mantras diabólicos de preparação.

A vitrola toca Cirice. Escritores como nós gostam de alegorias bíblicas. Apenas imaginei o desfecho. Se fosse bem-sucedido, daria um tiro na própria boca, uma morte rápida. De que adiantaria fugir? Se fosse pego não gostaria de ficar um só dia na cadeia, por mais que a justiça nesse país fosse frouxa. Lançar mais livros, pra quê, se a pessoa que gostaria de ver minhas vitórias não mais está entre nós? Só de fugir do fogo do inferno já fico satisfeito. Subo e desço a escadaria várias vezes em um eterno desassossego. Coração palpitante. Vou ao banheiro e enxágua o rosto, lavo o cabelo, e fico absorto vendo a água descer no ralo, tentando não pensar no que vou fazer.

Sinto o clima denso. Sei o que isso significa. Um aperto no peito. Ele está vindo me buscar. Sinto-me como Johny Favorite tentando enganar o diabo. A matança precisa ser antecipada. Gotas de suor escorrem de minha testa, sinto a vertigem e a adrenalina, o coração bater mais forte. Sou um crápula, mas não um assassino. Ainda não. Imagino as manchetes do jornal. Sei que não é justo ceifar doze inocentes, o desespero me impele a isto. Olho de cima da escadaria, estão felizes. Velhos da terceira idade, rindo feito crianças. Esse casarão teve dias mais festivos, se as paredes pudessem contar histórias,

todos se enfiariam no primeiro buraco que encontrassem.

No fim do corredor um jovem formoso de cabelos encaracolados e pele clara, usando vestes medievais me espreita.

— Chegou a sua hora. Curve-se ao seu rei!

— Você aceitou a barganha. Ainda não é meia-noite. Está em tempo. Não será mais proveitoso doze em vez de um?

E recuei, parando imediatamente no centro, quando notei haver outro dele na outra ponta do corredor. Eram gêmeos. Logo percebi a referência de dois anjos sentados em uma carruagem de fogo, observando a destruição de Sodoma e Gomorra. Sim, eles estiveram em meus sonhos por várias noites seguidas. Eles são um só rei. O outro jovem replicou:

— Por acaso não teve o que pediu? A fama! O poder!

— Imaginei que isso viria junto a uma felicidade imensa e graça para minha família. Isso sim, a minha verdadeira riqueza.

Nesse momento, ambos começaram a falar ao mesmo tempo. A voz saiu em uníssono, partindo dos dois lados em tempo real. Algo difícil de explicar.

— Devia ter dado valor no momento certo. Preferiu sua carreira a sua família, e agora vem nos culpar. Enquanto sua mãe agonizava na cama, estava em uma tarde de autógrafos em Dubai. E mesmo sabendo que provavelmente as notícias não seriam boas, não atendeu ao telefonema vindo do Brasil, não naquele momento. Ia transar com duas jovens, suas fãs. O gozo era mais importante. Depois de descarregar, aí sim, atenderia ao telefone e tomaria as providências devidas.

— Eu não o aceito. Tenho direito à conversão, e o senhor meu Deus vai me perdoar.

— Não é tão fácil assim quando se tem um coração negro e de pedra. Seu Deus não irá te salvar. Teve o que pediu e irá me servir, meu escravo eterno!

— Me deixe em paz demônio!

— Todos vocês se regozijam em contar as nossas histórias. Olhe para eles. Os olhos brilham ao narrar aquilo que sopramos em seus ouvidos.

Desci a escadaria apontando a arma para eles. Pararam e riram por um momento. Aquilo realmente levava o encontro a outro patamar. E quão bom ator eles me acharam, passava realmente uma seriedade impressionante naquele suposto teatro armado. O anfitrião trazia em suas mãos uma taça de vinho branco, e era obviamente o mais embriagado.

— Por que você não enfia essa arma de plástico naquele lugar, e vem

beber com a gente?

O tiro estilhaçou a taça, mostrando não ser algo falso ou brincadeira. Todos ficaram pasmos. Não tive coragem de ir em frente. Tremi muito. Apenas consegui berrar.

— Não se aproximem!

E saí correndo. Subo a escadaria. Sabendo estar perdido. Ainda ouço o anfitrião dizer: “Gente, sabia que era um louco! Mas não tanto! Por isso digo: arma e cachaça não combinam!” Não acreditaram se tratar de um caso de quase assassinato em massa, somente tomariam a atitude de bloquear-me do clube do livro e coisas do gênero. Atravessei o corredor que parecia não ter fim. Correntes serpenteavam pela parede me buscando, já é chegada a hora, e minha força física não é das melhores. Um vulto negro, uma espécie de bolor, invadia as paredes, e me perseguia. As portas dos quartos não se abrem, por mais que as forçasse. Os sussurros infernais já se podiam ouvir e o cheiro pútrido do enxofre se fazia presente. Sabia que um banho de água fria podia ajudar a espantar o mal. Senti-me impelido a saltar sobre a vidraça, que não se partiu no primeiro impacto. Vidro temperado. Peguei um extintor e consegui fragilizá-lo com alguns golpes. Sussurros me chamavam e várias mãos pútridas surgiram do buraco negro que jazia cada vez mais perto. Enfim, saltei sobre o vidro que se estilhaçou, me lançando em queda livre em uma tentativa vã de fugir do inferno...

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

XI VISITANTES LONGÍNQUOS



Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Quando ela chega à mansão, toda a atmosfera muda.

É como se todas as sombras ocultas desse lugar, estivessem a sua espera.

Dizem que a bondade é a colheita farta para alguns seres humanos, no entanto, eu ousou dizer que há algumas vidas que são forçadas por pactos e segredos.

Eu a observo de forma hostil.

Sei os seus segredos, embora ela também desconfie dos meus... Mas esta noite é uma ocasião especial.

É uma noite na qual nossa maldade, em conjunto, merece um brinde, em homenagem aos velhos tempos, e assim, com seus passos tranquilos, ela caminha serenamente para seu fim iminente, enquanto todos os meus demônios a recebem como uma velha amiga.

Renata Maggessi morre hoje!

Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

No passado éramos amigos, quase irmãos. No passado...

Tudo ficou para trás e hoje, apesar das nossas diferenças e egos, fico surpreso em saber que ele aceitou o convite. Gundim está aqui, o responsável pelo que me tornei. Ele é o verdadeiro hospedeiro do mal, nessa residência, ele é o lobo faminto em pele de ovelha, que há anos guardou consigo todos esses segredos...

Ele teme olhar em meus olhos. Será que ele percebe o que eu me tornei?

Ao entrar, ele senta na velha cadeira com os demais...

Quando finalmente seus olhos encontram os meus, na luz parca, sussurro na esperança que ele me entenda.

Sei que ele pode ler meus lábios:

"ROBSON, ELES JÁ ESTÃO AQUI!"



HENRIQUE DE MICCO



CORAÇÕES DE PEDRA



Ele ainda tava em cima de mim quando aconteceu

Os dois pés sobre o braço do sofá balançavam no ritmo da melodia que só ela podia ouvir.

A cabeça, apoiada no braço oposto, ainda sofria os efeitos da ressaca. Os cabelos longos corriam por sobre o couro branco como serpentes saídas das tocas.

O celular vibrou sobre o peito.

Olha, filha... isso com ctz é uma maldição que nasceu com vx.

Vc*

E se manifestou no momento em que virou mulher, se é que me entende.

A ironia desenhou um sorriso torto no rosto de Ingrid. Não sabia de onde tinha tirado a ideia de procurar a famosa “bruxa do whatsapp” de sua cidade. Os rumores eram fortes: de que ela podia lançar e quebrar maldições, enviar mensagens telepáticas, trazer o amor da vida em três dias, curar doenças, entre outras coisas.

Ingrid enfrentou muita coisa difícil durante a vida, nos vinte e seis anos passados até o fatídico momento relatado à feiticeira, mas achou uma puta sacanagem o destino ter feito com que seu primeiro parceiro sexual morresse durante o ato. Assim, do nada e para sempre.

Petrificado no sentido literal da palavra.

Vc teve contato com mais alguém depois dele? Ingrid, preciso que me conte tudo...

Não. Eu não tive coragem de sair do meu ap ainda.

Deve estar com a maldição do coração de pedra. Uma das mais antigas... não pode encarar ninguém nos olhos, ou a pessoa terá o mesmo destino do coitado (que descanse em paz)

Como assim?

Ah, e nem pode se olhar no espelho. Se enxergar seu próprio reflexo, a maldição se volta contra vc.

Como eu acabo com isso?, foi a pergunta que ela fez checando o esmalte das unhas da mão esquerda.

Deve encontrar o amor da sua vida, o único homem ou mulher imune ao efeito petrificador... se ganhar um beijinho dele, estará livre., foi a resposta da bruxa.

Era tudo muito absurdo naquela história toda, a começar pelo ex-humano, agora uma estátua de pedra estirada sobre seu tapete indiano; mas, o papo da quebra da maldição a la contos de fada, com beijo do príncipe e tudo mais, era demais para ela. Devidamente bloqueada e excluída da lista de contatos, a tal da bruxa sumiu de sua vida para nunca mais aparecer.

A jovem costumava fumar quando estava estressada, e foi o que decidiu fazer após largar o celular e pensar na morte da bezerra por alguns minutos. Pensou também na morte de seu namorado. Pensou na conversa que tivera com a estranha ainda há pouco.

Com cuidado, passou por sobre a estátua, apanhou o maço e o isqueiro na mesa de centro, e caminhou até a sacada, sentindo a carícia das cortinas voil nos ombros antes de alcançar o piso externo. Ela ainda não tinha chorado, e sentia-se mal por isso. A tristeza estava presente, o horror, o choque, mas as lágrimas se recusavam a cair. Acendeu um cigarro e acompanhou um carro atravessar a rua lá embaixo, enquanto um trago demorado enchia seus

pulmões.

O carro dobrou a esquina, e a fumaça escapou pelas narinas.

“Devo me entregar? Pagar pelo crime que cometi?” Mais um trago. Outro carro. “Não, o que eu diria? Quem acreditaria na minha história?”

O gato da vizinha, que costumava observa-la da murada da sacada ao lado, chamou sua atenção. Ela olhou para ele, que olhou de volta; as sobrancelhas dela saltaram, enquanto o bichano virava pedra e caía lá em baixo. Sete andares antes de spatifar-se no estacionamento.

Atirou o cigarro, que despencou sete andares antes de se juntar ao felino. Ou, “Tobias”, como chamava a dona.

“Espelhos...”, pensou ela. “Preciso dar fim a todos agora mesmo”.

Nos dias que se seguiram, Ingrid arriscou algumas saídas. Precisou ir ao mercado e à farmácia; precisou buscar uma mercadoria na agência dos correios; teve que receber correspondências na portaria do prédio.

Sentia falta de conversar com o melhor amigo e, além disso, precisava finalmente contar a alguém o que estava acontecendo. E ela foi... foi com medo do que poderia acontecer, e voltou com uma estátua no carro. Os retrovisores cobertos, se pudessem sentir alguma coisa, estariam aliviados por não precisarem lembra-la da companhia indesejada no banco traseiro.

Ed, seu amigo da época da escola, juntou-se ao seu ex no quarto de hóspedes.

Agora eram duas estátuas.

Uma Ingrid destruída duas vezes.

A jovem passou a evitar aglomerações e saía o mínimo possível de casa, sempre usando óculos escuros. Não queria parar sua vida até encontrar a solução, e não fazia ideia do tempo que isso levaria.

E a fome, então, apareceu. As duas estátuas eram pouco; o remorso, a tristeza, a saudade, tudo foi ficando para trás, sentimentos esquecidos em algum ponto escuro da longa estrada. Seu coração tornou-se tão duro quanto os corações de suas vítimas.

Mais uma, outra, e outra...

Cada alma roubada cravava um novo prego em suas mãos. Lampejos de consciência voltavam para arrastá-la para o inferno, vez ou outra. Sua própria

feição começou a cair em esquecimento.

As pessoas que mais se importavam com ela tentaram contato de todas as formas durante algum tempo; os colegas mais próximos, a irmã mais velha e a professora de zumba, que acabaram desistindo. Mas sentiu falta de alguém. Perdeu a conta de quantas vezes imaginou a voz grave de Jonas chamando por ela do corredor, atrás da porta de entrada do apartamento.

“Por que o desgraçado não voltou?”

Há algumas semanas, ela era só uma menina ingênua que se apaixonou em uma casa noturna. Uma menina que trocou telefones e que deixou um rapaz levá-la embora, mas não permitiu que este botasse os pés dentro de sua casa. A menina que trocou beijos ardentes com um estranho que mais parecia um velho conhecido.

Ingrid achou que nunca mais faria algo tão terrível quanto trair um namorado, ainda que não o amasse de verdade, e lá estava ela reduzindo vidas a nada com o intuito de ampliar sua galeria de arte pessoal.

Perdendo o controle.

O quarto cada vez mais cheio retratava a urgência da situação. Ela percebia isso em alguns instantes de consciência. E foi num desses instantes que ela correu até a sacada, deixando os sapatos no caminho, e pulou na direção da liberdade... sete andares a separavam do asfalto antes do salto, e nada mudou após ter saltado. Ingrid parou no ar, como se apanhada por uma rede invisível; debateu-se, flutuando diante da luz acesa da sala. As cortinas tremulavam.

Por um momento que acompanhou um relâmpago no céu, ela pôde ver uma estátua de si mesma parada na sacada. Pôde ver o sorriso irônico, os olhos vazios, o cigarro entre os dedos... e o clarão azulado desapareceu, dissipando a ilusão. E a jovem continuava ali, flutuando. Cada grito produzindo um trovão, os braços agitados movendo nuvens, a risada histérica atraindo gotas pesadas da chuva anunciada. Gotas negras. Uma tempestade que engolia o mundo ao seu redor com breu e sussurros fantasmagóricos.

Um relâmpago iluminou tudo de novo, levando consigo a chuva escura e carregando a jovem de volta à sacada. Ela tombou de joelhos, sentindo finalmente as lágrimas verterem; as unhas passearam pelo rosto, marcando a pele; os joelhos tremiam sobre a poça de urina.

Do céu, só caía água de novo. Ingrid pensou que, se existisse um Deus, ele devia estar chorando com ela.

Após o ápice de sua loucura, a jovem sentiu florescer em seu interior a razão e a humanidade de que tanto sentia falta. Manteve as estátuas guardadas e jurou a si mesma que não acrescentaria mais nada à sua coleção. Resistiu à fome, sentindo as consequências físicas e psicológicas intensificarem-se com o passar do tempo.

Dias, semanas, meses. No começo, eram só tremores e enjoo. Tonturas. Dias se passaram, e vieram os pensamentos suicidas; toda tentativa de tirar a própria vida era inútil. Remédios, enforcamento, corte nos pulsos, nada funcionou.

“E se eu simplesmente me olhar no espelho? Talvez acabe com essa angústia de uma vez... ou só piore as coisas. Já não tenho certeza se aquelas pessoas estão mesmo mortas, ou só aprisionadas para sempre. Tem aqueles sussurros... os olhos opacos que, mesmo sem vida, imploram por socorro. Pode ser coisa da minha cabeça, mas pode não ser. Eu não sei...”

A luta continuaria.

Depois do primeiro mês, as unhas começaram a cair dos dedos. Os músculos das pernas atrofiavam-se aos poucos, alguns dentes despencavam da boca e os cabeços caíam em quantidade assustadora.

Depois do segundo mês, ela mal andava. Sofria de incontinência fecal e urinária, e as moscas que se deliciavam em suas feridas eram sua única companhia.

Depois do terceiro mês, veio a demência. Começou de forma sutil, silenciosa, mas logo estava ela a conversar com suas estátuas, assistir à tevê desligada e mastigar a própria merda. A noção de tempo se perdeu e a esperança rastejou para fora do apartamento imundo e fedido por baixo da porta, passando entre um par de pés antes de se jogar escada abaixo.

Havia alguém do lado de lá, no corredor mal iluminado.

Primeiro vieram as batidas na porta; depois, uma voz conhecida chamando seu nome.

“É ele. Só pode ser... meu Deus...”

Sua última gota de força só foi suficiente para que ela se arrastasse e abrisse a porta. Jonas protegeu o nariz do odor insuportável e resistiu ao impulso de correr dali no momento em que viu o estado da moça. Era difícil

acreditar que era a mesma pessoa que conhecera há poucos meses... a garota que ele não conseguiu esquecer. Que ele procurou por tanto tempo, após ter esquecido seu endereço, seu nome e seu telefone. Mas ali estava ele.

E era melhor que não estivesse.

A última coisa que Ingrid sentiu foi o alívio em poder olhar alguém nos olhos de novo. Jonas a pegou no colo e irrompeu pelo corredor buscando a saída. Ela sentia seu toque, sua respiração, a pele suada. Sentiu a vida, finalmente e depois de tanto tempo.

A esperança de ser só ela.

— Jonas... — Foi tudo o que ela disse

O rapaz, olhando em seus olhos, aproximou-se para que pudesse compreender seus sussurros. Aproximou-se tanto que ela pôde ver, nos olhos dele, a própria imagem refletida.

Lembrou-se por um instante rápido como um relâmpago do que era o amor, e então, sentiu a morte.

Finalmente e depois de tanto tempo.

EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

XII CERIMONIAL DA CONSPIRAÇÃO MALIGNA



Noite de lua cheia.

Noite do Diabo!

Ela chega acompanhada de sua filha que, ao dar um beijinho em seu rosto, se despede.

Ela está sozinha, abandonada aqui, neste covil de lobos, à espreita.

Mas não sinto medo em seu olhar.

Os lábios finos ainda não perderam a delicadeza.

A Dark Queen ainda traz consigo toda sua imponente majestosa.

Hoje é dia de trevas, e a escuridão sempre foi o seu lar.

Soraya Abuchaim, está entre nós, mais uma vez.

Ele chega atrasado, e me pergunto se mesmo nessa idade ele estava em algum casamento.

Seu ar jovial definiu, mas o carisma de bom moço ainda o acompanha.

Ele é o último a encerrar essa profecia.

Ele é o ícone sagrado que completa a magnitude do algarismo 13 e seu

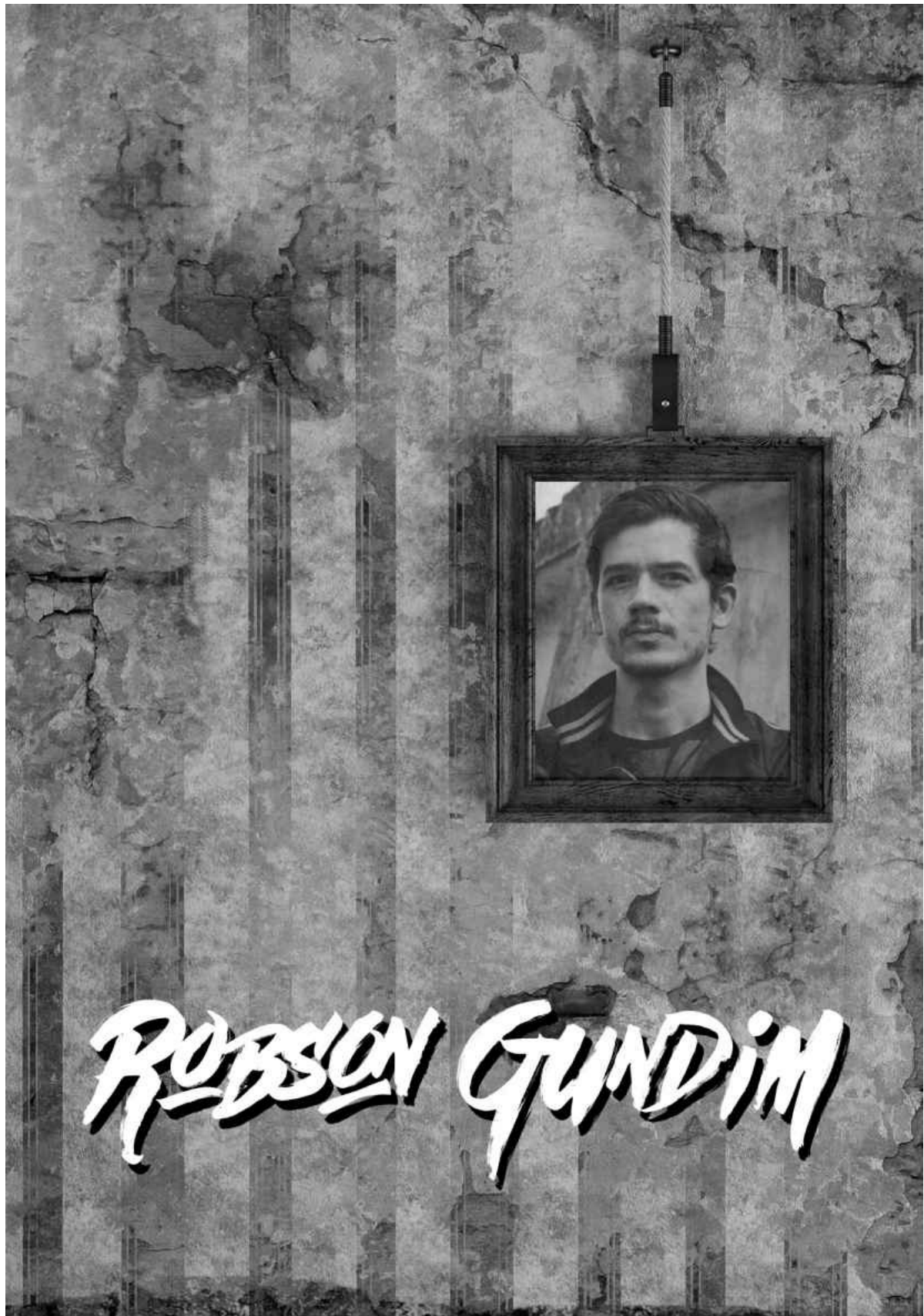
significado.

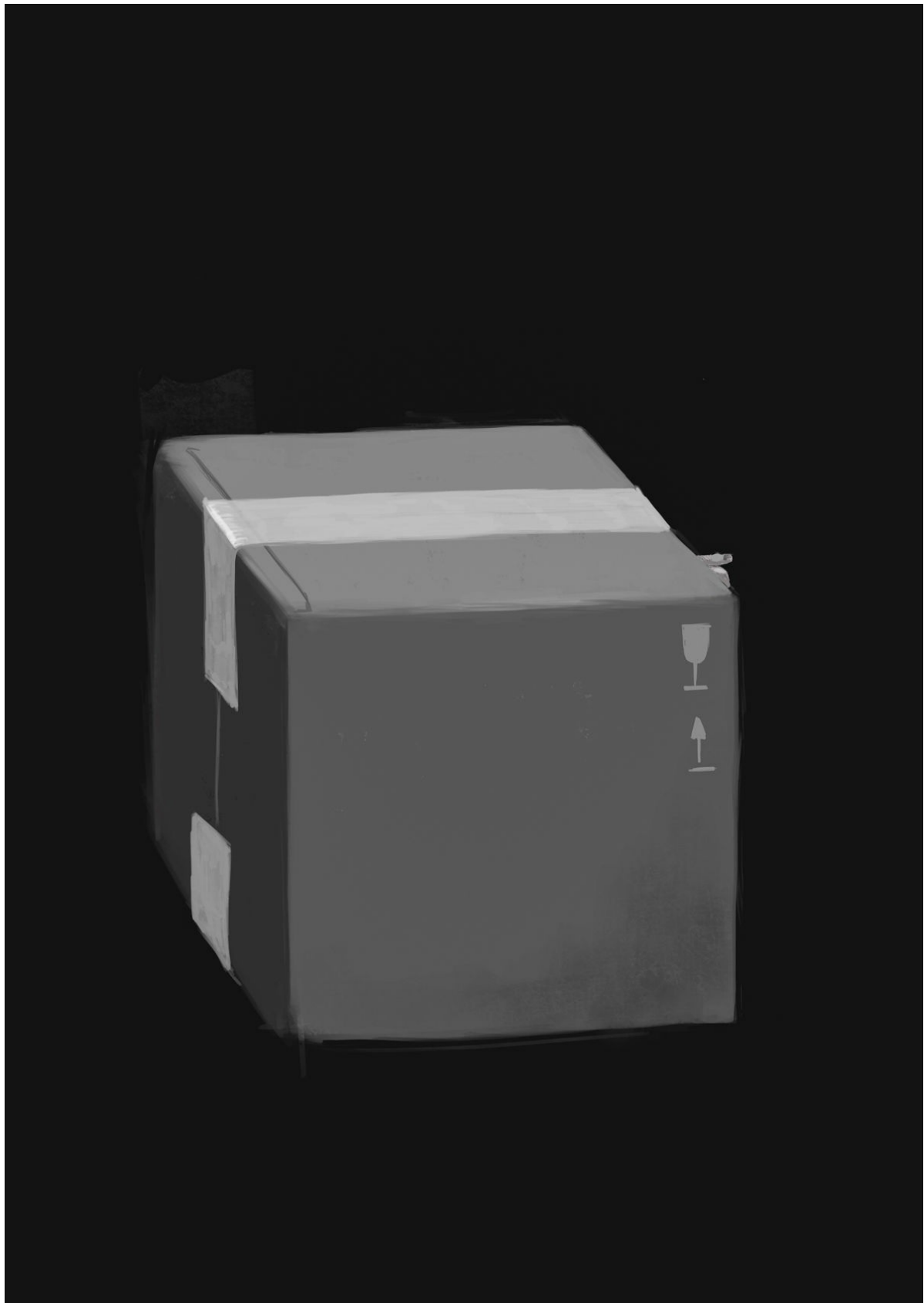
É o cordeiro que sela o abate, é o mais aguardado para a revelação da profecia.

Bonini finalmente ceda o novo círculo.

Estamos todos mortos...

Que comece o abate nessa noite macabra.





UM DRINQUE NO MATADOURO



Todas a sextas-feiras, à meia-noite, Humberto dirige o seu velho caminhão com uma carga de duzentos caixotes. Ele sai da pequena cidade de Wenceslau Guimarães, no interior da Bahia, e toma a BR-330, destinando-se a Paraíso Florestal, onde realiza o custoso descarregamento na companhia de um amigável ajudante.

Naquela noite quente, Humberto estava estafado. Discutira feio com a mulher, perdera a hora do carregamento (que era feito nos confins da cidade) e, para piorar, ficara sabendo que o seu ajudante não iria acompanhá-lo. Com o celular pendido no pescoço, enquanto viajava, Humberto amaldiçoou-o.

— Filho da puta! Aposto que está mentindo!

As sessões em que descarregava os cinquenta caixotes não eram nada agradáveis. Paraíso Florestal era um povoado localizado abaixo de uma colina, possuindo por isso um difícil trajeto para um caminhão carregado trafegar. Ter o apoio de alguém fazia toda diferença naquele tipo de trabalho, tanto pelo esforço físico quanto pela escassez do tempo.

Atrasos não eram tolerados.

Os patrões de Humberto não eram pacientes.

Por isso, o caminhoneiro decidiu fazer uma visita a sua irmã, Sara, que residia na comunidade mais próxima, para saber se o filho dela estaria

disposto a ajudá-lo. Filho único de Sara, Isaque era um rapaz querido e sossegado. Tinha dezenove anos, uma namorada ciumenta e constituía para Humberto o significado de uma verdadeira amizade. É certo dizer que não se encontravam com tanta frequência. Depois que Humberto ingressou em uma empresa alimentícia, raramente visitava o amigável sobrinho. Apesar disso, sempre que necessitava de algum tipo de ajuda, para todos os efeitos, Isaque estava lá.

E foi com um sorriso no rosto que Humberto abraçou-o, ao ouvi-lo dizer que iria acompanhá-lo na viagem noturna.

Após um café revigorante, tomaram a estrada.

Isaque trocou mensagens com a namorada, e Humberto distraiu-se com a programação do rádio.

Apesar do calor, a noite avançara num percurso agradavelmente natural.

Conversas a respeito da família e outros assuntos semelhantes dominaram a primeira metade do trajeto.

Curioso, Isaque olhou no retrovisor, fitando os caixotes amontoados sobre a carroceria do veículo, e indagou ao tio:

— O que estamos carregando?

— Produtos alimentícios.

— Que tipo de produtos?

— Massas, bolinhos e biscoitos recheados... Não sabia que eu trabalhava para a Suzy?

— Não!

Isaque ficou surpreso com a resposta. Realmente não sabia que o seu tio trafegava para uma das maiores empresas alimentícias do estado.

— Eles pagam bem?

— Demais da conta — Humberto riu, — é o suficiente para levar a vida. Além disso, eu só viajo nas noites de sexta-feira.

— Tá de brincadeira...

— Tô nada!

— Você trabalha só um dia na semana?

— Uhum.

— E o que faz além disso?

— Encho a minha cara de cachaça e dou amor pra sua tia!

Ambos gargalharam.

Após uma buzinação, o caminhão ultrapassou uma carreta, também da

companhia Suzy, e seguiu o seu caminho.

Isaque ficou contente pelo tio. Eram raras as ocasiões em que se viam, mas era natural imaginar que ele havia conseguido o emprego dos sonhos. Sabia da paixão que o Humberto sentia pelas viagens. Como ele mesmo dizia, um velho lobo viajante! Porém, enquanto sorria à vontade, uma das mais inquietantes lembranças fez a sua harmonia transformar-se em confusão... Tempos atrás, Isaque ficou sabendo que o seu tio se envolvera com tráfico de drogas. Segundo as más línguas, ele carregava por baixo dos caixotes tantos quilos de heroína e cocaína pura, sem medo de possíveis flagras ou apreensões, em virtude da curta distância entre as cidades, e a notória ausência de blitz ou patrulhas da polícia rodoviária.

Levemente incomodado com aquilo, Isaque tornou a encarar os fundos do caminhão.

Os duzentos caixotes, armazenados na carroceria do veículo, estavam lacrados. É claro que poderiam facilmente ocultar qualquer tipo de mercadoria ilegal.

Seria verdade?

Na tentativa de livrar-se do incômodo, o sobrinho optou por distrair-se diante do celular...

Chegaram a Paraíso Florestal às 2h20 da manhã.

O clima esfriara bastante.

Uma lua cheia podia ser vista detrás dos galhos secos das árvores mais altas, além das casas antigas que compunham a única rua do povoado.

Graças à boa destreza de Humberto, o caminhão desceu a colina sem muitas dificuldades.

Luzes piscavam no topo dos postes, enquanto grilos e corujas cantavam em meio à noite silenciosa.

O veículo fez a volta e parou diante de um prédio que seguia a arquitetura da era colonial, cujo frontão dizia “Padaria dos Fontine”.

Dominado pela ação direta, Humberto saltou na frente e pediu que Isaque o seguisse até a entrada da casa de comércio, onde dois homens os aguardavam.

Trocaram algumas palavras.

Após cumprimentá-los, Isaque sentiu um calafrio.

Não soube dizer se foi devido à falta de luz ou mesmo ao sono que o atingira no momento, mas notara que os olhos daqueles habitantes quase não piscavam de tão duros. Suas cabeças se mostravam exageradamente grandes, e suas bocas pareciam obter um certo nível de deformidade que mexera com a compreensão do rapaz. Suas roupas eram longas, escuras, e vestiam 99 por cento de seus corpos, com exceção, é claro, de seus dedos pontudos e rostos anormais.

Isaque sacudiu a cabeça em um gesto involuntário, dizendo a si mesmo que o cansaço lhe pregara algum tipo de ilusão de ótica.

Acertadas algumas questões, um dos homens de preto apanhou uma chave e entregou-a nas mãos de Humberto, dizendo, em uma voz gutural, que deveriam descarregar os caixotes em um depósito de carga, aos fundos da padaria. Com os nervos à flor da pele e o anseio de escapar dali bombeando-lhe as veias, o sobrinho seguiu os passos do tio, desde a carroceria até o interior da loja, levando nos braços os primeiros caixotes lacrados.

Passaram por um salão repleto de mesas, estantes e balcões. Após um corredor, tomaram uma antessala cheia de armários que avizinhava a cozinha. Isaque fitou uma porta de ferro, que dizia “não entre”, e depositou o caixote no depósito de carga, próxima desta.

Soltou um suspiro de cansaço.

Encarou a caixa... Como aquilo pesava!

— São mesmo biscoitos? — indagou ao tio.

— É claro que são! — Humberto segurou-lhe o braço e acrescentou em voz baixa: — Não perca tempo com essas caixas... Vamos descarregar e voltar logo para casa, está bem?

Num riso contrafeito, Isaque anuiu.

Mas é claro que a advertência súbita causou-lhe um incômodo sem fim. Por qual motivo não podia “perder tempo” com as caixas? O que havia dentro delas? Logo os pensamentos trouxeram aquelas lembranças amargas. Além do cansaço físico e da curiosidade alarmante, ficou a indagar a si mesmo se não toparia com tantos quilos de drogas caso abrisse um daqueles caixotes...

“Você está fantasiando as coisas.” Pensou. “Volte ao serviço e deixe essa merda de pensamento de lado!”

Já fazia algum tempo que Isaque lutava contra certas superstições, sobretudo em noites longas e tristes como aquela; em que a lua cheia ilumina

a serra com esmero, e os animais selvagens fazem ecoar o seu brado do interior das matas...

“Concentre-se.”

Caminhou até o veículo, onde os homens de preto o aguardavam com a mercadoria.

Uma sensação terrível, em forma de calafrio, atingiu o seu corpo quando recebeu nos braços o novo caixote. Os biscoitos pesavam além da conta... Não soube discernir o efeito, a natureza ou a origem do sintoma, e no entanto pareceu escutar (ou pensou ter escutado) uma espécie de respiração estranha ecoar de algum ponto inalcançável do interior da propriedade.

Embora soasse fantasioso, havia no ar do povoado uma espécie de fulgor indescritível que prenunciava desastre.

“Isso não é nada.”

Às guinadas, o descarregamento prosseguiu.

O ato repentino de apanhar e amontoar a mercadoria perdurou por um bom tempo, até Isaque passar novamente pela porta com a placa “não entre” e sentir alguma coisa gotejar em seu braço. Foi algo líquido, viscoso e fresco.

Olhou na referida região da pele. Uma gota vermelha escorreu até a ponta do seu cotovelo.

Isaque gelou.

Seu peito começou a disparar antes mesmo de cogitar abrir a tampa do caixote, que exalava um odor desagradável.

Após uma breve olhada para trás, colocou o objeto no chão e arrancou a tampa de chofre, deparando-se com uma imagem tão estarrecedora que o fez dobrar-se diante de tamanha evidência: dois pares de mãos, seguidas por antebraços decepados — ainda frescos — estavam perfeitamente posicionados dentro do compartimento quadrado. Isaque começou a ficar tonto, sentindo na pele a terrível sensação de que desmaiaria. Por instinto ou, quem sabe, dúvida cruel, destampou as outras caixas que havia transportado. Por baixo do papelão, se achavam empilhados em pequenas caixas térmicas de isopor os mais derivados tipos de carne fresca que se possa imaginar.

Devido ao choque emocional, Isaque não teve a menor dúvida de que estava lidando com órgãos humanos embalados em caixotes de supermercado.

Arrepiado, tampou as caixas depressa e limpou a marca de sangue no braço.

Respirou fundo.

Tentou acalmar-se e manter as aparências, antes que os homens de preto ou até mesmo o seu tio desconfiassem de que estava a par de tudo. A julgar pela descoberta macabra, Humberto deveria estar envolvido com tráfico de órgãos humanos.

Mas como explicar as mãos e os braços decepados?

Cristo.

Isaque fez o caminho de volta, em direção à saída.

Dadas as circunstâncias, pensou em escapar de Paraíso Florestal por conta própria, pois a intuição lhe dizia que cedo ou tarde poderia ser pego.

Seu rosto suava sem parar.

Suas mãos tremiam.

O arrependimento por ter se dirigido àquele local começou a atormentá-lo.

Se houvesse dito “não” ao seu tio, estaria em casa, seguro...

Droga.

Não conseguiria manter a calma por muito tempo.

Tentar fugir sozinho em meio a uma noite escura era uma ideia arriscada, mas parecia ser a sua única saída.

Decidiu-se.

Em vez de deixar a padaria pela frente, escapar pelas ruas e fugir pela colina, abriu a porta que dizia “não entre”.

Viu-se em um cômodo escuro. Tateou a região do trinco e encontrou uma chave.

Trancou-se.

Se encontrasse uma saída alternativa (talvez pelos fundos), poderia escapar pela floresta e arriscar um pedido de ajuda na estrada mais próxima.

Arrastando-se pelos cantos do recinto, Isaque encontrou os interruptores de luz.

Um som de cochicho chegou aos seus ouvidos.

Em seguida, um gemido.

De novo, aquela respiração...

Não estava sozinho.

Ao ligar as luzes, apavorado, Isaque se viu em meio a uma sala de jantar. Havia uma mesa composta por treze lugares, posicionada ao meio. As pessoas que a ocupavam eram extraordinariamente anormais; seus olhos,

assim como os dos homens de preto, eram duros e firmes, e suas faces se achavam em uma condição tenebrosa que desafiava a lógica humana.

Além disso, nenhum dos habitantes estava totalmente vestido, o que possibilitava uma vista mais detalhada sobre a pele necrosada e cascuda.

Em seguida, ocorreram dos mais terríveis eventos que deixariam na alma de Isaque a maior de todas as marcas do medo.

Não levou muito tempo para que os homens de preto chegassem.

Isaque foi pego ainda antes de tentar escapar.

Aos gritos, fora levado para um cômodo ainda mais remoto e obscuro, onde fora despido e mantido em cativeiro por dias, meses ou anos... Não soube afirmar.

Ele nunca mais ouviu a voz do tio, que decerto fazia parte daquele tipo de ordem sinistra.

Apesar do horror e do sofrimento que passara naquele povoado, Isaque não soube e, para todo fato, jamais saberá dizer qual foi a pior parte da sua experiência funesta: as criaturas disfarçadas de pessoas, ou a fome insaciável por carne humana que passou a dominá-lo.

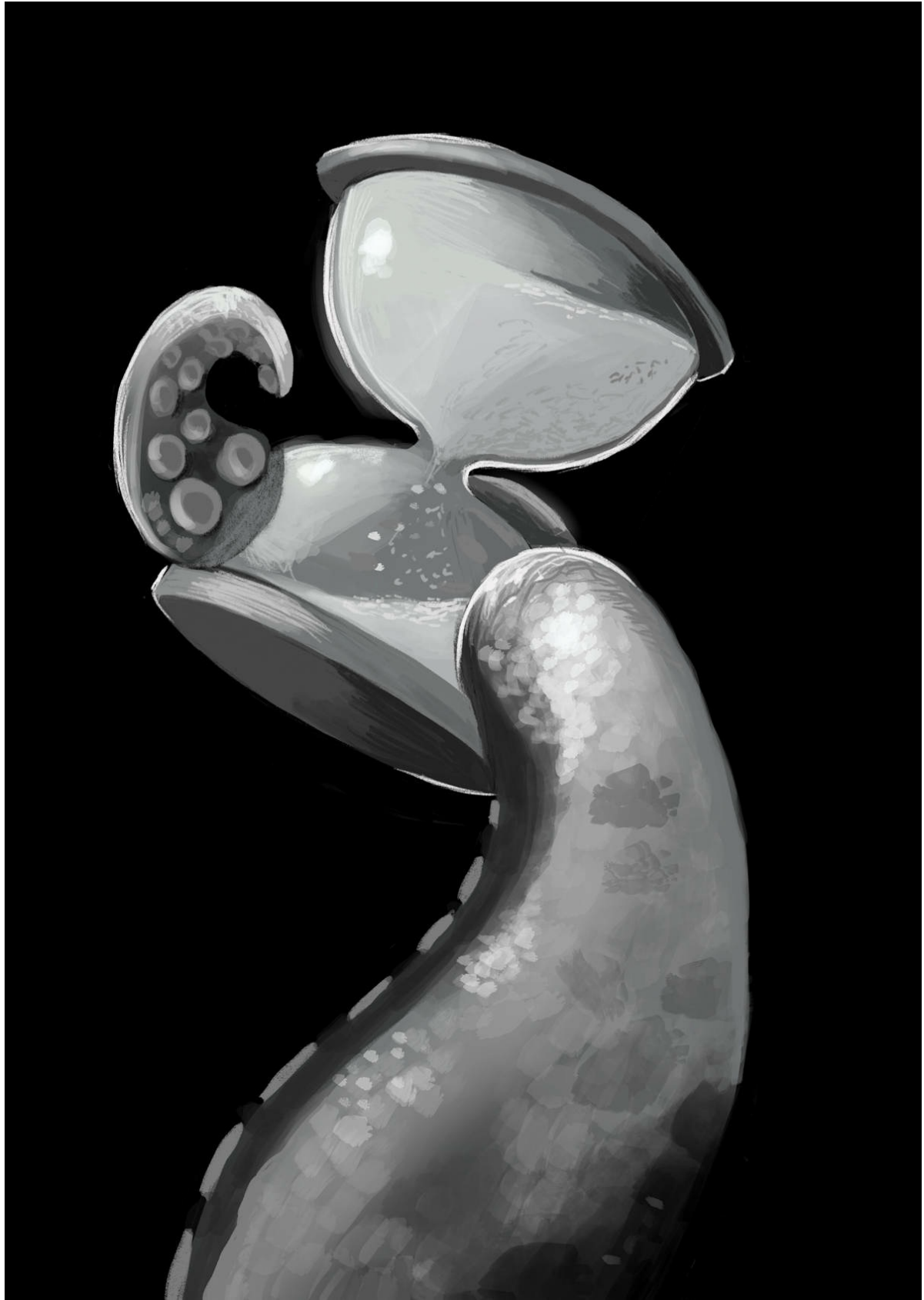


In Memoriam
RAUL DIAS

1991 – 2060

BOM FILHO E AMADO ESCRITOR.





EPÍSTOLA DO ANFITRIÃO

XIII ÍDOLOS CAÍDOS



Cláudia não vem.

Sim, mais uma vez enviou-me lembranças acompanhadas de um pedido de desculpas, justificando, em palavras levianas, que os filhos estão crescidos, mas que o trabalho e a missão de uma mãe perdura por toda a vida, até o momento oportuno do santo repouso no túmulo.

De fato, concordo com ela. Embora desapontado, meu coração compreende o contratempo.

Oscar foi o primeiro convidado e, apesar de estar velho e de cabelos grisalhos, seu bom humor permanece o mesmo. A lista foi específica, apesar de curta. No Halloween, temos costume de venerar os mortos que nos abandonaram. Mas na data sutil, eu resolvi fazer o oposto. Resolvi presentear, com a mais sublime de todas as honrarias terrenas, aqueles que no passado foram inspiração para o que me tornei.

Como um bom anfitrião, já estou elegantemente arrumado quando recebo os primeiros convidados. Os meus olhos se encontram com os dela, e toda sua jovialidade, tão fugaz e rara, ainda está lá. Que bom revê-la, Abuchaim. Vestido negro como a noite, e uma aura obscura que nunca perdeu sua sutileza. Não é à toa que se tornou uma das mais consagradas rainhas da sua época.

Robson e Danilo chegam após algumas horas, e durante o tempo que esperamos os outros, ambos falam com entusiasmo sobre o filme que ainda lidera as bilheterias do cinema. O intitulado “Enquanto eles não vêm”, inspirado na obra de Gundim, foi uma parceria que deu certo com o diretor cinematográfico mais bem-conceituado do mercado nacional.

Em algumas horas, chegam mais convidados. O relógio de areia vacila, enquanto meu coração pulsa forte em meio a um milhão de trombetas que anunciam a chegada. É bem sabido que é Halloween, a noite em que todo o mal tem sua vitória. Perguntas demasiadas e egos sendo exalados em minha grande mesa.

Rebecca, com seus olhos astutos, me olha com desconfiança. Embora seja humilde, sei que não compreende como um velho ranzinza como eu ainda mora no coração de São Paulo, enquanto eles, os ídolos mais célebres de minha Juventude, ganharam rumos de outros países com suas obras. Respondo de modo espontâneo que ainda tenho predileção pelo passado. Afinal, não é ele a raiz de quem somos? Não é o passado o sono onírico que nos faz melhores ou piores do que imaginam? Talvez algum deles possa discordar, mas quando a velhice chega, resta apenas a acidez das lembranças estampadas em fotos de molduras velhas. São nesses momentos que o homem poderoso sonha com o passado, com o gozo da plenitude, juventude e fama...

É neste momento que ele cobiça quem está acima, que deseja ser o homem que está no pódio. É nesse maldito momento que ele implora a Deus e ao diabo que restitua tudo que a vida foi lhe tirando aos poucos. A areia do relógio ainda corre fina, meus últimos convidados estão prestes a chegar. Junto deles, algumas histórias sobre o bem e o mal. Eu só anseio por ouvi-las nesta noite macabra.

A mesa já está posta, com as mais finas iguarias. Busquei agradar a todos com esse farto banquete. Sei que Aislan ainda tem paixão por sangue e tripas, por isso a comida foi tão bem decorada com esse aspecto visceral.

Globos oculares imersos em drinks vermelhos cintilantes, massas com aspecto de cérebro, e um pouco de escuridão sob a sala de jantar. As velas negras estão postas sob os candelabros de prata velha, guardados com tanto

zelo para essa ocasião. Ao longe, há uma vitrola antiga dos anos 80 tocando Vando. Silenciosamente, os discos de vinil são trocados. É hora de tocar a inesquecível Cirice.

Com um tilintar sublime, o mordomo já sabe que é hora de dar início à cerimônia de honra.

— Queridos, que grande honra tê-los todos a minha mesa. É uma pena que a cadeira de Lucas Odersvank permanecerá vazia. — Vejo em seus semblantes o escândalo ao falar do amigo morto. — Maud decerto não virá porque casarões como esse lhe causam arrepios. Casas antigas remontam, para ela, antigos pesadelos.

Dallas, apesar da idade avançada, ainda é o mais novo e, invicto em sua perspicácia, logo sente a aura negra que se espalha nesta mansão:

— Certamente, nossos amigos mortos estariam felizes em estarem aqui reunidos para também contar suas capirotices. — diz em um tom zombeteiro, enquanto seu talher de prata esmaga, no prato, o doce com aparência de globo ocular.

Os novos convidados chegam revestidos em sua glória. Por Deus, como estão elegantes, mesmo depois de tantos anos? Thaísa Hossmann parece mais confiante e entusiasmada. Deleu fala a todo tempo sobre os netos que Raj e Don lhe deram. Quase todos estão presentes, mas ainda falta o mais esperado de todos os convidados. Sem ele não há motivos para essa cerimônia ser celebrada. Em tons desafinados, peço aos presentes que narrem uma de suas melhores histórias. Peço algo que remeta ao passado, desde a época distante em que nos conhecemos, quando eu ainda era um moleque e os tinha como espelho.

DeMicco inicia o conto. As rugas em seu semblante desfizeram toda sua beleza, mas a maestria de sua narrativa ainda vive ali: bela, madura, vivaz. O salão vai se tornando mais obscuro a cada narrativa. Soraya traz sangue em taças com tons rubros, a Dark Queen ainda reina mesmo na velhice. Maggessi talvez seja a única que aposentou a velha escrita, mas ainda assim presenteia a todos com seus segredos mais sombrios entre os vivos e os mortos. Agora é uma senhorinha curvada com o peso do próprio corpo. Os óculos de lentes finas são agora fundos de garrafa que impossibilitam a visão dos olhos miúdos. A bengala se tornou sua melhor companheira.

Enquanto os convidados trazem de volta os velhos demônios e fantasmas, o relógio de areia já acusa não ter mais tempo.

“Calma, velho amigo, calma”. – Suspiro em meu silêncio.

“Há tempo para todas as coisas, até mesmo para a última folha que abandona um galho seco”.

O Salão sombrio preserva um antigo cheiro do passado impregnado em cada pedaço da antiga mobília. A cadeira vazia do último convidado permanece a sua espera. Não, não me refiro ao rei Cesar. Todos sabem que ele já está morto, mesmo que ainda em hostes infernais, seu legado aqui foi perpétuo. Eu me refiro, portanto, ao último; àquele que traz o medo entranhado em suas palavras. Aquele que, apesar de maligno, tem uma aura santa.

O mordomo traz uma mensagem. Bonini irá se atrasar. Eu me pergunto se mais uma vez ele usará a desculpa que tem um ilustre casamento. Todos na mesa gargalham enquanto brindam.

— Talvez ele não tenha ido a um casamento, e sim, celebrar o Horror na Vila dos Pecados. — satirizo a situação — já imagino Soraya, como uma viúva negra, passando a data naquele lugar.

— Que santo sacrilégio! — Ela resmunga. — Não aguento mais ouvir sobre esse livro, mesmo após tantos e tantos anos!

— Ah, não me lembre dessa Vila! — Lucas Dallas respira enojado. — Aquele lugar só tem gente duas caras.

Rafaela Vilella está presente. Com olhos arregalados, pergunta-me sobre como foi o passar desses longos anos; o que tenho escrito e publicado; o que tenho feito com meus papéis e nanquim. Continuo o mesmo ghost writer de tantos anos atrás. A diferença é que agora minhas histórias são feitas com personagens e temas reais.

É claro que essa resposta pode deixá-la apreensiva, então busco as palavras mais fáceis, como uma víbora que prepara o bote. Enquanto narro a minha trajetória, minhas conquistas e toda a aquisição dessa morada tão velha, elegante e hostil, percebo os olhares furtivos dos meus convidados. Os candelabros e estátuas chamam atenção. Os espelhos pintados de preto embelezam as paredes altas e dissolutas. Ao redor, os quadros gigantescos dos mestres ancestrais Poe e Lovecraft nos abençoam. Que eles sejam louvados.

— E você, meu velho anfitrião, não vai nos honrar com um conto?! — Robson rouba a atenção dos companheiros. O pedido é então reforçado pelos outros ali reunidos. Oscar muda os timbres e, em alguns segundos, assume uma rouquidão de Tom elegante, em um formoso francês: “preciso psicografar novamente os 72”?

Sorrio. Não, não estamos aqui reunidos, hoje, pela goétia, tampouco para somente rir sobre as vitórias e os erros dessa longa jornada literária. Estamos aqui para algo maior, para a escrita de uma nova história. A epifania de um novo tempo em meio ao abandono.

Para satisfazer minhas visitas, resolvo ceder aos pedidos. Vou contar tudo de forma breve e sutil. Sei que eles pressentem o que está por vir. Sentem a malícia impregnada por trás do meu convite. Início narrando uma história sobre deuses antigos e seus ancestrais. Falo sobre novos rumos e sobre os questionamentos de Nietzsche em sua época. “Torna-te o que tu és”, assim ele dizia. Em meio a minha narrativa, ele finalmente chega. Está elegante, arrumado, vestido em tons escarlates, embora seu cabelo longo continue desganhado. Vejo que agora fuma charutos. Ele pede licença, senta-se à mesa e pergunta o que perdeu. Cedo-lhe a honra de um conto. Convido-o a enfeitiçar todos com seus pequenos milagres. A areia do relógio finalmente chega ao fim. No tempo exato, como meu coração prévio. Todos estão entretidos demais para encontrar a verdade no covil. A essa hora todos estão bêbados, enquanto o tempo vacila. Os espelhos projetados sofrem as leves rachaduras. Os meus ídolos estão todos ali, alinhados a minha mesa, como os planetas em órbita esperando o regresso da escuridão perpétua.

Venerados, idolatrados, benditos e malditos.

Com suas perfeições intactas e exóticas, com seu aroma de morte e sândalo, Soraya ri freneticamente enquanto sua maquiagem negra escorre junto ao sangue. Todos ali caem na Divina Comédia. Eles riem mas não entendem por quê. A loucura vai invadindo cada mente daqueles malditos. A insanidade os domina, a surdez estoura seus tímpanos em sangue divino. Em minutos todos estão falando em línguas, comendo com as mãos como animais, fartando-se como porcos prontos para o abate. Algo ancestral paira entre nós. O clamar vem como um sopro no espaço de mil estrelas decadentes

em meio a uma supernova. Eles finalmente chegaram. As criaturas de carne viva com tentáculos e mandíbulas se arrastam dos espelhos negros acima de nossas cabeças, projetados no teto, agressivos e famintos. São como deuses nos abençoando. Vieram buscar o galardão.

Ouçó os ossos quebrando. Ouçó o estalar de cada vértebra. Sangue lavando as taças cristalinas e olhos esbranquiçados embelezando os semblantes velhos e murchos. Ouçó gritos estridentes ecoando na noite de Halloween. Ouçó meus convidados chorando por salvação. Queriam anteriormente que eu contasse uma história. Finalmente estou preparado para assim fazer com devoção. Os espelhos explodem em mil cacos cristalinos, estilhaços em uma cascata cortante de vidro.

Dilacerados, fracassados, malditos e benditos.

Como disse há algum tempo, a cobiça faz o homem cometer seus divinos sacrilégios. Faz implorar a Deus e ao diabo pelo regressar do tempo. O calendário marcava 31 de outubro. O número simbólico que predestinava aquelas vidas: 13 almas, treze rostos, 13 vozes. O convite singelo não era mais que uma oferta para o regresso se tornar completo. Para renascer um medo antigo e ancestral era preciso mais que um. Eram necessárias treze almas deturpadas de meu tempo. Eu escancarei as portas da alma de cada um deles e ali, em meio às carcaças fadadas ao abandono, os seres antigos estavam de volta com suas coroas de chifres, podridão e lodo, devorando a tudo e a todos. O mais antigo cobriu-me com sua sombra, afogando-me em petróleo quente, viscoso e negro, e não parou até adentrar todo em minha boca.

A cabeça de Jesus, o último dos 13, foi destroçada com violência. Os selos negros traçados de líquido podre demarcaram por todo o redor da mesa, como um grande ritual. As vísceras, pulmões e órgãos dos demais estão a minha frente. Eis os meus ídolos caídos. Com suas histórias, sangue e últimas preces.

Ao erguer a cabeça agraciado pela sombra que me tocou, sinto a sombra deles — os deuses antigos — todos sentados nos lugares que ocupavam meus amigos tão amados.

Estamos reunidos de volta, como estivemos há tantos anos nas galerias de Hologrom. Os homens de feições de ratos estão aqui, todos com seus mantos majestosos. Há outros deuses revestidos de petróleo negro, tentáculos, garras, olhos e dentes. Estão satisfeitos com o banquete preparado nessa ceia negra.

Quando finalmente meus olhos se abrem, jazendo a negridão sem fim, estou jovem novamente, pronto para escrever sobre eles no antigo necronomicon, pronto para recitar o mais sublime memorial aos meus heróis caídos e narrar o monstro que me tornei...

Pronto para narrar sobre o retorno de ctulhu... O deus que despertei.

AGRADECIMENTOS

Dizem que a união faz a força e, com ela, construímos um império. De fato acredito que seja verdade, e este projeto é a prova viva disso. Aqui temos a voz de vários autores, com seus anseios e medos, todos externados na escrita.

Por mais incrível e incompreensível que seja, “Noite Macabra” nasceu de um profundo desejo de expurgar fantasmas que convivem comigo desde antigas temporadas nubladas. Aqui, nessas páginas, aos poucos você vai entender que a velha mansão nada mais é do que um estado de espírito. Em simples palavras, bem-aventurados aqueles que compreendem a metáfora: o nosso próprio lar, e finalmente entendemos que nestes escombros cabe a nós o que deixamos germinar, seja o bem ou o mal. A linha é tão tênue, que às vezes caímos no equívoco de confundi-los.

Aqui você também vai encontrar amizade, traições, interesses, jogos de egos: tijolos fundamentais para erguer essa mansão.

Não posso, em hipótese nenhuma, esquecer-me das pessoas que trabalharam duramente para erguer essa mansão, para que eu pudesse recebê-los neste Halloween. Entre tantas pessoas eu me sinto no dever de agradecer ao querido irmão, e melhor amigo, Robson Gundim, um grande parceiro que a vida literária me trouxe. Quero agradecer à incrível Rafaela Villela por toda a parceria e por ser tão doce comigo: querida, não faz ideia do quanto seu trabalho agregou e foi fundamental para esse livro. Quero agradecer à querida Renata Maggessi, que foi uma das pessoas que mais madrugou com noites regadas a café na companhia desses velhos fantasmas! Amiga, obrigado por todo o apoio que você tem feito! (eu sei que você deve estar revisando esse

texto agora, com um sorriso nos lábios!).

Quero agradecer também ao Pedro Deleu, pela oportunidade de parceria, ao “Sim” da nossa querida e inestimável Cláudia Lemes, e por último, mas não menos importante, o meu muito obrigado a todos os incríveis autores que toparam esse desafio maravilhoso e obscuro. Eu espero que todos vocês, autores, leitores, editores, ilustradores, designers, amigos, colegas, rivais, cristãos e ateus, sintam-se acolhidos. Que amem mais, julguem menos, e, enfim, nesses meus escombros, sintam-se acolhidos.

Aqui, meus demônios lhes recebem como um velho amigo.

Missão Cumprida!

Com amor,

Raul Dias

O organizador e Anfitrião.

PLAYLIST



